

Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

QUINTA-FEIRA
20
NOVEMBRO
1975

O SEXTO ESTA' ROTO



O SEXTO GOVERNO FOI DESGOVERNO!
SO' SERVIU PARA ESTIMULAR
AS ACTIVIDADES CONTRA-REVOLUCIONÁRIAS!

BASTA!

VI GOVERNO FAZ "LOCK OUT"

- Chantagem e demissão consideram as forças progressistas

Reunido desde as 15 e 30 em Belém, sob a presidência de Costa Gomes, o Conselho da Revolução vai decidir da viabilidade ou não do VI Governo que, esta madrugada, tentou a última chance paralisando a sua actividade como forma de pressão e chantagem sobre o Chefe do Estado e o próprio C.R. Forças progressistas nos sectores civil e militar admitem a possibilidade da queda do actual Governo como forma de resolução da crise numa perspectiva verdadeiramente de esquerda. Ou seja, pela criação de um Governo revolucionário

empenhado de facto na instauração do socialismo no nosso País.

Convocado pelo ministro Melo Antunes o VI Governo decidiu cerca das 2 da manhã após algumas horas de reunião em S.Bento, «suspender o exercício da sua actividade governativa até que S.Ex.^a o Presidente da República e Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas lhe possa garantir as condições indispensáveis ao exercício das suas funções e autoridade, em ordem a assegurar o cumprimento do seu programa de Governo em todo o território nacional».

Continua na pág. 4

"NEM QUE ESTEJAM 20 ANOS"

Pára-quedistas dizem "não" ao C.E.M.F.A.

Não à passagem à disponibilidade dos camaradas que vêm de Angola sem que os contactemos antes; não à passagem de licenças registadas; não às ordens do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, decidiu o plenário das praças pára-quedistas reunido esta manhã em Tancos para análise da ordem ontem emanada do C. E. M. F. A., que mandava passar à disponibilidade e entrar de licença registada, todas as praças do Regimento de Caçadores Pára-Quedistas de Tancos, cujos efectivos são superiores a 1000 homens.

Por seu turno, os sargentos, num total de 300, mantêm-se «firmes como uma rocha» na defesa das posições revolucionárias assumidas e na opção que fizeram ao lado das classes trabalhadoras. Tancos é, assim, agora uma unidade revolucionária autodisciplinada e

um baluarte para defesa das conquistas alcançadas pelo Povo. Ao lado das praças e sargentos, honra lhes seja feita, mantêm-se ainda alguns oficiais progressistas.

Entretanto, jornalistas que puderam observar as condições de funcionamento da unidade referem que a disciplina é completa a instrução prossegue ainda com mais entusiasmo e a moral elevadíssima.

Como se sabe, 123 oficiais contrários ao avanço do processo revolucionário abandonaram a unidade depois de se recusarem a comparecer a um plenário de sargentos e praças para esclarecimento da situação, afirmando que o faziam para regressar às suas unidades de origem. Porém, chegados a Lisboa, nomearam uma chamada comissão de luta propondo-se desígnios completa-

Continua na pág. 4

"CHANTAGEM"

— ACUSAM

O P.C.P.

E M.D.P./C.D.E.

— **concentração**

**em Belém, a partir
das 15 horas**

«A decisão do VI Governo de suspender o exercício da sua actividade reveste-se de extrema gravidade e precipita o aprofundamento político-militar — pode ler-se num comunicado emitido ao princípio da manhã de hoje pelo P. C. P., na emergência da situação criada pela decisão do Conselho de Ministros. «Esta decisão tomada pelas forças de direita do Governo — diz aquele Partido — não representa o reconhecimento do fracasso da sua política com a qual procurou inverter o processo revolucionário, mas significa, muito pelo contrário, uma manobra de chantagem para forçar alterações nos comandos militares que lhe garantam os meios repressivos para abater as crescentes resistências e oposição das massas trabalhadoras e das forças revolucionárias a essa política. O Governo «suspende-se», tentando evitar a sua demissão.»

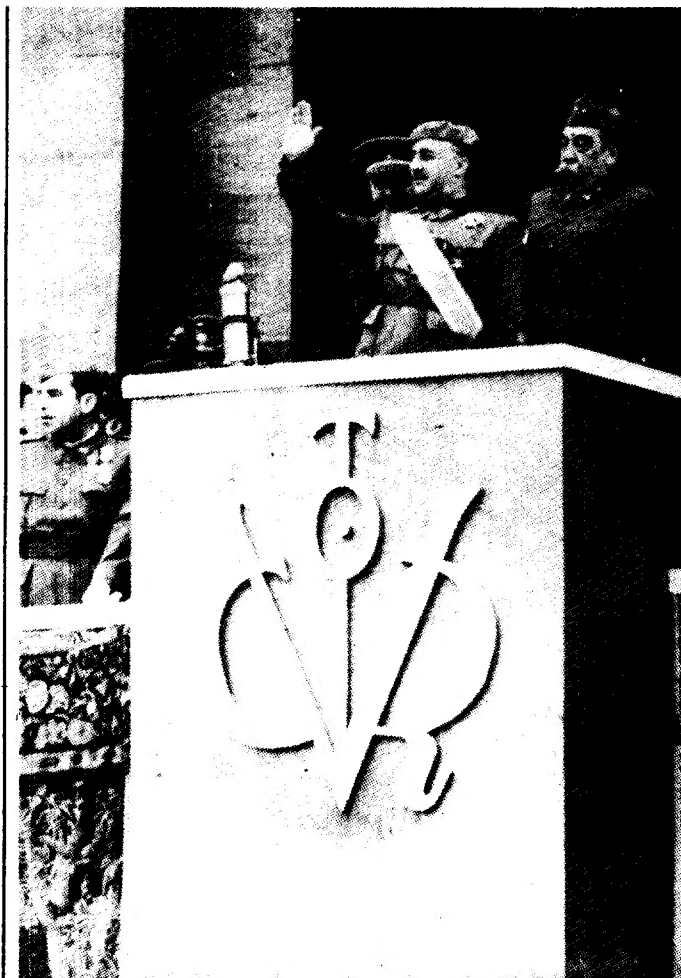
O comunicado do P. C. P. rememora seguidamente os sucessivos desaires do VI Governo perante as dificuldades que se lhe foram levantando ao longo de dois meses de actividade. «Dois meses de experiência do VI Governo indicam exuberantemente que as tentativas de viragem à direita longe de constituírem uma saída para a crise representam o seu agravamento» diz o P. C. P.

Continua na pág. 18

UNIR A ESQUERDA RECONSTRUIR O M.F.A.

Necessidade de se reconhecer a luta de classes como base fundamental da Revolução, necessidade de recuperar o documento-guia da Aliança Povo-M. F. A., urgência em tornar real um autêntico bloco socialista, nas unidades das forças de esquerda, militares e civis, pelo que seria dado um estatuto de oposição ao P. P. D. e ao C. D. S., são outras tantas propostas defendidas pelo Gabinete de Dinamização do Exército num documento intitulado «Autocrítica e Reconstrução do M. F. A.». Na sequência, a criação de um Exército do Povo, escalonado numa hierarquia de competência e virado absolutamente para a defesa das populações mais desfavorecidas.

(Ler Pág. 7)



Franco em 1939 faz a saudação fascista, assistindo ao desfile da vitória nacionalista sobre os republicanos. Inaugurava-se assim um período de 36 anos, que constitui um recuo na história dos povos de Espanha.

MORREU FRANCO

senhor absoluto
da Espanha
durante 36 anos

(Págs. 3, 10, 11, 12, 13)

O VI
morreu
viva
o VII

Uma constante do bloco político que se tem rotulado de maioritário — posição tão discutível, numa revolução em que as eleições gerais têm um papel não fundamental — é o desrespeito pelos compromissos revolucionários assumidos.

Começou com o Pacto M. F. A.-Partidos, que foi rapidamente às urtigas na própria Assembleia Constituinte; continuou na plataforma de acordo para o VI Governo, nunca cumprida; foi o esquecimento e combate rápido ao plano M. F. A.-Povo; e, não pode esquecer-se, tem sido a dança ridícula da posição perante o M. F. A. ora se pede o regresso dos soldados aos quartéis e a dissolução do M. F. A., ora se reclama o M. F. A. como organização imprescindível à «revolução». Tudo depende «de quem é o M. F. A.»

Quem é O.M. F.A.». O VI Governo reuniu em si todo este jogo de contradições e oportunismo. Reclamando-se de «Governo de salvação nacional» após os ataques ignóbeis ao IV e V governos provisórios e a algumas das suas figuras, parecia que as forças que o compuseram a 99 por cento entendiam estarem todos os problemas resolvidos dando-lhe a proporção eleitoral. Puro engano, porque as classes trabalhadoras, lançadas num momento alto da luta revolucionária de classes, estavam já em condições de não se deixarem enganar e aripostaram golpe a golpe às tentativas de travar o processo.

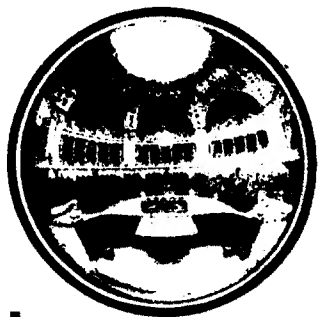
Porque outra coisa não fez, até hoje, este VI Governo do que tentar deter a revolução. As forças progressistas passaram a ser o alvo predilecto, a Informação progressista também, E. L. P.'s M. D. L. P.'s, separatistas nos Açores e Madeira, avanço reaccionário e fascista em certas regiões onde as liberdades deixaram de existir — se é que chegaram a existir — nada disso preocupou o VI Governo. A esquerda, sim. A revolução, sim. Os trabalhadores lançados na conquista da sua emancipação, única força verdadeiramente revolucionária, sim: esses têm sido caluniados, vilipendiados, agredidos, insultados.

O VI Governo joga em cheio na direita, e torna-se golpista.

Não vale a pena lembrar muitos casos, mas retemos o caso da Informação progressista e a real demissão da noite passada; lembramos as ameaças de secessão do País, as tentativas de passar Governo e Assembleia Constituinte para o Centro e Norte do País; lembramos a guerra aberta pelos partidos «maioritários» tentando lançar o País contra o País; o apoio claríssimo a sectores militares di-

Continua na pág. 20

Nacional



ASSEMBLEIA
CONSTITUINTE

Luta de regiões substitui luta de classes...

«Um observador desatento da realidade portuguesa e que se limitasse a ler a literatura política dos partidos de direita julgaria que a luta política que se trava em Portugal não é uma luta de classes mas sim uma luta geográfica, uma luta de regiões: do Norte contra o Sul, da província contra Lisboa, das ilhas contra o continente ou vice-versa». Palavras de Manuel Gusmão, deputado do P.C.P. na «antes da ordem do dia» de ontem na Assembleia Constituinte.

Entretanto, Bettencourt, P.P.D. dos Açores discursaria numa voz a cair pr' grave: «Os problemas dos Açores somente poderão ser solucionados pelos próprios açorianos, porque são eles que directamente os sentem».

«É por ter conhecimento dessa realidade, que os açorianos reclamam (e eu direi não só reclamam, como exigem) uma política descentralizada que se traduza numa verdadeira autonomia».

Regressemos a Manuel Gusmão que, como que a propósito, afirmaria: «Um dos instrumentos ideológicos privilegiados do fascismo foi erigir o chauvinismo nacionalista em trave-mestra do seu sistema político. Acentuando o nacionalismo procurava-se integrar as classes numa realidade super-classista que neutralizaria a luta de classes. Hoje, a manobra ideológica encontrou um sucedâneo: o chauvinismo regionalista».

Vital Moreira, na sua intervenção antes da ordem do dia fez o ponto da situação política: «Pretende-se marginalizar as forças de esquerda e fazer das

forças de direita a base do Governo. Pretende-se considerar como inimigos das liberdades e da Revolução as forças políticas da classe operária e das massas trabalhadoras e apresentar como seus defensores as forças políticas do capital e da burguesia. Pretende-se defender a Revolução saneando os revolucionários e promovendo os reaccionários».

DISCUTIR O DESCONHECIDO

Na ordem do dia foi concluído o título IV da Constituição com a aprovação do seu articulado.

As folhas com o referido título ainda não tinham sido distribuídas senão a poucos deputados — esclarece o P.C. Vota-se e ganha-se a discussão. Por mais absurdo que pareça é verdade: os deputados vão discutir o que desconhecem. Qual o valor real do corpo erguido para a contagem?

CARDIA DESMENTIDO

Ontem, na hora do expediente, Cardia (P.S.) foi desmentido. Não sendo a primeira vez o facto ficaria pedra se não fosse o próprio Primeiro-Ministro a esclarecer que Cardia mentira quando afirmou que ele, Pinheiro de Azevedo, fora sequestrado por elementos do seu gabinete. «Infeliz alusão», «calúnia», ouviram-se na leitura da carta de Pinheiro de Azevedo. Mais: o Primeiro Ministro emitiu um voto de confiança no pessoal do seu gabinete.

O C.D.S. dos Açores (em maré de expediente) pede

Continua na pág. 18

General Carlos Fabião

"A REVOLUÇÃO NÃO AVANÇA COM MILITARES ARRUMADINHOS E TRABALHADORES QUIETOS"

Os partidos políticos estão mais entretidos com exercícios de cúpulas e em manobras de poder, do que propriamente em trabalhos de organização revolucionária das massas trabalhadoras.

A acusação parte do general Carlos Fabião e consta de uma entrevista recentemente concedida pelo chefe do Estado-Maior do Exército ao «Correio do Povo».

Naquela entrevista, Fabião debruça-se em questões gerais colocadas pelo «C. P.», do género «O que entende por Povo? O que é o M. F. A.? Como e porquê as dificuldades dessa aliança?». Pergunta-se depois ao general se o M. F. A. tem ainda algum papel a desempenhar na direcção e vanguarda do processo revolucionário e o que pensa das possibilidades do fascismo se instalar, de novo, no nosso país.

QUEM É O POVO

Quanto à definição de Povo. Carlos Fabião recorda que são várias as definições, consoante o ponto de vista (sociológico, histórico, político, jurídico, revolucionário, etc.) mas acaba por decidir-se: «(...) Em Portugal, em 1975, Povo são todos quantos, em consciência, participam com todas as suas capacidades físicas e mentais na construção de um Portugal novo, onde não mais se dê lugar à opressão e à exploração do homem pelo homem».

Sobre o que é o M. F. A., o general afirma a certo passo que «(...) O M. F. A. é e terá de ser, cada vez mais vincadamente, o conjunto de soldados, sargentos e oficiais que tudo puseram de parte, para se dedicarem dia e noite, aqui e em qualquer ponto do País, à permanente construção da revolução portuguesa, batendo-se, numa perspectiva de classe, pela luta dos operários e camponeses, em desenvolvimento do processo revolucionário que há-de conduzir à construção do Socialismo».

RESSURGIR O M. F. A.

Mais adiante, o general viria a admitir que, entretanto, «as

inevitáveis contradições internas, agudizadas pela influência nefasta de forças exteriores, perturbaram a unidade da sua constituição inicial e ele entrou (o M. F. A.) de degradação em degradação, em decomposição».

Ainda assim, Carlos Fabião acredita que se estão a criar de novo «condições para o seu renascimento, e faço votos para que tal aconteça depressa, pois a revolução será bastante mais dura e acidentada sem o seu concurso revolucionário».

Comentando o impasse da revolução, coincidente com a crise no interior do M. F. A., o chefe do Estado-Maior do Exército emite a opinião de que «nem os partidos nem outras organizações conseguiram superar, neste impasse, a ausência do M. F. A. Sendo assim, o M. F. A. não chegou ao fim da sua missão histórica, que é a de impulsionar a revolução, ao lado das classes trabalhadoras. Ele irá ressurgir, portanto, mais dia menos dia, igual a si mesmo, para que o processo retome o ritmo perdido».

A IMPORTÂNCIA DOS S. U. V.

Para o general Fabião, as organizações populares e militares de base têm sido, durante a crise, o garante indiscutível da revolução: «Foram estas, nas suas movimentações sistemáticas, a que se associaram ultimamente os S. U. V., que têm impedido retrocessos graves na revolução».

Numa apreciação breve da importância dos S. U. V. no processo, Fabião aponta para os dois significados deste movimento: o militar e o político. Quanto ao primeiro, e contestando a posição em que se colocam os que se batem pelo regresso imediato dos militares aos quartéis, antes mesmo de estar assegurada a revolução que essa presença militar desencadearia, o general contrapõe: «O M. F. A. é com os militares não obedientes

e muito arrumadinhos nos seus quartéis, e com os trabalhadores quietos e silenciados nos seus lugares de trabalho que a revolução poderá avançar a caminho do Socialismo que todos desejamos».

Relativamente ao significado político dos S. U. V., Fabião aponta para a força autónoma de pensar político-militar que visa a imposição ao País e às Forças Armadas de uma linha de acção revolucionária que — disse — começou a perder-se a partir de Julho passado.

DO FASCISMO NÃO VOLTARÁ

Respondendo, noutro passo da entrevista, aos receios da esquerda, que afirma ser possível o regresso ao fascismo pela via social-democrata que o VI Governo Provisório encarna, o general diz que se trata de «grosseira distinção de um padrão político-económico que nada tem a ver com o famigerado fascismo». Da mesma forma, Fabião considera que «dizer-se, por outro lado, que a contestação que a esquerda move ao VI Governo poderá abrir de igual modo as portas ao fascismo (argumentação do VI) é cair-se, por outras razões, nos mesmos erros de análise (...)». O general explica-se:

Se é verdade que algo divide as forças progressistas e as próprias Forças Armadas, estou certo que todos nós nos dávamos as mãos face a um avanço claro e aberto do fascismo. Nem por um lado, nem por outro, será jamais provável, de novo, o fascismo em Portugal.

Mais adiante, o general diria das suas convicções:

Ultrapassada a fase inicial de desconfiança mútua e logo que o VI Governo, como creio, avance com as medidas correctas, face à situação concreta que vivemos, a crise será superada e a revolução reencontrar-se-á.

O Governo suspendeu a sua actividade esta manhã.

CIDADE MARGINAL

MILHARES DE CONTOS EM JÓIAS ROUBADOS DE UMA IGREJA

Um casal (ele com sotaque do Sul) assaltou o Museu Alberto Sampaio, de Guimarães, apoderando-se do tesouro de Nossa Senhora da Oliveira, constituído por peças de grande importância histórica e avaliado em muitas dezenas de milhares de contos. Os dois jovens dominaram o cicerone de serviço (Fernando Cunha, de 40 anos) com éter, depois de lhe terem aplicado uma forte pancada na cabeça. E, concretizado o furto, afastaram-se do local num carro «mini». As peças que integram o tesouro são todas em ouro, cravejadas a pedras preciosas, e datam dos séculos XIV, XVI e XVIII.

AS FOLIAS DO FALSO CAPITÃO

Fazendo-se passar por capitão da Força Aérea, para o que exibiu um falso cartão, o empregado de escritório Alberto Urdeira, de 44 anos, vagueou durante dias pelos bares nocturnos, a beber «à borla», a gozar a graça de belas raparigas impressionadas com o seu «garbo militar» e a roubar nos interiores de carros estacionados na via pública, tarefa em que foi surpreendido por uma patrulha da P. S. P., na Rua Barata Salgueiro. Acrescente-se que Alberto Urdeira saíra no passado dia 3 da Cadeia de Monsanto.

PUB

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE LISBOA MOÇÃO

Os Delegados Sindicais reunidos em Plenário, no dia 18/11/75, depois de atenta análise ao comportamento de muitas entidades patronais que se recusam a cumprir a portaria n.º 33 do Ministério do Trabalho decidem:

1. — Exigir a esse Ministério que assuma as responsabilidades que lhe cabem no sentido de obrigarem ao cumprimento do referido diploma legal;

2. — Exigir que esse Ministério mande passar credenciais às Comissões de Trabalhadores e Delegados Sindicais ou não as havendo, ao Sindicato, conferindo-lhes plenos poderes para executarem o pagamento dos salários e movimentar as contas bancárias das empresas onde os sócios, administradores ou gerentes recusem ao cumprimento da referida portaria;

3. — Exigir que as referidas credenciais sejam assinadas pelo ministro do Trabalho ou pelo secretário de Estado.

NOTA: No caso das credenciais serem passadas aos Sindicatos deverão estes proceder ao pagamento de salários bem como à movimentação das contas bancárias, depois de terem ouvido os trabalhadores da empresa e em colaboração com estes.

Lisboa, 18 de Novembro de 1975

Os Delegados Sindicais reunidos em Plenário

PUB

SINDICATO NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO

ESCLARECIMENTO

Sobre a Assembleia Extraordinária do Sector da Construção Civil marcada para o dia 21 em Lisboa e dia 22 no Porto

Tendo suscitado algumas dúvidas quanto ao âmbito desta Assembleia se esclarece que os problemas suscitados pela greve da Construção Civil carecem de uma análise que ainda não foi possível fazer e por isso se entendeu analisá-los em Assembleia específica dos Técnicos de Desenho abrangidos pelo Contrato Colectivo de Trabalho Vertical do Sector da Construção Civil de modo a habilitar suficientemente a Direcção a actuar de harmonia com os interesses do Sector.

Pel'A Direcção

Carlos Massapina

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Emídio Santana

**teatro
do bairro
alto**
Rua Tenente Raul Cascais,
1-A, 1-B (ao Largo do Rato)
Telefone 66 15 15



**Pequenos
Burgueses**
de
Gorki
TRÊS ÚLTIMOS
ESPECTÁCULOS
SEXTA E SÁBADO
ÀS 21.45 HORAS
DOMINGO
ÀS 18.30 H.

post scriptum

A atenção da U. D. P.

Deve parecer estranho que me dirija à União Democrática Popular através do «Diário de Lisboa». Mas como a «Voz do Povo», órgão daquele partido não publicou uma carta que lhes envié. Como no vosso jornal isso não acontece, dado que com a objectividade que lhes é habitual as cartas dos leitores costumam vir a lume, doam a quem doerem, aí vai esta a propósito de um comunicado da U. D. P. sobre a manifestação de domingo passado.

A U. D. P. alerta os trabalhadores para as manobras divisionistas do P. C. P., que apoiou essa grandiosa manifestação.

Ora o que é manobra divisionista é a saída de comunicados deste género, na véspera da manifestação, pelo menos a meu ver e aos olhos de todos os verdadeiros revolucionários. Mas há mais:

Que manifestação esperava a U. D. P. que o P. C. P. apoiasse? As do Porto, Faro e Lisboa, ao lado da grande burguesia, do grande capital e da reacção? Nessas não se vêem os comunistas. Os comunistas viram-se nessa grande jornada de luta que teve lugar no dia 16, ao lado do povo trabalhador e das massas exploradas deste País, como sempre têm aparecido.

Estiveram lá os senhores da U. D. P.?

Afinal de que lado está a U. D. P.? Quem são os seus inimigos?

Ou será que lhes custa muito ter que reconhecer que falso partido é o deles (...)?

Maria Arminda Dengucho — Marinha Grande

Há povo e povo...

Nada a dizer sobre as campanhas eleitorais (?) — eleitorais — que várias entidades políticas, governamentais ou não, vêm levando a cabo na RTP, após o pontapé de saída dado pelo secretário-geral do P. S. P. no «frente-a-frente» com o secretário-geral do P. C. P. Toda a gente viu. Já vimos também as presenças, muito preocupadas nesse campo, de elementos do C. D. S. e do P. P. D. Ainda hoje vimos o dr. Sá Carneiro, muito empenhado em marcar posições contra os «golpismos» do P. C. P.

(...) Não percebo o que quer dizer povo na boca desses senhores, que a toda a hora dizem falar em nome das maiorias. Não percebo e isso preocupa-me, porque certamente sou um imbecil, um labrego qualquer, um «anjinho» que faz parte da «corja» qualquer da classe trabalhadora. Ao que se deduz que, na conversa desses senhores, os portugueses são todos uns «anjinhos» (menos eles, claro!).

A questão é esta: quando o P. S. P. e o P. P. D. convocam uma manifestação (partidária ou unitária?) e se juntam milhares de manifestantes, isso é sempre Povo. E povo trabalhador. E não manipulado, evidentemente!

Por outro lado, quando os trabalhadores de um ramo de actividade, unidos e firmes, se juntam também aos milhares (e não poucos) para reivindicar os seus direitos, como se verificou estrondosamente com os metalúrgicos, com os camponeses e agora com os operários da construção civil, isso não é povo. Isso não são trabalhadores. São gente a quem já não se pode chamar povo e que tem de se mandar à outra parte. São miragem, alucinação.

Só um cego (de espírito), um obcecado, um ditador, um déspota é que não será capaz de ver estas contradições. E mete nojo observar que há quem diga que luta pela tomada do Poder pelos trabalhadores e passa sobre tudo isto uns distraídos «olhos de mercador». Tenham ao menos vergonha.

Mário Martins Pereira — Lisboa

As veleidades do sr. brigadeiro

Nas palavras que dirigiu aos manifestantes, que compareceram às portas do Quartel-General do Porto, convocados pelo PS e pelo PPD, com a habitual e entusiástica colaboração do CDS, o brigadeiro Pires Veloso, para além de muitas afirmações de cariz altamente demagógico, como é habitual, proferiu esta expressão lapidar: «Nós, cá no Norte, vivemos em paz; aqui não existe aquela balbúrdia que vemos em Lisboa».

Se os trabalhadores do Porto, ou melhor do Norte, não conhecessem já e de sobra o tipo de argumentação fascista utilizado, sistematicamente, pelo senhor brigadeiro, bastaria aquela formulação — verdadeira obra-prima de demagogia, para definir a natureza da sua opção política.

O que devemos entender pela insinuação de «balbúrdia lisboeta»?

Simplesmente isto: «Que os trabalhadores do Norte são uma cambada de parvos, incapazes de definir e lutar pela conquista dos seus legítimos direitos; que são uns ursos facilmente domáveis pela demagogia militar fascista» e não só.

Sr. brigadeiro, o senhor está enganado, profundamente enganado! Os trabalhadores do Norte não são a besta dócil que o senhor pretende aparelhar. Embora o obscurantismo fascista tenha produzido efeitos mais nefastos neste Norte minifundiário do que no Sul proletário, o senhor, mais a sua camarilha não conseguirão transformar-nos, novamente, na cavalgada do fascismo.

A seu tempo, Herr brigadeiro Pires von Veloso, os operários camponeses, soldados e marinheiros do Norte saberão provar-lhe, à maravilha, que está enganado e que os seus sonhos não passam de mera veleidade.

Abel Carneira — Porto

OS CARLISTAS E O FUTURO

CARLOS-HUGO DE BOURBON

Uma ditadura nascida da guerra civil que, durante quase quarenta anos privou todo o povo de liberdade, torna impossível qualquer evolução democrática no seio dessa mesma ditadura.

A guerra civil selou o pacto fascista: as oligarquias económicas que haviam perdido o seu poder político aceitam que Franco o exerça com a condição de recuperar o seu poder económico. Assim, as estruturas económicas e políticas mantêm-se estreitamente interdependentes, dominadas por um pequeno grupo de homens que, como a ditadura protege a classe dominante concordam com a repartição do poder.

O preço que essas estruturas fascistas farão pagar à sociedade espanhola será muito pesado: desenvolvimento económico lento (metade da rapidez do da Itália que, no entanto, saiu em 1936 de uma situação semelhante), repartição extremamente injusta da riqueza, monopólio do poder económico e político no seio de uma estreita oligarquia e consequência lógica, superação de toda e qualquer liberdade pública; por fim repressão, violência e terror exercidos pelo regime contra a sociedade.

A OPOSIÇÃO

A espiral opressão-terrorismo-repressão está a funcionar. É a guerra civil latente entre o Estado e sociedade. Mas desta vez não se trata, como em 1936, de uma guerra civil entre duas partes do povo. Hoje trata-se exclusivamente de um confronto entre o poder estabelecido e toda a sociedade espanhola, entre o totalitarismo e a democracia. O poder já não tem actualmente nenhum apoio. Perdeu o da Igreja, onde só numa parte da hierarquia continua a apoiá-lo timidamente. Perdeu também a incondicionalidade das forças armadas sobretudo desde que as encarregou dos processos contra militantes políticos utilizando-as assim como instrumento de repressão. O regime só tem a polícia. É por isso que está disposto a lançar-se numa escalada de violência, numa guerra civil, único modo de ainda polarizar os sentimentos de ordem, de propriedade, o sentimento nacional, galvanizando assim os elementos dispersos e justificando por razões patrióticas a repressão e até os assassinatos. O regime também interpreta e utiliza valores religiosos, morais ou nacionais, a fim de manipular a opinião pública, alienar as bases populares e prevenir a sua revolta contra o sistema. Conseguiu há muito reforçar o conformismo, a irresponsabilidade de uma sociedade privada de todo e qualquer poder, de toda e qualquer participação. Hoje já não o consegue. É por isso que o fenómeno democrático, o fenómeno popular na Espanha de hoje será sempre «ilegal» e «subversivo».

É preciso ver a oposição em dois aspectos estreitamente interdependentes mas bem distintos: a oposição política e a oposição social.

A oposição política são os partidos populares. Obrigados à clandestinidade pela repressão, e em consequência da alienação social característica do fascismo, a uma táctica progressiva e frutuosa fizeram todos os seus esforços no sentido da reorganização das suas bases e de uma actividade pedagógica primeiro destas e depois de toda a sociedade espanhola. Este trabalho de «ideologização» traduziu-se por

uma mobilização cada vez mais profunda e cada vez mais lúcida, a todos os níveis da sociedade.

A oposição social nasce antes de mais da crítica de uma situação concreta no domínio das relações de trabalho, das relações profissionais e dos problemas de quadro de vida. Face à atitude conformista, já é um engajamento de decerto levar a repôr em questão o sistema responsável por estas situações concretas. E não só a repô-lo em questão mas também a formular a partir dessas situações o contraprojecto, o autêntico projecto que envolve toda a sociedade no seu futuro,

mãos do Concelho do reino, composto dos membros mais ultras, e o poder político estar à mercê dos seus sustentáculos reais, a oligarquia do sistema repressivo, a polícia, isto visto ele não possuir o prestígio carismático de Franco nem apoio popular pessoal.

Impõe-se a ruptura entre a oposição e os que pretendem manter o regime. É esse o primeiro ponto, o mais importante, acerca do qual toda a oposição se pôs de acordo. E com a ruptura a constituição de um «organismo executivo unitário» ou governo provisório que teria pois missão imediata coordenar a todos os níveis as pressões

máquinas eleitorais com delegação do poder na pessoa do eleito, o que significa abdicação das suas responsabilidades por parte dos cidadãos. A democracia vive-se da base para a cúpula e não ao contrário.

No que respeita a necessidade de autonomia democrática a nível da realidade local, da realidade dos povos e das regiões cuja unidade só pode existir com a liberdade, o partido carlista propõe um Estado federal. Fazer a federação é unir livremente. A federação é o instrumento da liberdade de cada povo, e o Estado federal propriedade de todos.

Para a democratização do trabalho queremos a autogestão, tanto ao nível da empresa e da sua administração interna como ao nível da planificação geral. Neste caso, o sindicato seria o instrumento das propostas da planificação.

A autogestão seria a base ideológica de um sistema político que antes de mais procura tornar o homem responsável em todos os escalões da vida comunitária na empresa, no sindicato, no partido, no seio das municipalidades e das nações de que é membro, para que se desenvolva não só na sua individualidade, mas como ser social.

O partido carlista pensa que essa democracia do trabalho é realizável em Espanha, mas só será possível no dia em que substituirmos a ditadura do dinheiro, que é a do actual capitalismo espanhol, pela democracia do trabalho, que propomos. A mobilização da oposição social a que nos referimos, é a sua base. Com efeito, essa mobilização não é ideologicamente neutra. Não é somente «anti-regime». A própria dinâmica da luta social levou os corpos sociais a querer ter, eles próprios, administradores e criadores do seu próprio destino.

No futuro imediato, só os partidos políticos da oposição têm autoridade moral suficiente, «credibilidade» que lhes permita colocarem-se à testa desta difícil construção democrática. Só a oposição pode transformar a capacidade explosiva da liberdade numa corrente de forças e de energias construtivas.

Mas se as estruturas do regime tiverem de se manter, se o regime sobreviver na base para ele necessária de uma repressão sempre crescente, recusar-se-ia direito de cidadania, não só às liberdades mas também à paz em Espanha.

As democracias europeias devem compreender quais seriam as consequências de um apoio, dado por elas, à continuação do regime, às pessoas, às instituições que o incarnam e que a pouco e pouco mergulham a Espanha no seio de um fenómeno de guerra civil.

Elas devem, pelo contrário, dar o seu apoio à oposição, a fim de tornar possíveis a democracia e o socialismo pluralista, única alternativa real para a actual situação.

É, na verdade grande o risco da Europa, de toda a maneira implicada neste processo, e que pode, por ignorância, por letargia, provocar os horrores da guerra civil. É grande também a sua possibilidade de se pôr ao serviço da liberdade de uma dinâmica libertadora, ajudando o povo espanhol, a oposição, a reconquistar para todos a democracia em Espanha, na Europa.

(C) Le Monde



Um certo «folclore» carlista: Carlos-Hugo de Bourbon à saída de uma mina asturiana, com um então colega de universidade (foto colhida em 1964)

nos seus objectivos, nas relações que estabelece entre os homens: uma sociedade do possível, da liberdade.

Assim, o conflito e a sua pedagogia libertadora (instrumentados pelos inúmeros comités operários, camponeses, cidadãos, profissionais, assembleias clandestinas, as publicações, as greves) levam a sociedade a lançar os seus anticorpos no fascismo ambiente. Em toda a parte uma contrasociedade em luta incarna, diariamente, cada dia mais, o mundo da realidade social.

Quanto ao problema das nacionalidades, ele obedece exactamente mas com características ainda mais violentas, à mesma dialéctica. Sobre tudo no Euzkadi, na Catalunha, na região de Valência e na Galiza, onde os povos inteiros, em luta, reencontram uma identidade que o regime pretendia enterrar na sua pseudocultura. Essa sociedade em luta que o regime não pode aceitar nem ignorar, é a base da democracia imediata, que as forças da opinião vão colocar no seu lugar.

Na base da oposição social, trata-se com efeito de conseguir para os partidos que constituem a oposição política, a difícil operação da alternativa ao regime, isto é, a ruptura com o regime, já que o regime não pode abrir-se à democracia.

Com efeito, a quem poderia abrir-se este regime totalitário, capitalista, que se tornou inimigo de toda a sociedade? Se o regime entreabre a porta das liberdades diminuindo simplesmente a repressão, será imediatamente varrido pelo surto da democracia. Condena pois a vida política a uma repressão crescente, à medida que a democracia progride. É por isso que os homens do regime se encarregaram de lhe assegurar a continuidade, tirando ao futuro chefe do Estado, todo o poder que não viesse deles próprios, visto o poder legal estar praticamente entre as

exercidas pela oposição social.

Esse organismo representará o povo, os povos de Espanha, presidindo ao restabelecimento das liberdades políticas, sociais e nacionais. A sua composição deve ser realmente pluralista, sem que nenhum grupo ou pessoa pretenda assumir o papel principal.

Trata-se do segundo ponto em que a oposição conseguiu pôr-se de acordo. A oposição política pronunciou-se pois colectivamente, contra a continuidade e por um organismo executivo provisório.

Federalismo e autogestão

A liberdade em Espanha é, por si só, uma revolução, visto ser uma mudança radical de perspectiva política. Esta revolução é, ao mesmo tempo, a única alternativa pacífica para o regime actual.

O futuro político deve ter antes de mais a liberdade como base, a liberdade individual tal como está definida na Declaração dos direitos do homem, e a liberdade comunitária, que implica novas estruturas no domínio económico, social e político. Todos os partidos, sobretudo os populares há anos que têm o projecto destas estruturas.

Para o partido carlista elas deverão corresponder à dinâmica socialista, visto não poder haver, segundo a sua análise, uma democracia sem socialismo, sem um socialismo que responda na verdade à problemática da sociedade espanhola, às aspirações profundas desses povos, sem um socialismo de autogestão global nos domínios ideológicos, socioeconómicos e federais.

No domínio ideológico, o partido carlista propõe a liberdade absoluta de todos os partidos, pondo como única condição a sua autenticidade, isto é, que eles sejam na verdade militantes, com unidades reais de filiados e não simples

Nacional

P.J. NÃO ESTÁ DE ACORDO EM "SUBSTITUIR A D.G.S."

«Somos uma pequena polícia com fraquíssima implantação neste País, porquanto actuamos em Lisboa, Porto, Coimbra e Funchal, dispondo apenas de algumas pessoas». Foi nestes termos que o dr. Matos Fernandes resumiu a situação numérica e efectiva da P.J., a quem o Decreto-Lei 640/75 pretende atribuir encargos de responsabilidades nas averiguações sobre crimes averiguados interiores ou exteriores contra o Estado.

O director da P. J. entende ser necessário saber, antes de se legislar, se a corporação tem ou não condições para as tarefas que por lei lhe são cometidas, afirmando que o Programa do M. F. A. dizia «que os crimes cometidos contra a ordem política seriam instruídos por juizes de Direito e as averiguações ficariam a cargo da P. J.». «Não me parece

melindre», acrescentou, «que sejam cometidos a juizes de Direito, muito embora as averiguações possam pertencer a uma polícia dotada para esse tipo de trabalho».

Alguns dos trabalhadores presentes na assembleia expressaram então o repúdio pelas funções que lhe pretendem cometer, lembrando o ódio ainda imane do povo para com a D. G. S., que articularam com a separação de crime político e crime de delito comum que aquela estabelecia com a Polícia Judiciária. Outros dos trabalhadores afirmaram poder estar de acordo com o decreto se o mesmo e as averiguações fossem cumpridas de forma democrática, sem se tornar necessário recorrer à repressão e à violência, «isto é, sem violar os direitos essenciais de todo o cidadão».

Foi, por último e ainda por

outro sector dos trabalhadores, acordado que uma brigada tomasse a seu cargo essas averiguações, «mas fora da corporação e do edictio».

No final, a assembleia aprovou, por maioria, uma moção em que aceitava averiguar da matéria de crime contra a segurança de Estado sem recorrer à violência ou à repressão, nos mesmos moldes em que se processam as investigações dos crimes de delito comum. Não deixou, no entanto, de levar em conta a indefinição do momento político, pelo que reconheceram, por ora, a sua incapacidade total para actuar nesse campo com eficácia e aceitação. Por isso, entenderam que, embora sem se recusarem ao que lhes foi cometido, os trabalhadores decidiram requerer que o referido decreto seja suspenso até à entrada em vigor da Constituição, e ainda que, previamente, a corporação seja devidamente reestruturada. A moção foi enviada ao Presidente da República, ao Conselho de Ministros, ao C. R. e ao ministro da Justiça.

ip. S. P. ADQUIRE BASTÕES ELÉCTRICOS

A P. S. P. aguarda que lhe cheguem da Alemanha Ocidental centenas de bastões eléctricos de uma encomenda cujo número, no total ainda é des-

conhecido. Os observadores admitem que a «operação» envolva a eventual aplicação de novos métodos repressivos, porquanto da mesma encomenda constam pedidos de diversos escudos de protecção. Bastões (eléctricos) e escudos de protecção serão, assim, armas de ataque e defesa para a P. S. P. E pergunta-se: para quê e contra quem?

A convicção generalizada de que a encomenda se relaciona com a ideia de pôr em prática métodos mais requintadamente repressivos, porque há «um Governo que não governa», o facto de terem recorrido à polícia alemã (que usou «tratamentos» muito especiais contra os Baader-Meinhof e outras formações da esquerda contestatária, a quem acusaram infantilmente de ser composta por criminosos de delito comum), mais faz avolumar os receios que pairam. E, claro, não esqueçamos que as lutas dos trabalhadores se multiplicam e que a formação do A. M. I. foi desmascarada a tempo e horas. Ora agora, agir mais discretamente...

E, a finalizar, ainda outra questão: quantos milhares (ou milhões) de escudos (desnecessários) foram gastos com esses bastões eléctricos e... escudos de protecção? É que o Ministério das Finanças reclama a bancarrota...

E.P.A.M.:

"Apenas seguiremos chefes revolucionários"

«É verdade que voltaremos a Prática há muito que rejeitou a disciplina militarista repressiva e enveredou pelo difícil caminho da disciplina consentida — da disciplina revolucionária — afirmou esta manhã durante o juramento de bandeira de 300 recrutas na Escola Prática de Administração Militar, o coronel Moreira Marques, director da Instrução.

«É verdade — prosseguiu — que a E. P. A. M. tem rejeitado obedecer a certa hierarquia que tenta cortar o passo à Revolução Socialista em que o Povo Português, consubstanciado pela sua vanguarda operária e camponesa, está empenhado e por isso voltou a pegar em armas em 28 de Setembro e em 11 de Março.

«Verdade que voltaremos a pegar em armas sempre que a Revolução for ameaçada e que apenas seguiremos chefes revolucionários que nos comandem contra os inimigos do Povo».

Recorda-se que foi esta a unidade responsabilizada pela tomada dos estúdios da Rádio-televisão Portuguesa na madrugada de 25 de Abril. Sabe-

mos, também, que se está a tentar neste momento a transferência da E. P. A. M. para Torres Novas e da E. P. S. M. para o Entroncamento, o que significaria que estas duas unidades autenticamente progressistas ficariam sob o comando do brigadeiro Charais.

A propósito e regressando às palavras do coronel Moreira Marques salienta-se que desde o dia 25 de Abril «os militares deste quartel se têm mantido ao lado da luta dos trabalhadores, sofrendo os ataques violentos da reacção».

Mas como diria o director da Instrução da E. P. A. M. os soldados são povo e «como povo que sois tereis que decidir em cada momento o caminho certo a seguir. Caminho que não se desvie dos ditames da virtude e da honra revolucionária, com firmeza e com amor pelo povo a que pertenceis (...). O povo confia em vós e a História vos julgará».

C.T.'s

dos órgãos de Informação reúnem-se hoje à noite

Cancelada sem qualquer explicação a reunião que representantes das comissões de trabalhadores dos jornais «A Capital», «Diário de Lisboa», «Diário de Notícias», «O Seculo» e Anop, deveriam ter ontem com o ministro da Comunicação Social, no Palácio Foz, realizou-se neste local e em sua substituição uma reunião de emergência para tomar as medidas adequadas. Foi decidido que haverá hoje uma reunião alargada aos representantes de todos os órgãos de Informação escrita, falada e audiovisual: nas instalações do «Diário de Notícias», às 21 e 30.

Na reunião de ontem estiveram presentes, como observadores, representantes da comissão de trabalhadores do M. C. S. Na reunião de hoje devem ser tratados os assuntos que estavam em agenda para a reunião a que Almeida Santos não compareceu reestruturação da Informação e problemática deste sector no contexto político presente.

GOVERNO FAZ "LOCK OUT"

Continuação da pag. 1

Falhada a «operação Otel», posto perante as recentes e grandiosas movimentações da classe operária e incapaz de assumir a vontade e interesse do povo português face a Angola — ignorando a independência proclamada pelo M.P.L.A., vanguarda legítima do povo angolano — o VI Governo Provisório tentou a última chance, a do patronato e do capital, fazendo «lock-out».

Este fechar de portas do Governo que procura, desesperadamente agarrar-se à última tábua de salvação — pressão e chantagem sobre Costa Gomes e sectores militares — culminou às 3 da manhã com uma ida a Belém (exceptuando-se Veiga de Oliveira) para audiência com o chefe do Estado e entrega do comunicado informando da decisão e motivos que a determinaram. O Presidente da República limitou-se a receber o comunicado não se efectuando a audiência solicitada pelo Governo. De resto, é ponto assente que a decisão tomada não mereceu unanimidade dos ministros.

Esta manhã e após uma audiência com Octávio Pato e Joaquim Gomes que deram conta a Costa Gomes da posição do P. C. P. face à decisão do Governo (consideram-no demitido) o Chefe do Estado recebeu Pinheiro de Azevedo e os ministros Vitor Crespo, Vitor Alves e Pinheiro Farinha (Justiça), desconhecendo-se os reais motivos da visita embora se admita que se trate de uma espécie de explicação da decisão do Executivo.

Registe-se que enquanto os anteriores Governos pura e simplesmente se demitiram para abrir caminho a uma solução, o VI Governo procura ao contrário, agravá-la e criar a ruptura entre sectores militares, abrindo caminho de facto à guerra civil.

Entretanto o plenário do C. R. irá, admitem fontes autorizadas, tomar importantes decisões. Dado que neste momento a maioria dos conselheiros parece disposta a reconhecer a

República Popular de Angola sob a égide do M. P. L. A. (ao contrário do VI Governo) e tendo em conta as últimas tentativas da esquerda militar e de elementos dos «nove» para superação da crise e obtenção de uma plataforma unitária e socialista, esta reunião do C. R. poderá, ao contrário das anteriores, resultar positiva.

Entretanto o documento do Gabinete de Dinamização do Exército divulgado hoje, e que propõe «a reestruturação do Governo dentro de uma perspectiva de esquerda, empenhado vivamente na defesa dos interesses das massas trabalhadoras», na base «de uma participação independente de indivíduos cuja opção socialista não oferecesse dúvidas à sua escolha» remetendo o C. D. S. e o P. P. D. para fora do aparelho de Estado com o «estatuto de partidos de oposição» e com «tratamento idêntico dos partidos da chamada extrema-esquerda», é talvez a solução programática possível para a unidade tentada pelos «nove» e pal esquerda militar.

Enfim o dia de hoje poderá ser decisivo no conturbado processo revolucionário português.

PÁRA-QUEDISTAS

Continuação da pag. 1

mente diferentes dos inicialmente anunciados. Parece no entanto que nem todos os oficiais dissidentes se encontram agora convictos da decisão tomada, havendo claros indícios de que terão sido objecto de manipulação por parte de alguns camaradas.

Desde há alguns dias aguardava-se com expectativa saber com que «bomba» seria resolvido o caso dos pára-quedistas. Não foi utilizado o trotil, por razões óbvias, mas uma ordem do C.E.M.F.A. que manda passar à disponibilidade e entrar de licença as praças pára-quedistas.

Se não estivesse bem clara a manobra política que tudo isto envolve, bastaria observar

a contradição existente entre a anunciada necessidade de recrutar tropas especiais para o A.M.I. e a passagem à disponibilidade dos pára-quedistas que são, como se sabe tropas de elite (agora de elite revolucionária). No mínimo uma decisão destas é uma antecipada prenda de Natal para o E.L.P. e C.*

Estranho também o empenho que teve o C.E.M.F.A. em colocar pára-quedistas no A.M.I. e a rapidez em passá-los à disponibilidade quando eles resolveram colocar-se ao lado do povo trabalhador, e assumir as responsabilidades de força revolucionária consciente, que se recusam a ser utilizados como instrumentos de repressão.

CIRCO MARIANO COM LOTACÕES ESGOTADAS PORQUÊ?

ATENÇÃO. LISBOA E ARREDORES:

DEPOIS DA ESPECTACULAR ESTREIA COM O PÚBLICO A APLAUDIR DE PÉ

O famoso CIRCO MARIANO

ESTA INSTALADO NO LARGO MARTIM MONIZ

HOJE, ÀS 21.45 HORAS

UM LUXUOSO ESPECTACULO!

ESCADA LIVRE * ICAROS * MALABARISTAS ILUSIONISTAS * PERCHISTAS, ETC., ETC.

Convidada de honra a vedeta

ANITA GUERREIRO

60 ARTISTAS! * 10 ATRACÇÕES!

ATENÇÃO

No CIRCO MARIANO não chove, há aquecimento e todas as cadeiras são estofadas

TODAS AS NOITES HÁ CIRCO ÀS 21.45 HORAS!

Quintas e Sábados, «matinéas», às 16.30 horas

DOMINGOS

2 «matinéas», às 15 e às 17.30 horas

Nas «matinéas», as crianças até 6 anos têm entrada gratuita

As bilheteiras abrem às 17 horas.

Nos dias de «matinéas», às 11 horas

(Maiores de 6 anos)

CIRCO MARIANO

apresenta a grande atracção mundial

PROFESSOR KARMA e a sua medium BETY os maiores mentalistas do Mundo

2 PARELHAS DE PALHAÇOS ELISABETH(S) e CAMPOS FILHOS

ATENÇÃO: COLEGIOS E ORGANIZAÇÕES DE FÉSTAS DE NATAL ESPECTACULOS COM PREÇOS ESPECIAIS.

PUB

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

DIRECÇÃO DO EQUIPAMENTO

Concurso público de pré-qualificação de empreiteiros com vista à execução das obras de construção da «PASSAGEM INFERIOR AO CAMINHO DE FERRO NA DAMAIA»

Informa-se que está aberto o concurso público acima referido, podendo as condições de admissão ser consultadas e (ou) adquiridas na C. P. — Delegação do Equipamento, Av. da República, 66-3.º, Lisboa.

O acto público do concurso terá lugar nesta Direcção do Equipamento, às 15 horas, do dia 10 de Dezembro próximo.

MARIA VITÓRIA

TODOS OS DIAS ÀS 20.30 e 22.45

Não aconselhável a menores de 18 anos

FORÇA, FORÇA,

CAMARADA ZÉ!

SALVADOR

*

FLORBELA

*

SANTANA

e um grande elenco popular

Aos domingos e feriados:

«Matinée» às 16 horas

Às 2.ª feiras:

Descanso da Companhia

PASSAGENS

PARA QUALQUER PARTE DO MUNDO

DE AVIÃO, DE BARCO, DE COMBOIO, OU AUTOCARRO, RIGOROSAMENTE AOS PREÇOS OFICIAIS

ALUGUER DE AUTOMÓVEIS COM OU SEM CONDUTOR, EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO

RESERVA E EMISSÃO IMEDIATA UMA FACILIDADE

QUE POMO AO SEU SERVIÇO, POUANDO-LHE TEMPO E INCOMODOS

PAGUE SUAVEMENTE COM CREDI-STAR

STAR

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões



Ora diga-nos

E se você ressuscitasse?

Perguntar a um morto o que pensa de viver no Portugal de hoje não é tão absurdo como isso. A única dificuldade é pô-lo a falar. Vencido esse obstáculo com um mínimo de imaginação, consegue-se interessar o finado no «Ora, diga-nos». As fotos são do arquivo. Os originais, encontram-se nas praças de Lisboa.

O nosso primeiro entrevistado encontra-se na Praça Marquês de Pombal? Como se chama?

— Sebastião José de Carvalho e Melo.

— Profissão?

— Marquês.

— Ocupação?

— Enterrar os mortos e cuidar dos vivos.

— Tem algum «hobby»?

— Sim. Quando não me ocupo do traçado da «baixa», gosto de torturar um Távora ou mandar assar um jesuíta.

— Gostaria de viver no Portugal de hoje?

— Para emoções fortes, bem me bastou 1755.

No Rossio, encontramos D. Pedro V, numa pausa entre as «manif» do Emeerre e os atropelos dos retornados. Cheirava a liamba.

De chofre, perguntámos logo se queria viver hoje no nosso país.



— Sei lá... Eu até nem sou de cá, sou mexicano.

— Como? Então não é o senhor Dom Pedro?

— Bem me confundem, mas sou Maximiliano da Áustria, imperador do México. Só que me correram de lá com a revolução e aqui vim parar.

— E que tal se tem dado com a nossa revolução?

— Com qual revolução?

— Com a portuguesa.

— Ah, ainda bem que me avisa. Eu andava desconfiado de que ainda ia parar ao Brasil.

Finalmente, no Terreiro do Paço, D. José, o rei cavaleiro, testemunha que a «manif» de domingo teve muitos mais participantes do que a «manif» anterior.

A pergunta que lhe pusemos. «E se você ressuscitasse?», logo estremeceu, respondendo pronta e atabalhoadamente: — A culpa foi do Sebastião José, eu ate gostava dos Távora, sobretudo da marquesinha mais nova...

— Não é por isso. O que lá vai, lá vai. Gostaríamos de saber, se, hoje, com a actual situação política...

— Ah, sim, tenho visto e ouvido umas coisas. A história repete-se. No meu tempo, também não gostavam do meu Primeiro-Ministro...

Nacional

Contestação no "Comércio do Porto"

Um numeroso grupo de trabalhadores gráficos do jornal «O Comércio do Porto» enviaram ao C. R. ao Copcon, ao Presidente da República, ao CEME e ao comandante da RMN uma moção onde manifestam «a sua mais viva repulsa pelo assalto terrorista à U. S. P. Intersindical» ocorrida no passado domingo no Porto. Dizem os gráficos daquele matutino portuense que a responsabilidade pelo atentado e pelas destruições subsequentes cabe às forças militares e à P. S. P.

Entretanto, parece estar a gerar-se no seio da empresa um movimento tendente à contestação da orientação política que o jornal vem seguindo ultimamente. Em diversas secções, têm circulado um abaixo-assinado a protestar contra, designadamente, a publicação duma entrevista com Alpoim Calvão (o «controverso dirigente do M. D. L. P.»), conforme o próprio entrevistador lhe chamou).

De há algum tempo a esta parte que «O Comércio do Porto» vem a distinguir-se no contexto da imprensa diária portuguesa pelo assumir das posições mais direitistas. Mais do que «A Luta» e o «Jornal Novo», para exemplo, o matutino portuense, tem-se empenhado numa campanha sistemática de propaganda das posições do P. P. D. do C. D. S. do P. S., nos melhores casos, e, enquanto isto, são sistematicamente objecto duma intensa contrapropaganda ou simplesmente omitidas as posições do P. C. P. e da generalidade das forças revolucionárias.

Militares de Beirolos abrem portões

Tendo começado a chegar os efectivos exigidos para completar os quadros orgânicos dos diversos destacamentos do Depósito Geral de Material de Guerra, os militares de Beirolos decidiram abrir portões, pondo fim à situação de prevenção que democraticamente se tinham imposto. Isto mesmo foi comunicado aos representantes dos órgãos da Informação pelo capitão Belo, ontem à tarde, em conferência de imprensa.

O capitão Belo sublinhou, entretanto, que, por determinação da A. D. U., manter-se-á rigoroso controlo à saída e destino do material de guerra, ao mesmo tempo que prosseguirão as formas de luta encetadas com vista à criação de um espírito militar, assente numa verdadeira disciplina revolucionária. Nomeadamente, pensa-se dar maior desenvolvimento aos contactos entre militares e os órgãos de poder popular da zona onde se situam os vários destacamentos do D.G.M.G., uma das mais industrializadas de Lisboa. Na opinião do capitão Belo os militares muito beneficiarão do contacto com as formas de organização operária, sobretudo aqueles — e são muitos — que provêm do campesinato.

Os efectivos já chegados ao D.G.M.G. e os que estão a ser aguardados pertencem às Regiões Militares do Centro e Norte e à Polícia Militar, tendo sido accionada pelo Estado-Maior do Exército a sua transferência. Única condição posta à chegada dos reforços: que eles se insiram — afirmou-nos o capitão — «no espírito da nossa luta e nas instituições democráticas que estão a funcionar na Unidade».

A um jornalista presente que avançou com a eventualidade

de, em algum momento virem a ser entregues armas a civis foi respondido com um «não» a qualquer distribuição indiscriminada de armas. Entretanto, foi dito também: «Estamos dispostos a não permitir um golpe — tipo Chile — que conduza ao massacre de populações desarmadas.»

«PARTICIPAR CORRECTAMENTE NA REVOLUÇÃO»

A luta dos militares do D.G.M.G. teve início no dia 30 de Outubro, com fecho de portões e entrada em prevenção rigorosa. Os motivos determinantes destas decisões foram as dificuldades do processo de descolonização de Angola, «dificuldades e contradições que se reflectem na própria evolução política em Portugal», e a falta de efectivos necessários para segurança e vigilância suficiente. Isto mesmo consta das decisões do plenário então convocado, o qual englobou as A. D. U. dos destacamentos de segurança de Beirolos, Forte da Ameixoeira, Forte do Monte de Sintra (Sacavém), Forte de Alpinas, Destacamento do Val do Forno, Granil, Mocho e Porto Brandão. Nos plenários que posterior-



Capitão Belo

mente se realizaram, para lá das exigências apresentadas no sentido de garantir as condições de segurança e vigilância, foi sendo reafirmada a necessidade de instrução político-militar. Neste âmbito, foi proposto ao G.D.E., Gabinete de Dinamização do Exército, «a efectivação de contactos inter-A.D.U., reforçando-se a urgente preocupação de troca de experiências».

Na mesma linha, e, em documento dirigido «aos trabalhadores», os militares de Beirolos afirmam que «o Exército tem que ser politizado para poder participar correctamente na Revolução». Transcrevemos, em parte, o citado documento:

«Queremos que o povo esteja confiante em nós e nas armas que pôs sob a nossa vigilância».

«Nós queremos continuar a ser povo fardado!»

«Revolução fardada e Exército revolucionário».

«A nossa luta é unitária».

«A nossa luta nasceu nas ba-

ses, de um núcleo de quatro soldados aos quais se juntaram todos os oficiais, sargentos, praças, militarizados e militarizadas do Depósito Geral de Material de Guerra».

«Esse núcleo de quatro soldados constituiu a primeira comissão de luta que irradiou aos outros destacamentos».

«Integrando-se depois nas diversas A.D.U., na sua organização e representatividade».

«A nossa luta é suprapartidária».

«A nossa luta é contra o divisionismo».

«A nossa luta é pela instalação de uma vigilância revolucionária e pelo reforço de uma vivência humana e colectiva».

«A nossa luta é a de libertação de iniciativas das bases e de responsabilidade colectiva».

«A nossa luta não é local, não é de Beirolos, é uma luta de todos os destacamentos que fazem parte do Depósito Geral de Material de Guerra».

«A nossa luta é nacional, pois desejamos que as nossas experiências no Depósito Geral de Material de Guerra sejam trocadas com as experiências dos camaradas do Norte, do Centro, do Sul e das Ilhas».

«A nossa luta é interior ao Exército que queremos transformar, mas não ignora que não é exterior à sociedade em que vivemos. Por isso, a nossa luta é política porque é da participação na resolução dos problemas de todos, nos problemas nacionais».

PUB

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES
IMPORTANTE

LEILÃO

MOBILIÁRIO DE ESTILO ANTIGO E MODERNO DE
FABRICO PORTUGUES, FRANCES E INGLÊS. ESTOFOS.
CARPETES, LUSTRES

PINTURA DE BONS AUTORES

COLECCÃO DE FAIANÇAS PORTUGUESAS. MARFINS.
CRISTAIS. METAIS

GR. CONJUNTO DE PRATAS PORTUGUESAS

«BIBELOTS», OBJECTOS DE VITRINE, ARMAS
DE COLECCÃO. MOBILIAS COMPLETAS, MÓVEIS
DISPERSOS. APARELHAGEM ELECTRICA, UTILIDADES.
VELHARIAS, ETC.

QUE GUARNECEM AS 15 GRANDES DEVISÕES
DA RESIDÊNCIA SITA NO 5.º ANDAR C/ ASCENSOR DA

AV. DA REPÚBLICA, 97

CUJA VENDA SERÁ FEITA PELA MAIOR OFERTA
NO PRÓPRIO LOCAL

AMANHÃ 6.ª FEIRA e SÁBADO, das 15 às 19
e das 21 às 24 horas

EM EXPOSIÇÃO AMANHÃ DAS 10 AS 13 HORAS

SOC. DE LEILÕES
AFRAFILHOS

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES
DE ESCRITÓRIO
DO DISTRITO DE LISBOA

SECTOR:

IMPORTADORES E ARMAZENISTAS DE LANIFÍCIOS
CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores de escritório do sector em epígrafe para uma reunião, no próximo dia 21/11/75 (sexta-feira), às 21 horas, na sede do Sindicato do Comércio, Avenida da República, N.º 29 — Lisboa.

A COMISSÃO DIRECTIVA PROVISÓRIA

PUB

SINDICATO DOS CONTÍNUOS, PORTEIROS E PROFISSÕES SIMILARES COMUNICADO AOS PORTEIROS E PORTEIRAS DE PRÉDIOS URBANOS

COLEGAS

Os 8 signatários que fizeram Parte da Pseudo-«Comissão de Porteiros e Porteiras» composta por 11 elementos que ao longo de 5 meses inconscientemente colaboraram para uma Divisão da Classe, informam a mesma do seguinte:

1. Que, como maioria absoluta, sanearam da referida pseudocomissão os restantes 3 elementos, por na prática terem demonstrado serem contra-revolucionários;
2. Que não obstante a nossa boa vontade e consciência de classe chegamos à conclusão que fomos arrastados pelos referidos 3 elementos para uma luta inglória e que visava fundamentalmente destruir a Direcção do Sindicato e não, defender os interesses dos trabalhadores, como em princípio supúnhamos;
3. Que, como maioria absoluta, decidimos dissolver a pseudo-«comissão de Porteiros e Porteiras» e somos, em inteira e total ligação com o Sindicato dos Contínuos e Porteiros, um grupo de trabalho com a Finalidade de Dinamizar a classe tanto a nível Sindical, como para num futuro próximo, revermos a nossa Portaria.

COLEGAS

Temos que nos consciencializar de que é a união que faz a força e que não é destruindo Sindicatos que se é **REVOLUCIONÁRIO**. Precisamos de nos unir e organizar para que Amanhã possamos **COMBATER** os contra-revolucionários da Estirpe dos 3 saneados.

COLEGAS

Depois do que ficou dito, vamos organizar, em conjunto com o Sindicato, sessões de esclarecimento.

NÃO FALTES.

CONSCIENCIALIZADOS,
UNIDOS
E ORGANIZADOS
VENCEREMOS

Abel Cardoso
Augusto Silva
Francisco Alcobia
João Rodrigues
João Ferreira
José Simões Martins
Manuel Catatão
Maria Adelaide

PUB

SINDICATO DOS CONTÍNUOS PORTEIROS E PROFISSÕES SIMILARES

COMUNICADO

COMPANHEIROS

Em virtude da anteintitulada «Comissão de Porteiros e Porteiras» constituída por 11 elementos terem saneado do seu seio 3 reconhecidos divisionistas, de seus nomes Álvaro de Sousa Bicho, Maria Victória Rebelo de Matos e Eduardo Guimarães, e considerando:

1. Que foram os 3 elementos citados que lançaram a Divisão na classe;
 2. Que os restantes 8 membros da «Comissão de Porteiros» foram ardilosamente arrastados para fins que nada têm a ver com a defesa dos interesses dos trabalhadores;
 3. Que os restantes membros da «Comissão de Porteiros» provaram na prática serem elementos conscientes e que lutam efectivamente para o Bem da Classe;
 4. Que a atitude destes 8 companheiros ao sanear os 3 divisionistas acima referidos prova de uma vez para sempre que, especialmente o Sr. Álvaro de Sousa Bicho, é o que nós afirmamos publicamente em jornais diários de 18/6 do corrente ano, ou seja, um divisionista nato, e um oportunista;
 5. Que em virtude de os referidos 8 companheiros terem decidido, uma atitude correcta e louvável, dissolver a «Comissão de Porteiros»;
- Decidiu a Direcção:
1. Aceitar estes companheiros para, conjuntamente consigo, desenvolver um trabalho que afaste todas as confusões de forma a que se consiga uma verdadeira **UNIÃO ENTRE A CLASSE**;

COMPANHEIROS

Brevemente se organizarão sessões de esclarecimento juntamente com os companheiros acima citados para se esclarecer quaisquer dúvidas
MANTEN-TE ATENTO, E NÃO FALTES

Sós — nada somos
unidos venceremos

Nacional

COMISSÕES
DE
MORADORES



“A BURGUESIA VIVE NUMA SITUAÇÃO DE PESADELO”

Críticas à política direita do VI Governo e manifestações de repúdio pelo atentado bombista contra os emissores de Rádio Renascença continuam a chegar até nós, assinadas por inúmeras comissões de moradores, de Norte ao Sul do País, com relevo para a região de Lisboa. Transcrevemos parte de um comunicado da comissão de trabalhadores da Soda Póvoa e Associadas: «A burguesia deste país vive numa situação de pesadelo permanente, pois os interesses que defende (capitalismo e imperialismo) são profundamente contraditórios com os interesses dos explorados. A burguesia, desesperadamente, agarra-se ao vocabulário dos revolucionários para assim continuar a confundir e a alienar as massas trabalhadoras. A peçonhenta moral da burguesia está em decadência com o despertar dos explorados».

SECRETARIADO PROVISÓRIO DA FIGUEIRA DA FOZ

Na sequência das reuniões efectuadas, as dezenas de comissões de moradores e de trabalhadores já constituídas no concelho da Figueira da Foz formaram um secretariado composto por um elemento de cada comissão e um executivo.

Foi formado ainda uma Comissão de Habitação e uma outra de luta contra a cólera, tendo estas comissões efectuado já tarefas importantes no âmbito em que se integram. Também em face dos desejos de utilização das instalações do ex-Grémio do Bacalhau, sito, no Bairro do Cruzeiro, desta cidade, por duas organizações populares — os Bombeiros Voluntários e a Cooperativa

Agrícola Vale do Mondego, efectuou-se um encontro no C.I.C.A.F.F. entre estas duas organizações, o executivo do secretariado das comissões de moradores e de trabalhadores, representantes da comissão de extinção do Grémio da Lapoura e ainda representantes do C.I.C.A.F.F.

Esta reunião não possibilitou o acordo entre as duas organizações interessadas, ficando assente que o C.I.C.A.F.F. oficiaria ao secretário de Estado do Abastecimento e Preços, no sentido de solicitar a visita de técnicos, a fim de se conhecer um parecer mais completo sobre qual a melhor utilização a dar ao imóvel em causa.

MAIS UMA OCUPAÇÃO EM TRIBUNAL

Em assembleia, as comissões de moradores e de trabalhadores da zona de Coimbra aprovaram uma moção de apoio «aos camaradas António Gouveia, Américo Lindeza e sr.ª D. Maria de Jesus Santos que, tendo participado na ocupação da casa n.º 82 da Rua Bernardo de Albuquerque, vão a julgamento em data ainda não determinada, sob acusação de infracção à lei que regula as ocupações, saída no «Diário do Governo» a 14 de Abril de 1975».

A moção considera a ocupação como justa e, depois de referir que «apenas cabe aos órgãos representativos dos trabalhadores pronunciarem-se sobre o seu grau de justeza e não aos tribunais burgueses, cujos interesses só podem ser antagónicos aos nossos», expressa o seu «veemente repúdio por mais uma farsa judicial, apelando para todos os que vêem nesta atitude do poder judicial burguês um atentado às conquistas já alcançadas

pelos trabalhadores se concentrarem no dia do julgamento, na sala do tribunal.»

Volta entretanto à actualidade o veredicto do Tribunal Popular da Boa Hora, convocado pela comissão de moradores da Penha de França (Lisboa), com o apoio das C.R.A.M.O., que «absolveu a ocupante Maria Rodrigues e condenou o fascista Joaquim de Sousa a ser expulso da nossa freguesia». O plenário de moradores compromete-se a executar aquele veredicto, para o que «chama todas as comissões de moradores que já apoiaram anteriormente e todas as que estejam contra a justiça burguesa e pela justiça popular» a participarem numa concentração do povo no próximo domingo, dia 23, às 15 horas, na Praça Aniceto do Rosário.

Por outro lado, o plenário da Penha de França, depois de repudiar o atentado contra os emissores da R.R., «declara a sua total solidariedade com a luta dos pára-quesdistas contra o AMI, contra os oficiais reacçãoários e pelo apoio aos camaradas da P.M. «Declara ainda o apoio incondicional à justa e vitoriosa luta dos trabalhadores da construção civil, que considera «mais um passo decisivo na luta pela conquista do Poder pelos trabalhadores.»

NAS COSTAS DO POVO

O plenário das comissões de moradores, comissões administrativas das juntas de freguesia e a comissão administrativa da C.M. de Palmela, considerando que a nomeação de três novos membros para a comissão administrativa da C.M. de Palmela pelo secretário de Estado da Administração Regional e Local é uma medida «antidemocrática e prepotente» e que o preenchimento de tais cargos só deve ter lugar depois de terem sido auscultadas as populações através dos seus órgãos representativos, manifesta «o mais vivo repúdio por tal medida» e declara a sua firme disposição de não aceitar, reservando-se o «direito de organizar formas de combate a esta decisão arbitrária e antidemocrática, de forma a que não mais se manobre nas costas do Povo.»

Um militar com panfletos do M.D.L.P.

AGUEDA, 20 — Pela G.N.R. local foi detido um soldado duma unidade da guarnição militar de Viseu, que distribuía panfletos do M.D.L.P. nesta vila. Os panfletos são do mesmo tipo dos que à dias foram distribuídos na Região Militar de Coimbra. O referido soldado encontra-se detido em Coimbra, às ordens do Quartel-Genral da Região Militar do Centro.

PUB

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

Esta Empresa aceita propostas até às 17 horas, do dia 5 de Dezembro, na Secção de Compras, Avenida de Berlim-Olivais, para a compra de:

**CONTADORES USADOS
SUCATAS DIVERSAS**

e outros materiais, incluindo móveis e utensílios fora de uso, que poderão ser vistos nos Armazéns Av. Berlim e instalações na Rua das Amoreiras, 101.

Para mais esclarecimentos poderão dirigir-se à Secção de Compras.

Lisboa, 17 de Novembro de 1975.

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS
DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização

Eng.º João Bau

O.U.R.T.I. N' "O SÉCULO" Impossível um plenário fora da empresa

«O grupo de trabalhadores progressistas e a sua metafísica marxista não contribuem de modo nenhum para esclarecer nada. Pelo contrário, enaltecem o que imaginam de si próprios.» O extracto pertence a um comunicado ontem emitido pelo comité da Organização de Unidade Revolucionária dos Trabalhadores da Informação, O.U.R.T.I., na SNT, a propósito das tomadas de posição do chamado «grupo de trabalhadores progressistas», no contexto da crise por que passa a vida na empresa proprietária do jornal «O Século». O texto vem na sequência da generalidade dessas tomadas de posição e designadamente a propósito de declarações feitas ontem por representantes daquela também chamada «terceira força», num encontro havido com representantes dos órgãos de Informação.

Já não é a primeira vez que este «grupo de trabalhadores progressistas» dá sinal da sua existência, nem esta tomada de posição da O.U.R.T.I. é a primeira que se assinala. A posição do «grupo progressista» tem sido regularmente divulgada através de comunicados. Eles não se solidarizaram com o chamado «grupo do referendo» e continuam dentro da empresa mas assumindo uma atitude alternativa. Ontem, defendeu, uma vez mais, a necessidade de se realizar um plenário de trabalhadores amplamente representativo: o mais

urgentemente possível e num lugar qualquer que não seja nem a SNT, nem a sucursal do Rossio que os elementos afectos ao grupo do (primeiro) referendo continuam a ocupar. Fundamentalmente eles não aceitam a situação actual e continuam a considerar o jornal que actualmente se faz demasiado afecto ao P. C. P. São muito significativas certas passagens dos seus comunicados onde esta signa inclui aspas à volta do «C». Politicamente, tanto quanto sabemos, o grupo é afecto à U. D. P.

«A política do reformismo, enquanto foi preponderante na SNT, criou a certos níveis abalos neuróticos típicos do recalcamento de quem segue uma política «vanguardista» (e o «grupo progressista» é um exemplo) afastada das massas, fazendo pressão para que seja imposta ao nível das cúpulas — comenta a O.U.R.T.I. — «O sector denominado «grupo progressista» pertence a esta vanguarda» que, afastada da produção e da confecção do jornal, se situa numa posição mítica e isolada, que está fora da luta real, a desenrolar-se na empresa. Este sector acusa por um lado e por outro (os do Rossio dizem que eles não são nada «O Século» e quem cá trabalha aceita-os com desconfiança), colocam-se na posição irreal de quem quer fazer «argolas» com a luta de classes.» A O.U.R.T.I. questiona principalmente a proposta do grupo segundo a qual deverá realizar-se um plenário fora da empresa. A ideia é impossível — diz a Organização — «depois dos confrontos físicos e da defesa do seu local de trabalho pelos trabalhadores da S. N. T.». Mais: a proposta — «contribui, de facto, para que esse pequeno grupo de pessoas não passe de um grupo que só se representa a si próprio.»

«Os trabalhadores da SNT, que o comité da O.U.R.T.I. representa — diz ainda o comunicado — consideram que o boicote que parte dos trabalhadores mantém em relação à produção das publicações da SNT pode concorrer, mais dia menos dia, para o fecho do jornal e o desemprego para toda a gente.»

Se se considera que o chamado «grupo de trabalhadores progressistas» é politicamente afecto à UDP, pode considerar-se que o comité da O.U.R.T.I. na SNT não é afecto ao P.C.P. mas à generalidade das forças políticas que na cena política portuguesa se designa por esquerda revolucionária.

**NUNO TAVARES DE
ALMEIDA FERREIRA
DE FREITAS
FALECEU**

Fernanda Coelho Dias Ferreira de Freitas, Deolinda Coelho Dias e restante família, participam o falecimento do seu querido marido, cunhado e parente e que o seu funeral se realiza amanhã, dia 21, pelas 10 horas, do Hospital da Marinha para o cemitério do Alto de S. João.

Agência Mega — Tel. 86 34 32

Reconstrução do M.F.A. passa por opção de classe

Afirmado claramente que a Revolução tem que passar pela luta de classes e que cada militar como pessoa terá portanto de optar, o extenso documento de 53 folhas dactilografadas emanado do Gabinete de Dinamização do Exército, traça as linhas mestras do que será a plataforma da sobrevivência do M. F. A., como garante e motor de um processo que se pretende revolucionário. O documento subordinado ao título «Autocrítica e Reconstrução do M. F. A.» faz o ponto da situação política, militar e económica do País. Defende intransigentemente a criação de um bloco socialista pelo que o C.D.S. e o P. P. D. teriam que receber definitivamente o estatuto de partidos da oposição, recebendo «tratamento idêntico os partidos da chamada extrema-esquerda, depois de cuidada e criteriosa análise às suas linhas programáticas».

Entretanto, quais os problemas de maior acuidade no momento? «Uma grande agitação social, acompanhada de largos movimentos de massas militares por todo o País (...), profunda alteração do estado de espírito e ambiente nas unidades militares, mal entendida por grande parte do quadro permanente que não tem preparação política para um correcto enquadramento das massas que «comanda», reagindo por consequente ao contrário do que deveria (...); «a si-

tuação económica do País em vésperas de esgotamento de divisas (...); os fracassos da descolonização em Angola e Timor (...); os retornados de Angola (...); a forte oposição ao VI Governo (...); enfraquecimento do M. F. A. na cena político-militar do País».

Para ultrapassar esta realidade e simultaneamente redefinir o M. F. A., é necessário que o empenhamento das forças políticas não seja feito em «termos táticos» mas sim definido «num projecto concreto e numa estratégia que possa empenhar o bloco socialista, ainda que venham surgir eventualmente alguns problemas conjunturais».

OPÇÃO DE CLASSE

«Chegou o momento das grandes opções de classe, sem ambiguidades, nem subterfúgios. E chegou também a hora dos homens do M. F. A. reconhecerem os erros cometidos, de corrigirem tácticas incorrectas e de estreitarem os laços que possam conduzir à união perdida e à restauração da força revolucionária que o M. F. A. já foi, única capaz de impulsionar o processo para diante.»

Se o M. F. A. falhar nesta «derradeira» procura, então «defenderemos que se arme o povo, de Norte a Sul de Portugal, para que esse povo destrua as suas próprias Forças

Armadas, que o traíram ao abdicar da sua defesa e da defesa do processo revolucionário».

Por outro lado, para que este apelo e esta plataforma de conciliação sejam concretizáveis, impõe-se, para ambas as partes, «sacrificar alguma coisa, fazer concessões, usar em doses elevadas toda a sua consabida humildade revolucionária».

Outro tanto no que respeita à necessidade de expurgar as «ambiguidades do Plano de Acção Política» enriquecendo-a em contrapartida com «os conceitos fundamentais consignados no documento-guia da Aliança Povo-M. F. A.»

Como revisão puxa revisão e opção de classe desencadeia opções e prioridades, é proposta a «reestruturação do Governo dentro de uma perspectiva de esquerda, empenhado vivamente no interesse das massas trabalhadoras, Governo esse que teria uma constituição, não necessariamente, na base de uma coligação partidária, mas na base de uma participação independente de indivíduos, cuja opção socialista não oferecesse dúvidas à sua escolha».

No âmbito da Revolução, das transformações estruturais da sociedade em que vivemos, tudo depende «ao nível das pessoas, de uma autêntica

opção de classe que se processe no seu interior, e que a luta de classes acabe por ser aceite, como o instrumento e o veículo daquelas grandes transformações».

CÓDICE NO AMAC

Alguns anexos ao documento apontam para a criação de um Exército do Povo que se deverá integrar «no Plano Nacional de Dinamização Cultural e Esclarecimento vontade, de uma Política das Populações». Nesta perspectiva, a Códice abandonaria a 5.ª Divisão ficando dependente do C.E.M. G.F. A. Estabelecida a hierarquia da competência, as escolas práticas e os centros de instrução em centros de preparação política e militar. Para a Acção Cívica seria criado um Agrupamento Militar com o fim de «apoiar e impulsionar a Dinamização Cultural das populações em dois campos distintos no interior das Forças Armadas e no seio das populações mais necessitadas de apoio e reforço das estruturas civis responsáveis».

O A.M.A.C. teria ainda acção centrada em Engenharia, Saúde e Agricultura, concretamente em abertura de estradas, captação e canalização de águas, apoio sanitário às populações, escoamento dos produtos, cooperativismo.

"Elp" frustrado ameaça com bomba

Um hipotético «comando» do E. L. P. avisou esta madrugada, pelo telefone, a agência Anop, de que «vai explodir dentro de meia hora uma bomba no Casino Estoril».

Segundo a Anop, a chamada foi feita de uma cabina telefónica e terminou com um viva

a Portugal livre.

Um porta-voz do Casino, contactado pelo «DL» afirmou que nenhuma explosão se verificara ali e que, de resto, não era a primeira vez que surgiam ameaças deste género, nunca concretizadas. Tratava-se de mais um falso alarme, destinado a gerar forte tensão.

Novos emissores R.R.

«Prossegue a resposta revolucionária de todos os trabalhadores portugueses face ao atentado bombista ordenado pelo Conselho da Revolução aos emissores da Buraca da Rádio Renascença» — afirmam, num comunicado, os trabalhadores daquela estação

emissora.

Após diversos considerandos, e elogios a todos quantos têm apoiado a luta revolucionária da R.R., o comunicado menciona os donativos até agora recebidos para a compra de novos emissores: 44 514\$90.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

ADMISSÃO DE UM GEÓLOGO

A C. P. pretende admitir um geólogo para o Sector de Geotécnica do seu Departamento de Instalações Fixas.

As condições exigidas são as seguintes:

- Curso universitário: Ciências Geológicas.
- Experiência em hidrogeologia destinada a abastecimento de água e em cartografia.
- Local de trabalho: Lisboa.
- Limite de idade: 40 anos.

Os interessados deverão dirigir-se ao Sector de Formação de Quadros dos Caminhos de Ferro Portugueses, na Calçada da Glória, n.º 12-3.º, em Lisboa, enviando «curriculum» pormenorizado.

PUB

SOCIEDADE NACIONALIZADA

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA, S.A.R.L.

Capital: 500 000 000\$00

Sede: Rua de Alexandre Herculano, 244 — PORTO

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES PARA AMORTIZAÇÃO E SERVIÇO DE JUROS

No dia 10 do próximo mês de Dezembro, pelas 10 horas, proceder-se-á, num dos escritórios desta sociedade, na Rua Duque de Loulé, n.º 98-1.º, no Porto, ao sorteio de 38 082 obrigações, sendo 32 536 do valor nominal de 100\$00 cada uma e 5 546 do de 1 000\$00, para efeito de amortização a vencer em 1 de Janeiro de 1976 — data em que se vencem também os juros das obrigações das diversas séries, relativos ao segundo semestre de 1975 — iniciando-se no referido dia 1 de Janeiro o período dos respectivos pagamentos.

(São:

2 689	obrigações da série de 3 3/4 % — 1946/76;
5 009	obrigações da série de 4 % — 1948/79;
2 406	obrigações da série de 5 % — 1951/81;
4 580	obrigações da série de 5 % — 1952/82;
6 223	obrigações da série de 5 % — 1954/84;
5 959	obrigações da série de 5 % — 1957/88;
5 670	obrigações da série de 5 % — 1958/89;
463	obrigações da série de 5 % — 1960/90;
500	obrigações da série de 5 % — 1963/79;
1 041	obrigações da série de 6 % — 1968/83;
1 042	obrigações da série de 6 % — 1968/84;
2 500	obrigações da série de 7 % — 1972/84;

conforme consta dos respectivos quadros de amortização).

Porto, 13 de Novembro de 1975.

Pela SOCIEDADE NACIONALIZADA
UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA, S. A. R. L.
Pel'a COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Joaquim Maria Relvas
Damião Lourenço da Cunha

PUB

Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito de Lisboa

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73
LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores do sector da Indústria de Águas, Refrigerantes e Sumos de Frutas, para uma reunião na sede do Sindicato, Av. da República, 29 — no próximo dia 20, pelas 21 horas — para se pronunciarem sobre o projecto do Contrato Colectivo.

Lisboa, 13 de Novembro de 1975.

A Direcção
Lucília Pereira

Trabalho

INDÚSTRIA FARMACÊUTICA

TRABALHADORES ANALISAM DEPENDENCIA DO IMPERIALISMO

A aparente prosperidade de que goza a indústria farmacêutica dissimula a «possibilidade de um boicote», por parte do imperialismo, «que se poderá reflectir de uma forma bastante grave no sector, dada a nossa total dependência do estrangeiro» — afirmam os elementos de um grupo de trabalho, criado para estudar a situação da indústria farmacêutica, na sequência de uma reunião de trabalhadores do sector convocada por um Secretariado Nacional das Comissões de Trabalhadores.

Nesta reunião, efectuada na última terça-feira, foram discutidos diversos aspectos da actual situação, considerando-se, unanimemente, que não existe crise da indústria farmacêutica, «antes pelo contrário, ela afigura-se bastante próspera».

No entanto, há factores que podem vir a revelar-se adversos. Segundo foi salientado, as matérias-primas são importadas, e as técnicas de fabrico e análise são estrangeiras. A crise existente no sector de transportes agrava esta situação do Ministério: suspensão da frota marítima existe a possibilidade de uma total paralisação; a frota aérea está totalmente dependente do imperia-

lismo americano; na frota terrestre também o panorama não se afigura muito brilhante, porquanto as agências de viagem estão em crise» — afirma o grupo de trabalho.

Esta reunião, a que estiveram presentes apenas 13 trabalhadores e um médico, permitiu concluir que «de imediato» o imperialismo só tem por «finalidade manter em funcionamento todo um esquema capitalista de fabricação e venda de medicamentos», o que é ilustrado «pelos gastos exorbitantes que a manutenção em termos de concorrência de cerca de 20 mil especialidades farmacêuticas acarreta».

Para estudo aprofundado da situação e das soluções a adoptar, o grupo de trabalho agora criado convocou uma reunião de comissões de trabalhadores ligadas ao sector da saúde pública (laboratórios, armazéns, farmácias, hospitais, Previdência, departamentos oficiais, etc), alargada a todos os trabalhadores, a realizar na sexta-feira, dia 21, pelas 21.30, na Avenida Duque de Loulé, 104-4.

Nos termos da convocatória, «pretende-se a discussão exaustiva» daqueles problemas «passando de imediato à

centralização de todos os órgãos da vontade popular, de modo a que um trabalho efectivo possa ser levado a cabo e soluções de carácter profundo possam ser exigidas pelos trabalhadores».

SOFORMEL: MARCELO CURTO DEMITE-SE

O secretário de Estado do Trabalho decidiu revalidar a credencial passada à comissão de trabalhadores da Soformel, que permite a estes, gerirem a firma, demitindo-se das suas funções neste caso por entender que na fase actual devem ser apenas as partes a resolver o problema — revela um comunicado conjunto da comissão instaladora do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêuticos e da comissão de trabalhadores da Soformel.

«Quer dizer, o Ministério das Corporações (ex-Trabalho) cria uma situação, é totalmente responsável por ela, e depois diz que não tem que ver com essa situação», prossegue o comunicado, que sintetiza a acção do Ministério: suspensão da credencial, passada no

tempo de Costa Martins, permitindo, assim, que «a entidade patronal movimentasse os fundos bancários da empresa em seu proveito»; tentativas para «desmoralizar as lutas de todos os trabalhadores em geral», ao comprometer o «trabalho desenvolvido pelos trabalhadores junto dos clientes para levantarem a empresa do caos» e ao «aliar-se à entidade patronal caluniando a luta dos trabalhadores da Soformel».

O comunicado lembra que o Ministério «mandou levantar inquéritos a funcionários do Ministério do Trabalho que, mantendo-se ao lado dos trabalhadores neste processo, passaram a credencial», e, «tendo sido testemunha das negociações que levaram ao acordo de vários pontos sobre o controlo da produção, permitiu que a entidade patronal voltasse mais tarde a recusar-se a cumprir os sob o pretexto de não terem sido assinadas actas».

Ao desligar-se do processo, «alegando que as negociações ultrapassam o âmbito do Ministério», o secretário de Estado do Trabalho revela «uma incapacidade total» — acusa o Sindicato.

NA MAIOMBE

EX-GERENTE QUER ENTRAR TRABALHADORES NÃO DEIXAM

— Galvão de Melo (José) libertado sob caução

Os trabalhadores da Maiombe, Importação e Comércio de Madeiras, prometem adoptar uma posição firme, não se responsabilizando «por aquilo que possa acontecer», caso o ex-sócio-gerente José Galvão de Melo, libertado sob caução, no passado sábado, da cadeia de Monsanto, volte a tentar entrar nas instalações da empresa.

Galvão de Melo, irmão do general deputado do mesmo nome, encontrava-se detido há alguns meses, por ordem da Polícia Judiciária, na sequência de um relatório documentado enviado pela Comissão de Trabalhadores da Maiombe a diversas entidades, no qual se denunciavam diversas anomalias: «sabotagem económica, desvio de fundos, fugas ao fisco, desvio de capitais para o estrangeiro, etc».

Desde Julho, a empresa é gerida por uma comissão administrativa nomeada pelo Governo, ao abrigo do Decreto-Lei 660/74. A intervenção estatal

fora solicitada pelos trabalhadores, depois de constatarem a impossibilidade de diálogo com a entidade patronal.

A Comissão de Trabalhadores da Maiombe denuncia, agora, «as manobras altamente reacçãoárias que levaram à libertação» de José Galvão de Melo, que «insiste em entrar nas instalações da firma de cuja gerência está suspenso, dizendo, com ares ameaçadores, sou o dono disto, isto é meu», apesar dos trabalhadores, em plenário terem rejeitado a sua presença na empresa.

Considerando estes acontecimentos «como verdadeiras provocações aos trabalhadores» e denunciando a sua ligação «à escalada reacçãoária que ultimamente se tem feito sentir», a Comissão de Trabalhadores da Maiombe interroga: «que justiça é esta, que liberta indivíduos que praticam verdadeiros crimes contra a economia nacional e todo o povo português?»

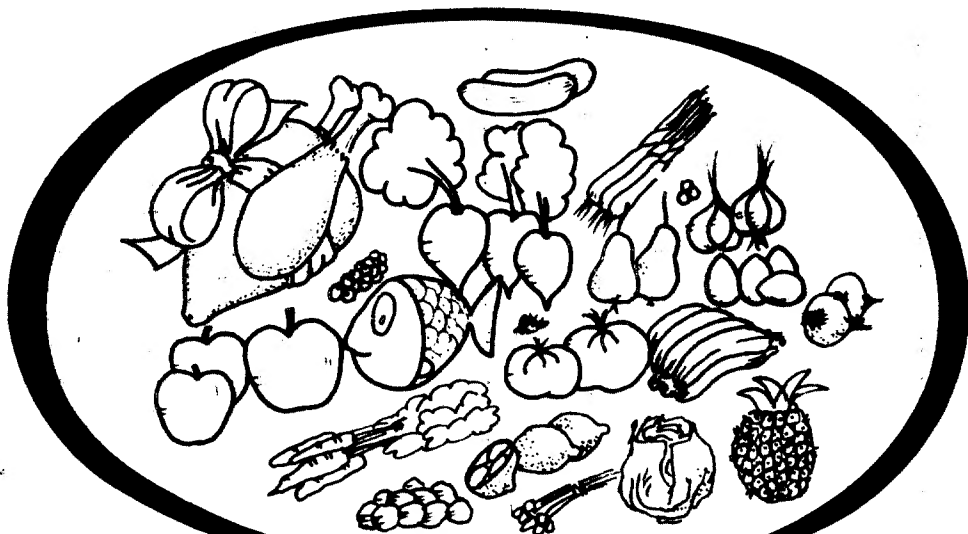
REGULAMENTAÇÃO DE TRABALHO PARA VENDEDORES DE PÃO

Os vendedores de pão vão começar a ser abrangidos pela regulamentação de trabalho da indústria de panificação, segundo determina uma portaria do Ministério do Trabalho.

De acordo com este diploma,

os vendedores de pão passarão à categoria profissional de distribuidores, desde que o declarem à entidade patronal, por escrito, no prazo de dois meses.

na av. do Uruguai conte connosco

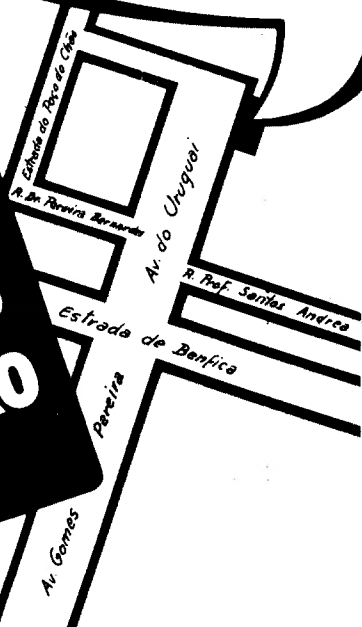


Um Supermercado que abre remodelado. Com melhor assistência. Mantendo e melhorando a tradição da qualidade dos alimentos frescos. Fruta, legumes, peixe. E, para a época que se aproxima, o nosso peru com o peso ideal para o jantar familiar de Natal. Experimente.

O seu tempo conta. Aproveite-o. Estamos agora mais perto de sua casa.

Pão de Açúcar
NUTRIPOL
A.C. SANTOS

DE NOVO NO SEU BAIRRO



PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 57 40 73 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os trabalhadores do sector de Importadores de Armazenistas de Lanifícios, para uma reunião na sede do Sindicato, Av. da República, 29, no próximo dia 21, 6.ª feira, pelas 21 horas, para se pronunciarem sobre o projecto do Contrato Colectivo.

Lisboa, 18 de Novembro de 1975.

A DIRECÇÃO

PUB

SINDICATO DOS CAPITALÊS, OFICIAIS-PILOTOS, COMISSÁRIOS E RADIOTÉCNICOS DA MARINHA MERCANTE

Praça de D. Luís, 9, 1.º-Dt.º — Telefone 66 04 33 LISBOA - 2

ASSEMBLEIA GERAL CONVOCATÓRIA

Efectua-se no próximo dia 5 de Dezembro de 1975, sexta-feira, pelas 21.00 horas, uma Assembleia Geral, na sede do Sindicato — Praça D. Luís, 9-1.º, Dt.º, Lisboa-2 — com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Apreciação e votação do relatório, balanço e contas de 1974.
- 2 — Apreciação e votação do orçamento para 1976.

Lisboa, 14 de Novembro de 1975

Pe'l' O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Luís Filipe Mosca Caldas

Trabalho



"ALAVANCA" SAI RENOVADA

"Alavanca", semanário da Intersindical, saiu ontem à público, completamente reformulado, após um período de suspensão de cerca de dois meses, para reestruturação. Salienta-se, neste número, uma entrevista em exclusivo com o capitão Costa Martins, que foi ministro do Trabalho de quatro Governos provisórios

SEMPRE À ESQUERDA
CONTINUAM OS "SANEAMENTOS"
NO MINISTÉRIO DO TRABALHO

No Ministério do Trabalho, continua a repressão aos elementos da confiança dos trabalhadores, que insistem em manter uma posição de verticalidade face ao modo de funcionamento imposto pelo ministro aos diversos serviços daquele departamento.

Desta vez, foi visado o director dos Serviços de Formação Profissional, antigo dirigente sindical e professor do I.S.T., que se encontra suspenso das suas funções desde o dia 17, por despacho de Tomás Rosa em que se manda instaurar um inquérito aos trabalhadores da D.S.F.P. por estes terem participado numa reunião, no dia 12. Recorde-se que, o ministro determinou o encerramento, nesta data, de todos os serviços do Ministério do Trabalho, por motivo da greve-manifestação dos trabalhadores da construção civil.

«Embora seja inacreditável que tal aconteça depois do 25 de Abril, o motivo indicado para a suspensão do eng. Faria e Silva é ter assistido e participado na referida reunião», comentam os trabalhadores da D.S.F.P. «Não foram ouvidas as partes para averiguar do que se teria passado. Apenas foi

ouvida a denúncia de delatores profissionais».

E prossegue o documento de esclarecimento, enviado por aqueles trabalhadores aos órgãos de Informação:

«Alguns trabalhadores que se encontravam presentes na D.S.F.P. aprovaram uma moção de apoio à luta dos trabalhadores da construção civil, que nesse mesmo dia se manifestavam; exprimiram a sua estranheza pelo facto de terem sido encerradas as dependências do Ministério do Trabalho, sem explicação e sem que tivessem havido sequer ordens claras e concretas.

«Existe, expresso no programa do M.F.A., e até no projecto de Constituição Política, o reconhecimento do direito de reunião e de livre expressão de pensamento.

«Pois, o ministro do Trabalho, calcando aos pés tais liberdades, e apenas porque trabalhadores exprimiram a sua opinião, porque trabalhadores apoiaram a luta de outros trabalhadores, suspende o director da D.S.F.P. e manda abrir um inquérito aos outros trabalhadores presentes na reunião».

É PRECISO PAGAR O LEITE

A falta de pagamentos por parte da Luso-Serra, localizada no Ladoeiro, mereceu por parte de produtores de leite da Cova da Beira o pedido de intervenção do Governo, já que muitos dos que têm fornecido o produto àquela empresa de laticínios não recebem qualquer importância há cerca de cinco meses.

As consequências da falta de pagamento tornam-se extensivas a um vasto sector da agricultura, o que agrava a situação na zona. A empresa em causa, com capacidade para absorver diariamente cerca de 70 mil litros de leite, empacotando com ultrapasteurização cerca de 20 mil, está neste momento a recolher apenas três mil litros por dia.

E, assim, no momento em que as populações se debatem com a grave carência de leite, se faz um estranho silêncio sobre 9200 produtos de subsídios concedidos pela Junta Nacional de Produtos Pecuários para pagamento do leite ao produtor, que foram alvo de um inquérito.

MANIFESTAÇÃO ANULADA

LEGALIZADO O HORÁRIO
DA INDÚSTRIA DE PANIFICAÇÃO

Os trabalhadores da panificação obtiveram ontem mais uma grande vitória, conseguindo que o Ministério do Trabalho reconhecesse a legalidade do horário diurno que já vem sendo praticado há exactamente um mês, sem alteração da tabela salarial que era praticada durante a vigência do horário nocturno, incluindo um subsídio de 25 por cento. A manifestação convocada para hoje foi, por isso, desconvocada. No entanto, naquele Ministério, em quem o Conselho de Ministros de antemão delegou, de novo, poderes deliberativos sobre o assunto, foi tentada uma manobra de última hora no sentido de dividir os interessados.

Assim, depois de muitas insistências dos trabalhadores, o representante do Ministério propôs ontem, de manhã, que

se decidissem sobre um de quatro horários, com início do período de laboração às zero, às quatro, às cinco e às seis horas. Pretendia-se ainda, nessa proposta, que fosse respeitada uma manobra de última estabelecidos horários diferentes nos vários distritos. O horário aprovado tem início às seis horas, seis e trinta e sete horas para os amassadores.

A manobra tentada foi vista por um delegado sindical como «uma tentativa de criar a cisão entre os trabalhadores da mesma indústria, sobretudo nos distritos limítrofes». O mesmo trabalhador afirmou: «Para nós foi uma vitória extraordinária na medida em que alcançamos uma das mais velhas aspirações da nossa classe. Isto é mais uma prova da força de união das classes trabalhadoras do País».

Os trabalhadores da panificação encontram-se em luta desde Julho, quando foi assinada a nova Convenção Colectiva de Trabalho que não contemplou este ponto dos horários e o deixou pendente de uma comissão que sobre ele se deveria pronunciar até 12 de Outubro. Como normalmente acontece, a comissão não «funcionou» e os trabalhadores reuniram-se em assembleia geral, decidindo a entrada em vigor do horário diurno a partir do dia 20 do mês passado.

NOTA OFICIAL

Sobre o assunto, o Ministério do Trabalho divulgou a seguinte nota oficial, que publicamos ao abrigo do Art. 15.º da Lei de Imprensa:

«Na sequência das negociações havidas entre representantes do Ministério do Trabalho e dos Sindicatos dos Trabalhadores da Panificação, foi

possível chegar a uma plataforma de entendimento, materializada em protocolo hoje firmado, no respeitante aos problemas do horário de trabalho e das remunerações.

«O período de trabalho agora acordado terá início às 6 horas, 6 e 30 e 7 horas, para os amassadores, ajudantes e forneiros, respectivamente, e vigorará, a título provisório, até final do ano em curso, não sendo por este facto afectadas as actuais remunerações dos trabalhadores».

«A partir de 1 de Janeiro de 1976, e após a conclusão de inquérito a realizar junto do público consumidor em todos os distritos do País, o diploma agora a publicar poderá ser revisto, de modo a adaptá-lo aos condicionais específicos revelados através do referido inquérito.»

PLENÁRIOS DA C.M.L.

PRÓ-SINDICAL ESCLARECE E ACUSA,
"COMISSÃO DE LUTA" DIVIDE E MANOBRA

Das 15 às 20 e 30 horas de ontem, o Pavilhão dos Desportos pertenceu aos trabalhadores da Câmara Municipal de Lisboa, que, em dois plenários totalmente diferentes, analisaram os últimos acontecimentos. Porquê dois plenários?

Simplesmente por isso: enquanto a Pró-Sindical fazia uma convocação para as 15 horas, a «comissão de luta» difundia uma outra, para as 18 horas, no mesmo local. Os trabalhadores ficaram confusos e o resultado está-se mesmo a ver: poucas centenas de presenças nos dois casos, aprovação de propostas frontalmente contrárias e alargamento do fosso já existente entre os que condenaram a greve e os que apoiaram a «comissão de luta». Entretanto, quem assistiu aos dois plenários, pode constatar que, enquanto no primeiro houve uma tentativa de esclarecimento, no segundo, as sucessivas manobras fizeram com que a mesa perdesse totalmente o controlo dos trabalhos e que os próprios adeptos da «comissão de luta» ficassem ainda mais divididos.

O PLENÁRIO DA
PRÓ-SINDICAL

Contando com a presença de aproximadamente 400 pessoas, o plenário das 15 horas, convocado pela Pró-Sindical girou em torno de um eixo básico: o desmascaramento das intenções que presidiram a greve, a definitiva colocação em xeque da «comissão de luta» e a condenação dos métodos empregados para o início e manutenção da greve. Logo no início foi bem contornada uma tentativa de boicote, através de uma proposta que sugeria o adiamento do plenário para as 18 horas. Em seguida, começaram as denúncias.

Um mecânico de Alcântara denunciou violências e coacções, ocorridas inclusivamente nos serviços gráficos («ou param ou paramo uma bomba nisso»). Um outro denunciou a divisão dos trabalhadores, da C. M. L. citando a



A «Comissão de Luta» da C.M.L. que falhou nas manobras de ontem

RTP como uma das culpadas. Ao mesmo tempo em que a «comissão de luta» era violentamente criticada, era feita a defesa de motoristas, mecânicos, pedreiros e pessoal da limpeza pública, que entrou na greve sem saber bem o que fazia, apenas porque haviam recebido ordens dos seus chefes. Um engenheiro do Gabinete Técnico de Habitação classificou a greve como «fascista» e um trabalhador da Divisão de Viação e Trânsito comunicou que no seu sector ninguém estava avisado e que após uma análise do que acontecia se chegou à conclusão que tudo estava manobrado. Uma mecânica do Centro de Informática perguntou as razões pelas quais a «comissão de luta» não estava presente naquele plenário e uma outra, dos Arquivos de Obras só soube da greve no sábado, quando chegou para trabalhar e disseram-lhe que «o presidente queria trair os trabalhadores». Comunicou ainda que havia sido proibida pela chefia de ir ao plenário. Seguiram-se muitas intervenções, no mesmo tom.

Após o ponto da situação, foi aprovada uma proposta que reprovava a paralisação do último fim-de-semana, alerta os trabalhadores para a manipu-

lação e considera que a gestão da C. M. L. diz respeito prioritariamente à população de Lisboa e aos órgãos de Poder popular. Ficou ainda acertado que na próxima sexta-feira será realizado uma assembleia de delegados alargada, às 18 horas, na sede da Pró-Sindical, quando serão eleitos oito membros de uma Comissão de Inquérito que vai examinar as atitudes da «comissão de luta».

Manobras evidentes e mal conduzidas e uma grande confusão foram as suas características. Logo no início, foram lidas três propostas «encaminhadas à mesa», que pediam a imediata destituição da Pró-Sindical. Curiosamente, ninguém viu as oito pessoas que assinavam a primeira, nenhum representante da D. S. U., que assinava a segunda, e nenhum «grupo de trabalhadores» que sugeria a terceira, irem até à mesa dos trabalhos apresentar as suas propostas, o que significa que elas já vieram prontas, antes do plenário. Também curiosamente, não foi procedida qualquer votação, continuando o plenário em tom de «sessão de esclarecimento», com a leitura de moções contra a Pró-Sindical e contra a eleição do Conselho Municipal. Com a desmobilização já

iniciada, seguiu-se uma encenação envolvendo uma carta «que provava que a Pró-Sindical não se interessa pelos trabalhadores», com a participação de um funcionário da vigilância dos postos de turismo. Esta carta, enviada por este trabalhador à Pró-Sindical, registada e com aviso de recepção, estranhamente apareceu na mesa da «comissão de luta». Talvez prevendo o ridículo que seria 400 pessoas pronunciarem-se por 10 000 — o número de trabalhadores da C.M.L. — alguém apresentou uma proposta de «suspensão» da Pró-Sindical, em lugar da «demissão». Logo a seguir, um funcionário da Divisão de Viação e Trânsito desmascarou definitivamente a manobra dizendo que legalmente, o máximo que poderia ser feito era a convocação de um plenário para só então penalizar a Pró-Sindical, pois naquele dia tinha havido dois plenários e àquela hora só estava presente uma das facções, facto que não dava representatividade a qualquer decisão de âmbito geral, até porque a desmobilização já reduzira os participantes do plenário à metade que estava presente no início dos trabalhos.

Foi ainda tentada uma rápida recuperação, oportunidade em que chegou a ser afirmado que as pessoas presentes no plenário anterior não eram trabalhadores da C.M.L.

Já sem saber o que fazer, a mesa pôe à votação a demissão da Pró-Sindical, que é aprovada por uma grande maioria.

Às 20.30 o plenário terminou, sem qualquer decisão, além da marcação do referido plenário para a próxima sexta-feira, às 18 horas, a coincidir, exactamente, com a assembleia de delegados alargada, cuja realização havia sido decidida três horas antes, no plenário da Pró-Sindical. Um enorme ponto de interrogação pairava sobre cada um dos «minicópios» que se formaram à saída do Pavilhão dos Desportos.

Estrangeiro

FRANCO: O RECU

CAETANO	✓	25. Abril 1974
IOANNIDES	✓	23. Jul. 1974
LON NOL	✓	17. Abril 1975
THIEU	✓	21. Abril 1975
FRANCO		

Um jornal das esquerdas suíças — o «Poch Zeitung» — publicou esta lista sugestiva dos ditadores que caíram desde o 25 de Abril para cá: Caetano, Ioannides, da Grécia, Lon Nol, do Camboja, Thieu, do Vietname. Franco está na lista. Aguardava-se apenas a data da sua morte para lhe «dar baixa»

UM HOMEM DA REPÚBLICA

Diferentemente de Millan Astray e de Sanjurjo (o general exilado em Portugal, que morreu na queda do avião quando regressava a Espanha para tomar conta do Poder), Franco não interveio, em Abril de 1931, na defesa da monarquia agonizante. Mantém-se (à sua maneira) fiel à república. Circunstância que se deve não a qualquer ambiguidade da pessoa de Franco, peça direita e inteira de fanatismo reaccionário, mas sim às vicissitudes da própria república, em cujo seio os Francos também cabiam. Dessa fidelidade deu ele grandes provas nas Astúrias. O povo asturiano conhecia bem Franco desde 1917, quando ele, qual anjo exterminador, caiu sobre os trabalhadores em luta e os reprimiu com a maior violência. Quando a república o convidou a reprimir o levantamento das Astúrias, não hesitou em usar em Espanha a ferocidade com que se distinguira na África. Foi então que, pela primeira vez, surgiu oficialmente como «salvador» da Pátria, facto que só por si, denota as loucas dilacerações desses anos de regime republicano. É a Legião Estrangeira que o auxilia na tarefa. Franco, que anteriormente tinha sido director da Escola Militar de Saragoça para ser afastado como governador das Baleares, regressa agora em pleno, à actividade. Passa a ser chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Estavam criadas as condições para o golpe fascista sem sangue. Franco colocou os seus amigos no Ministério da Guerra. E pretendeu dar um golpe de Estado legal, propondo que se decretasse o estado de sítio e fosse proclamada a lei marcial. A sugestão foi, porém, recusada.

Em 1936, mais propriamente no mês de Fevereiro, a esquerda espanhola obteve um grande triunfo eleitoral: a Frente Popular ganha as eleições e Manuel Azaña forma o novo Governo. Os generais suspeitos — e Franco é um deles — são afastados. Franco que há três anos controla o Exército é enviado para as Canárias.

«OFERECEMOS A JUSTIÇA»

A impudica linguagem da direita surge em todo o seu escândalo nas palavras de Franco, proferidas no momento da rebelião de 17 de Julho do mesmo ano de 1936 (rebelião de Marrocos): «Oferecemos a justiça e a igualdade, a paz e o amor entre os espanhóis, a liberdade, e a fraternidade, o trabalho para todos. A justiça social será realizada sem ódio nem violência».

Deste programa foram integralmente cumpridos os seus contrários.

No dia 18 de Julho, quando Franco pousa em Tetuão, após escalas em Agadir e Casablanca, o levantamento está completamente vitorioso em Marrocos e tinha começado a revolta das guarnições andaluzas. Em 26 de Agosto, Franco instala o seu primeiro Governo em Cáceres.

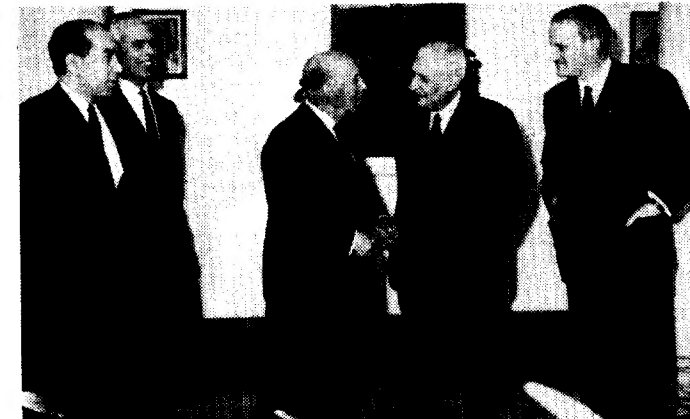
A desunião das esquerdas espanholas foi um dos factores



Francisco, o autodenominado «nacionalista», condecora durante a guerra civil um dos estrangeiros — neste caso um italiano — que ajudaram a arrasar a Espanha e a esmagar as conquistas democráticas do povo espanhol



Hitler e Franco: dois símbolos duma época em que a civilização pareceu ameaçada de desaparecer na Europa



Francisco e Salazar: um dos encontros dos dois dirigentes fascistas da península. Este decorreu em Maio de 1963



Francisco e o seu sucessor designado: Juan Carlos

PUB

CURSO BÁSICO DE COMUNISMO CIENTÍFICO

1.º VOLUME

Autor: Sob a direcção de V. G. AFANASSIÉV

As Edições «AVANTE!» vêm apresentar ao público leitor português o primeiro volume do Curso Básico do Comunismo Científico, importante obra de formação teórica e de esclarecimento ideológico.

Este Curso reúne e elabora cientificamente as experiências de outros povos na construção do socialismo e do comunismo, e assim demonstra e comprova que as vitórias alcançadas pelos países socialistas são, por um lado, obra e fruto do esforço criador porfiado e inquebrantável da classe operária e das massas trabalhadoras e por outro o resultado concreto, prático, objectivo, da teoria marxista-leninista, único guia para a acção capaz de levar o proletariado ao futuro que traz nas mãos.

Colocamos, pois, este Curso nas mãos dos nossos os trabalhadores, da nossa juventude. E com certeza nenhuma poderá deter-nos na nossa marcha para o socialismo.

Código 22,01

Preço 30\$00

À VENDA NAS LIVRARIAS

PEDIDOS A EDITORIAL «AVANTE!»

LISBOA: Av. Santos Dumont, 57-2.º — Tel. 76 97 51

PORTO: R. de Aviz, 26

COIMBRA: R. da Sofia, 73-1.º

MARINHA GRANDE: Livraria 18 de Janeiro

R. Marquês de Pombal, 51

CURSOS

Edição de listas as matriculas até 26/11/75 para os cursos de Perturbação, Verificação, Sistemas: IBM e UNIVAC. Início dos cursos 26/11/75. As inscrições são limitadas.

EXTERNATO CONTINENTAL

T. 364272-R. do Arsenal, 100-1.º



USE-A 3 VEZES POR DIA

Estrangeiro

JO DA HISTÓRIA

la vitória das forças reaccionárias. Mas está longe de ter sido o único ou mesmo o mais importante. O capitulacionismo de que as grandes potências de então não tardariam a dar provas daí a poucos anos em Munique foi flagrante na guerra de Espanha. A Europa permitiu que os patriotas espanhóis fossem dizimados. E, deste modo, o «caudillo» pôde assegurar a vitória, jogando com os seus trunfos, que eram de monta: o auxílio nazi, concretizado na famigerada «legião Condor», a qualidade das tropas moures, a participação maciça de «voluntários» italianos, um armamento cada vez mais aperfeiçoado e uma aviação soberana.

Muito tempo depois da guerra, os pelotões de execução funcionavam ainda por toda a parte em Espanha. «Foi o horror, a monstruosidade. A perseguição impiedosa dos democratas, dos socialistas, dos nacionalistas bascos e catalães, e, com um furor especial, dos comunistas. Quantos homens, cujo destino foi o pelotão de execução, terão caído vítimas dessas terríveis sacas, os massacres nocturnos nas prisões? Não há estatísticas. É impossível avançar um número. Em cada casa... uma dor, em cada família... uma morte. Por todo o país, a opressão e o triunfo do horror» (Dolores Ibarruri, «la Pasionaria»).

HENDAYA: A SALVAÇÃO

No dia 23 de Outubro de 1940, Franco — prevenido — talvez com o mesmo instinto de salvação que o fez agarrar tão desesperadamente à vida — salva o fascismo espanhol. A sua recusa em se envolver na guerra mundial, feita directamente ao congénere Hitler, que se deslocara àquela localidade fronteiriça para lhe exigir a recompensa devida, foi essencial para o salvar. Nova insistência de Hitler em 1942 recebe a mesma recusa: segundo certos historiadores, terá sido outra raposa matreira — Salazar — quem, no encontro de Fevereiro do mesmo ano, o terá feito radicar ainda mais nessa decisão.

Quando a sorte das potências do Eixo começa a revelar-se inequivocamente, Franco toma as suas distâncias. Em Setembro de 1943, despide o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, muito ligado aos nazis, Serrano Suner, e substitui-o por uma personalidade notoriamente simpática de Londres — o general Jordana. Em Outubro do ano seguinte, manda regressar a Divisão Azul da frente Leste.

Enquanto isto, no interior apoia-se nos falangistas contra os monárquicos (que começam a agitar-se, com tentativas de restauração na pessoa de Juan de Borbon), joga nas várias tendências monárquicas, bate-se pela caução de uma Igreja, que generosamente ela ofereceu.

Quando a guerra acabou, todos contavam com a queda de Franco. Menos o próprio Franco. Esse sabia em que terreno internacional se movia. Em plena luta antinazi, Roosevelt e Churchill tinham-lhe dado garantias.

É que, uma vez afastado o

perigo nazifascista, o Ocidente capitalista e imperialista virava-se agora contra outro inimigo, o aliado da véspera, o socialismo. A não intervenção de Franco no conflito permitiu que se passasse uma esponja sobre o seu passado, embora muito recente, que se fechasse pudicamente os olhos às barbaridades que continuavam a cometer-se. Com todos os seus defeitos totalitarista, a Espanha de Franco era um reduto tranquilizador para o capitalismo.

Se é certo que a O. N. U. não admite a Espanha durante cinco anos (de 1946 a 1951), se é certo que a Espanha não é admitida na N. A. T. O., se é certo que a Espanha se vê

fundamentais. Iam longe os tempos de se gritar «Abaixo a inteligência» e «Viva a morte». A tirania passava ideologicamente à clandestinidade. A Espanha era agora «um Estado católico social e representativo». Verniz q.b. para que a comunidade internacional seguisse as pisadas dos E. U. A. A década de 50 (troca de embaixadores com os E. U. A., entrada na Unesco, concordada com a Santa Sé) é a da grande reconciliação com o exterior. Não surpreende. A linguagem agressiva, fanaticamente anticomunista dos antigos nazifascistas era agora o pão nosso de cada dia dos antigos democratas. Viviam-se em pleno clima de guerra fria.

espanhola prouide Uma política de acção e investimentos, que conta, com uma mão-de-obra política e sindicalmente dominada, levou à industrialização do país. Daqui adveio uma prosperidade relativa que contentou camadas sociais, de outro modo facilmente seduzidas por apelos revolucionários, mas que trouxe consigo também o desenvolvimento da classe operária e consequente agudização dos conflitos sociais. As nacionalidades, cujo problema não encontrou (como, aliás, nenhum outro problema) qualquer possibilidade de solução com o regime franquista, não cessam os seus ataques contra o regime. Marcadamente socialista, no que se refere a alguns desses movimentos, vieram engrossar as fileiras dos revolucionários antifranquistas dispostos a um combate de morte contra a opressão.

Neste pano de fundo, surgem as tímidas tentativas de liberalização, as débeis primaveras de um regime, que se empenha numa verdadeira corrida contra o tempo.

Político astuto, Franco não podia ignorar as dificuldades do pos franquismo. A sua decisão de designar em 1969 o príncipe Juan Carlos como seu sucessor na chefia do Estado e de daí, a três anos, designar Carrero Blanco como futuro chefe do Governo, constitui a tentativa de salvar o regime, após a sua morte. Em Março de 1973, Franco dá mais um passo nesse caminho: renuncia ao seu cargo de chefe de Governo, o qual passará a ser ocupado por Carrero Blanco. Contudo, a morte deste, assassinado em Madrid em Dezembro de 1973, é um golpe muito duro no esquema traçado.

Arias Navarro, o novo primeiro-ministro, ligará o seu nome a uma tentativa liberalizadora, que dura oito meses e acaba abruptamente com a queda do ministro da Informação, Pio Cabanillas, em Outubro do mesmo ano.

O PÂNICO

O 25 de Abril em Portugal parece ter assustado brutalmente o «caudillo» e todos os seus comparsas. Um regime irmão, mais velho ainda que o de Madrid, cai mesmo à porta de Espanha. As massas portuguesas, reprimidas durante tantos anos, manifestam inequivocamente a sua determinação de lutar pelo socialismo. O grande inimigo, a força do mal, contra a qual a direita espanhola combatia, contra a qual tinha destruído Guernica, contra a qual tinha provocado um milhão de mortos assomava do outro lado da fronteira.

Para este pânico, a direita só conhece um remédio: encerrar-se cada vez mais no seu anel de ferro e recorrer à violência.

Foi o que Franco fez. As últimas vítimas do seu regime, os inocentes assassinados pelo seu pânico, foram os cinco patriotas fuzilados em Setembro de 1975.

Por duas semanas, a Espanha pareceu ameaçada de voltar ao isolamento internacional. Mas foi mal de pouca duração. Meses antes desse crime, Madrid foi «honrada» com a visita

de Gerald Ford, presidente dos E. U. A. E, durante grande parte do ano de 1974, na Europa e nos E. U. A. muitos se bateram pela sua entrada na N. A. T. O. Não há que duvidar: o

«mundo livre», tão prezado por Franco, estava de bem com ele. E agora, se não lamenta a sua partida, encara-a, pelo menos, com profunda apreensão.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA VIDREIRA MARINHA GRANDE COMUNICADO

A REPRESSÃO FASCISTA CONTRA OS TRABALHADORES VIDREIROS, DE OLIVEIRA DE AZEIS, CONTINUA

O industrial fascista Júlio Mateiro e um grupelho de traidores, continuam a impedir o exercício das liberdades e actividades sindicais e prosseguem a repressão e a violência contra os trabalhadores vidreiros de Oliveira de Azeis.

Querendo manter, contra a vontade da esmagadora maioria dos trabalhadores, o ex-Sindicato Nacional dos Operários Vidreiros do D. de Aveiro, já extinto, o reaccionário, o fascista JÚLIO MATEIRO, recorre a todos os meios de intimidação, repressão e violência; a todas as ilegalidades que gente responsável do Ministério do Trabalho e as autoridades lhe consentem. Ele quer continuar a dominar o ex-Sindicato para melhor roubar os trabalhadores, tal como o fez durante dezenas de anos.

Em 9 do corrente, e.é, JÚLIO MATEIRO, e os traidores seus lacaios, todos inimigos dos trabalhadores e do sindicalismo que defende efectivamente quem trabalha, impediram que a Direcção deste Sindicato realizasse uma reunião de trabalho com os nossos camaradas do distrito de Aveiro, para debater questões como as da eleição de delegados sindicais e o andamento das negociações do CCT. Como impediram eles a realização da reunião? Com agressões selvagens contra os nossos camaradas Soares, dirigente deste Sindicato e já anteriormente despedido; e Lopes, delegado sindical. Foi também com ameaças de destruição das instalações da cantina da Escola Comercial e Industrial de Oliveira de Azeis onde se devia realizar a reunião. Foi mobilizando, não os trabalhadores vidreiros porque estes há muito lhes voltaram as costas, mas mobilizando pessoas nas aldeias vizinhas de Oliveira de Azeis, que o fascista JÚLIO MATEIRO e os traidores seus lacaios, conseguiram criar no passado dia 9, na Vila, um clima de agitação e violência que impediu a realização da prevista reunião.

Mas os fascistas, os reaccionários, aqueles que traem as classes trabalhadoras, tal como o industrial reaccionário JÚLIO MATEIRO, não se ficaram por aqui.

Efectivamente, o contra-revolucionário JÚLIO MATEIRO, acaba de despedir o nosso camarada Lopes, delegado sindical, por este no exercício das suas funções legais, distribuir aos outros camaradas trabalhadores da firma «CENTRO VIDREIRO DO NORTE DE PORTUGAL», um comunicado emitido por este Sindicato.

A Direcção do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria Vidreira comunica, denuncia por este meio os métodos fascistas atrás referidos, denuncia a repressão que está a ser exercida contra os trabalhadores vidreiros de Oliveira de Azeis, consentida pelas autoridades e por responsáveis do Ministério do Trabalho e comunica que irá lutar contra tal situação a nível nacional e das formas mais adequadas em cada momento da luta. Não podemos ainda deixar de referir que tudo isto é devido à completa ineficácia de que o Ministério do Trabalho vem dando provas ao nível central e regional.

Marinha Grande, 18/11/75

A DIRECÇÃO

PROGRAMA OFICIAL NOS PRÓXIMOS DIAS

MADRID, 20 — (F. P.) — O programa oficial dos diversos actos e cerimónias depois da morte do general Franco são os seguintes:

— 20 de Novembro: de dia, o corpo do general Franco será transportado para o Pardo. Lá estarão de vigília apenas os membros da sua família e os seus amigos íntimos.

— Sexta-feira, 21 de Novembro: o corpo embalsamado do «Caudillo» será exposto ao público a partir das 8 horas. Até às 7 do dia 23 de Novembro, na sala das Colunas do Palácio do Oriente.

— Sábado, 22 de Novembro: as Cortes e o Conselho do Rei, reunir-se-ão às 12 h. 30 para receber o juramento de Juan Carlos e proclamá-lo Rei de Espanha.

Logo depois «Sua Majestade El Rey» dirigirá uma mensagem à Nação.

— Domingo, no fim da manhã, uma missa pública será celebrada no Palácio do Oriente, na presença do Rei. Em seguida, o corpo do general Franco será transportado para o «Valle de Los Caidos» onde será inumado a poucos metros de José António Primo de Rivera, fundador da «Falange».

— Quarta-feira, 26 de Novembro: uma missa chamada do «Santo Espírito» («Te Deum») será celebrada na Igreja de San Jerónimo El Real, perto do Museu do Prado, presença do Rei, do Governo, do corpo diplomático e de outras autoridades espanholas.

Depois haverá uma parada militar na Praça do Arsenal do Palácio do Oriente, seguindo-se uma recepção oficial nos salões do Palácio.

O luto nacional foi decretado por trinta dias. Todos os espectáculos e actividades públicas estão suspensas a partir do dia 20 até às 18 horas de Domingo, 23.

Os estabelecimentos de ensino suspenderão as suas aulas até quinta-feira, dia 27 de Novembro. As bolsas dos valores e do comércio ficarão fechadas nos dias 20 e 21. Quanto às operações de câmbios estão suspensas apenas no dia de hoje.

TUDO MUDA

Mas tudo muda. O grande inimigo das direitas — o tempo — prossegue a sua marcha irreversível. Os operários, os estudantes, certos sectores da Igreja agitam-se. Os falangistas, por sua vez, começam a dar sinais de frustração ante a subida de outros sectores reaccionários.

No mundo exterior, a guerra fria cede o passo ao desanuviamento. O socialismo avança em novos países.

Mas Franco continua imperturbável. Ajusta-se às mudanças do exterior. Aceita a revolução cubana, com a qual se recusa a cortar, apesar das pressões norte-americanas. Fomenta a política tradicional de amizade com os países árabes, aceitando mesmo os mais progressistas. Tenta uma abertura junto do Kremlin, faz com êxito uma abertura a Leste. Propõe-se entrar para a C. E. E.

Enquanto isto, a ecor di. ia

afastada dos vários projectos integracionistas da Europa capitalista, não menos certo é que os E. U. A. tomaram imediatamente atitudes conciliatórias, a ponto de em 1947 terem encetadas negociações sobre a cessação ou utilização de aeroportos espanhóis para aeronaves americanas. No mesmo ano, o general Marshall convidou os grandes bancos americanos a consentirem empréstimos à Espanha.

O perigo para Franco estava passado. De tal modo que ele podia afirmar: «A guerra civil espanhola foi, na realidade, a primeira volta de um conflito que não tardará a estalar entre o mundo comunista e o mundo livre.»

«O mundo livre», este despoedor de linguagem, já patente nas promessas de justiça e não violência feitas antes do desencadear de uma guerra assassina, vai ser utilizado pelo regime nos seus próprios diplomas

Estrangeiro

PUB

Sindicato dos Transportes Rodoviários do Distrito de Lisboa

COMUNICADO

ACT - CTT dos Rodoviários

Comunicamos a todos os associados deste Sindicato e a todos os trabalhadores abrangidos por este Contrato, que conforme ficou acordado entre os Sindicatos, Ministério do Trabalho e Ministério dos Transportes e Comunicações, foi assinado o Acordo e a Portaria que regulamenta as Tabelas Salariais, Horário de Trabalho, Despedimentos e outras, que passamos a transcrever.

Lisboa, 18 de Novembro de 1975

PELA DIRECÇÃO

TABELAS SALARIAIS

GRUPO A - MOTORISTAS

Director de Escola de Condução	8500\$00
Instrutor de pesados	8000\$00
Instrutor de Ligeiros e Motociclos	7500\$00
Motoristas de Pesados	7500\$00
Tractoristas, Empilhadores e Gruas	7500\$00
Motorista de Ligeiros	7000\$00
Motorista de Particulares	7000\$00
Motoristas de Ligeiros Passageiros	6000\$00
Motoristas de Turismo	7000\$00

GRUPO B - GARAGENS

Encarregado de Garagem	7500\$00
Lubrificador	6600\$00
Montador de Pneus	6400\$00
Lavador	6300\$00
Vulcanizador especializado	6750\$00
Vulcanizador	6500\$00
Servente	6250\$00
Guarda	5000\$00
Abastecedor de Carburantes	5600\$00

RENT-A-CAR

Chefe de Zona	\$
Prospecção de Vendas	9500\$00
Chefe de Recepção	9500\$00
Recepcionista	9000\$00
Programador de Manutenção	8750\$00
Recepcionista Estagiário a)	8000\$00
Preparador Transportador	7500\$00

a) O Recepcionista Estagiário será obrigatoriamente promovido findo um ano, à categoria de Recepcionista

GRUPO C - METALÚRGICOS

Bate-Chapas	Oficial 1.º 8250\$00
Ferreiro forjador	Oficial 2.º 7750\$00
Mecânico Automóveis	
Pintor de Automóveis ou Máquinas	
Serralheiro Civil	Oficial 1.º 8250\$00
Serralheiro Mecânico	
Torneiro Mecânico	Oficial 2.º 7750\$00
Estofador	
Carpinteiro do sector Metalúrgico	Oficial 1.º 7750\$00
Rectificador de Polidor	Oficial 2.º 7250\$00
Carpinteiro de Estruturas Metálicas	Oficial 1.º 6900\$00
Funileiro Latoeiro	Oficial 2.º 6500\$00
Lavadeiro Lavandeiro	mais de 1 ano 7750\$00
Apontador	menos de 1 ano 6900\$00
Fiel de Armazém	mais de 1 ano 8250\$00
	menos de 1 ano 6900\$00

Entregador de Ferramentas, Materiais ou Produtos	Oficial 1.º 7250\$00
Servente, Guarda ou Operário não Especializado	Oficial 2.º 6900\$00
Praticante do 1.º ano	6000\$00
Praticante do 2.º ano	5300\$00
Aprendizes - 14 anos - 1 ano	6000\$00
15 anos - 1 ano	2400\$00
16 anos - 1 ano	2400\$00
17 anos - 1 ano	2900\$00
14 anos - 2 ano	3400\$00
15 anos - 2 ano	2900\$00
16 anos - 2 ano	2950\$00
14 anos - 3 ano	4400\$00
15 anos - 3 ano	3450\$00
14 anos - 4 ano	4100\$00

Nota: Os profissionais com funções de chefia receberão um acréscimo de pelo menos 5 por cento sobre a remuneração devida ao pessoal mais qualificado sobre a sua orientação.
Os monitores ou encarregados de aprendizagem em tirocinio terão um acréscimo de pelo menos 5 por cento em relação às retribuições do trabalhador mais qualificado da categoria profissional a que respeita a aprendizagem ao tirocinio. Para efeitos de promoção a categoria imediata o tempo máximo de permanência dos oficiais de 2.ª nesta categoria será de 4 anos.

GRUPO D - TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO

Chefe de Escritório e Director de Serviços a)	10 350\$00
Chefe de Divisão ou Serviço a)	9000\$00
Chefe de Secção e Guarda-Livros	8000\$00
1.º Escriturário	8000\$00
2.º Escriturário	8000\$00
Estagiário do 1.º ano	5500\$00
Estagiário do 2.º ano	6000\$00
Estagiário do 3.º ano	6500\$00

GRUPO E - COBRADORES

Cobrador	3000\$00
----------	----------

GRUPO F - TELEFONISTAS

Telefonista	7000\$00
-------------	----------

GRUPO G - SERVIÇOS AUXILIARES DE ESCRITÓRIO

Continuo maiores de 21 anos	7000\$00
Continuo menor de 21 anos	6000\$00
Porteiro maior de 21 anos	7000\$00
Porteiro menor de 21 anos	6000\$00
Guarda maior de 21 anos	7000\$00
Guarda menor de 21 anos	6000\$00
Paquete b) - 15 anos	3000\$00
Servente de Limpeza	5000\$00

a) remuneração superior à estabelecida para o Chefe de Secção
b) Por cada ano de idade superior aos 15 anos mais 500\$00

GRUPO H - ELECTRICISTAS

Encarregado	9100\$00
Chefe de Equipa	8700\$00
Oficial mais de 3 anos	8250\$00
Oficial menos de 3 anos	7750\$00
Pré-oficial 1.º ano	6900\$00
Pré-Oficial 2.º ano	7250\$00
Ajudante 1.º ano	5300\$00
Ajudante 2.º ano	6000\$00
Aprendiz 1.º ano	2900\$00
Aprendiz 2.º ano	3400\$00
Aprendiz 3.º ano	4100\$00

GRUPO I - CARPINTEIROS E ESTOFADORES

Carpinteiro - Oficial de 1.º	7500\$00
Oficial de 2.º	7000\$00
Estofadores - Oficial de 1.º	7500\$00
Oficial de 2.º	7000\$00

GARAGENS

Chefe de Movimento	8250\$00
Chefe de Estação	8000\$00
Expedidor	7600\$00
Fiscal	7600\$00
Bilheteiro Despachante	7300\$00
Despachante Coordenador	7600\$00
Encarregado de Cargas e Descargas	7600\$00
Praticante de Bilheteiro Despachante	4500\$00
Cobrador de Bilheteiro	7100\$00
Praticante de Despachante Coordenador	5000\$00
Ajudante de Motorista	6750\$00
Praticante de Cobrador Bilheteiro	4500\$00
Ajudante de Lubrificador	6100\$00
Carregador	6250\$00

HORÁRIO DE TRABALHO

- O período normal de trabalho será de 45 horas semanais, sem prejuízo de outros de menor duração já em vigor, distribuído por 5 dias.
- Para o pessoal de tráfego dos sectores de Carga e Passageiros, as 45 horas semanais poderão ser praticadas em 5 dias e meio, sendo no entanto necessário no sector de passageiros, que haja acordo entre o trabalhador, a empresa, sancionado pelo Sindicato.
- Os trabalhadores referidos no número anterior terão um horário móvel ou fixo, podendo efectuar-se a alteração de qualquer destes regimes, desde que haja acordo entre o trabalhador e a empresa, sancionado pelo Sindicato e autorizado pelo Ministério do Trabalho.
- O período de descanso para as refeições não será inferior a uma hora, nem superior a duas.
- No caso de ser utilizada apenas uma hora para refeição, poderá haver, para os trabalhadores referidos nos números 2 e 3 outro intervalo de descanso de uma hora.
- Exceptuam-se:
 - Para o sector de Carga, nos casos de embarque e desembarque em cais e de distribuição e recolha de mercadorias quando seja proibido fazê-lo durante um período mais de três horas, poderá haver um alongamento do período de intermitência, desde que haja acordo entre os trabalhadores e a empresa, sancionado pelo Sindicato.
 - Os restantes casos em que, a natureza do serviço ou o interesse dos trabalhadores requeiram outro regime de intermitência e este tenha obtido concordância dos trabalhadores e da empresa, com conhecimento prévio dos Sindicatos respectivos.
- Nenhum trabalhador pode conduzir um veículo durante mais de cinco horas consecutivas.

TÁXIS E LETRA A

Mantém Horário de Trabalho actual até nova reestruturação do Sector.

ENSINO DE CONDUÇÃO AUTOMÓVEL

Aceitou um horário fixo de 45 horas semanais distribuídas por 5 dias, sendo o horário de trabalho diário o seguinte: das 9,00 às 20,00 horas, sendo o intervalo para almoço das 13,00 às 15,00 horas.
Ficou ainda acordado quanto a este sector que os carros de instrução não poderão dar lições fora do horário atrás estabelecido.

DESPEDIMENTOS

Não pode haver despedimentos sem justa causa.
Nota: Os retroactivos são devidos de 6 de Junho de 1975 e poderão ser pagos até 4 (quatro) meses à data da publicação.
Para qualquer esclarecimento mais pormenorizado dirige-te ao Sindicato.

CRONOLOGIA DO CAUDILHO E DO REGIME

São as seguintes algumas das mais importantes datas na vida de Franco e do regime:

— 4 Dez. 1892 — Nasce Francisco Paulino Hermenegildo Teodoro Franco Bahamonde, filho de um oficial de Marinha, na cidade costeira de El Ferrol, na Galiza.

— 29 Ago. 1907 — Franco entra para a Academia de Infantaria em Toledo.

— 13 Jul. 1910 — Franco entra para a guarnição de El Ferrol.

— 29 Jun. 1916 — Como capitão do Exército espanhol luta contra os rebeldes marroquinos, sendo ferido gravemente.

— 16 Out. 1923 — Franco, um dos mais condecorados na guerra de Marrocos, casa com Carmen Polo, filha de um rico comerciante de Oviedo.

— 3 Fev. 1926 — Franco é nomeado general aos 33 anos, o mais novo general da Europa.

— 4 Abr. 1931 — O rei Alfonso XIII parte para o exílio e é proclamada a República Espanhola.

— 16 Fev. 1936 — As eleições gerais dão a vitória a um Governo de «Frente Popular».

— 18 Jul. 1936 — Oficiais da direita revoltam-se contra o Governo republicano. Franco, então comandante em chefe das Ilhas Canárias, para onde tinha sido exilado, junta-se aos revoltosos, toma o comando da Legião Estrangeira em Marrocos e dirige-a, através do Estreito de Gibraltar para vir a combater no continente.

— 1 Out. 1936 — Franco é nomeado generalíssimo das forças nacionalistas e Caudilho de Espanha, em Burgos, capital provisória das forças fascistas durante a Guerra Civil.

— 26 Abr. 1937 — A Legião Condor, da Luftwaffe hitleriana, aliada das tropas franquistas, bombardeia Guernica, massacrando a população civil. Foram feitos ataques também a Durango e Amorebieta.

— 26 Jan. 1939 — Os nacionalistas conquistam Barcelona.

— 28 Mar. 1939 — Depois do reconhecimento do Governo nacionalista por parte da França e da Grã-Bretanha, Madrid cai em poder das tropas de Franco.

— 1 Abr. 1939 — O Caudilho anuncia o fim da Guerra Civil, que vitimou cerca de 1 milhão de pessoas.

— 1942 — «Contra o comunismo» é enviada para a frente russa a «Divisão Azul», de voluntários. Franco avista-se em Sevilha com Salazar.

— 1946 — A Espanha é expulsa da organização das Nações Unidas devido às suas relações com os países fascistas.

— 6 Jul. 1947 — Num referendo, os espanhóis aprovam a proposta de Franco em que se regula a sucessão através de uma regresso à monarquia. O novo rei deverá ser escolhido mais tarde por Franco.

— 27 Ago. 1953 — Um período de isolamento internacional da Espanha termina relativamente com a assinatura de uma Concordata com a Santa Sé, seguida 30 dias mais tarde da assinatura de um acordo acerca de bases militares com os Estados Unidos.

— 1955 — A Espanha é readmitida nas Nações Unidas.

— 13 Abr. 1965 — Um militante comunista é morto por tortura na prisão de Carabanchel.

— 27 Out. 1967 — Um operário metalúrgico é assassinado na rua pela Polícia de choque.

— Maio de 1969 — Um mineiro das Astúrias morre devi-

do a torturas numa prisão de Segovia.

— 22 Jul. 1969 — Franco nomeia o príncipe Juan Carlos de Bourbon, então com 31 anos, como eventual sucessor e herdeiro.

— Out. de 1969 — A Polícia dispara contra uma manifestação na Biscaia, caindo assassinados dois antifascistas.

— Jun. de 1970 — As forças colonialistas de Franco dispararam sobre uma manifestação no Sara Ocidental matando doze manifestantes.

— Jul. de 1970 — A Guarda Civil dispara sobre uma manifestação de operários da construção civil, em Granada, assassinando três antifascistas.

— Dez. de 1970 — Em Eibar é assassinado um antifascista pela Polícia durante uma manifestação de solidariedade para os patriotas bascos (processo de Burgos).

— Out. de 1971 — Um operário de Barcelona é assassinado pela Polícia durante uma manifestação.

— Fev. de 1972 — São assassinados mais dois manifestantes numa manifestação em El Ferrol.

— 18 Mar. 1972 — É morto a tiro um antifascista basco, em Elizondo.

— 2 Set. 1972 — São metralhados pela Guarda Civil mais dois antifascistas, na localidade de Lequiti.

— 20 Set. 1972 — É assassinado em Navarra, outro resistente.

— 4 Dez. 1972 — É morto a tiro um estudante, em Santiago de Compostela.

— 3 Abr. 1973 — É assassinado um operário da construção civil na Catalunha. Morre neste mês, com um tiro na cabeça, um antifascista basco.

— 8 Jul. 1973 — Franco ensaia os primeiros passos de uma retirada ao ceder o cargo de primeiro-ministro, mantendo os de chefe de Estado e comandante em chefe das Forças Armadas.

— 17 Set. 1973 — É assassinado na prisão de Rêus um operário antifascista.

— 20 Dez. 1973 — O primeiro-ministro Luís Carrero Blanco é morto num atentado reivindicado por separatistas bascos.

— 19 Jan. 1974 — É assassinado um operário em plena baixa de Madrid e com testemunhas.

— Fev. 1974 — É assassinado um estudante de Valladolid.

— 2 Mar. 1974 — Salvador Puig Antich, anarquista de 26 anos, é garrotado em Barcelona. Juridicamente, as provas contra Antich podem considerar-se nulas.

— 9 Jul. 1974 — Franco é hospitalizado devido a uma flebite, doença circulatoria.

— 19 Jul. 1974 — A doença complica-se, e Franco delega o Poder no príncipe Juan Carlos.

— 2 Set. 1974 — Franco toma de novo o Poder. São assassinados guerrilheiros da Frente de Libertação do Sara, um militante da E. T. A. e outro antifascista.

— 26 Set. 1975 — Franco confirma as penas de morte a cinco antifascistas espanhóis, decisão que faz abalar as relações de Espanha com a Europa Ocidental.

— 1 Out. 1975 — Meio milhão de pessoas aclama Franco em Madrid, gritando palavras de ordem fascistas de apoio ao regime.

— 17 Out. 1975 — Franco é atacado daquilo que se classificou oficialmente de gripe.

— 22 Out. 1975 — Um comunicado oficial anuncia que Franco sofreu um ataque cardíaco. (ANOP).

Estrangeiro

FRANCO FALECEU DE MADRUGADA

MADRID, 20 (ANOP, FP, R) — «Com profundo sentimento», o ministro de Informação e Turismo, Leon Herrera, comunicou pela cadeia da Rádio Nacional a toda a Espanha, às 6 e 15 (5 e 15 t. m. G.) de hoje a morte do general Franco.

Leon Herrera leu um comunicado dizendo nomeadamente: «Dia 20 de Novembro de 1975:

«As Casas Civil e Militar informam às 5 e 25 horas locais que, segundo comunicam os médicos de turno, Sua Excelência o generalíssimo acaba de falecer por paragem cardíaca como final do curso do seu choque tóxico por peritonite.

«Posteriormente será facilitado um comunicado médico detalhado pela equipa médica que habitualmente assistia o chefe do Estado.

«Devo acrescentar que, em virtude do artigo sétimo da Lei de Sucessão, os poderes da chefia do Estado foram assumidos em nome de Sua Alteza

Real, o príncipe de Espanha, pelo Conselho de Regência, Conselho a que, conforme o artigo terceiro da dita lei, preside Dom Alejandro Rodríguez de Valcarlos e do qual fazem parte Monseñor Pedro Cantero Cuadrado e o tenente-general do Exército do Ar Angel Salas Larrazabal.

«E um importante aviso: o presidente do Governo, Dom Carlos Arias Navarro dirigirá-se à nação pela TV e Rádio Nacional de Espanha às dez horas do dia de hoje (9 T. M. G.).

«A partir deste momento, ir-se-á facilitando toda a informação que seja de interesse para todos os espanhóis. Obrigado pela vossa atenção.»

O general Franco faleceu esta madrugada depois de um mês de agonia e três operações, no Hospital de La Paz em Madrid, para onde tinha sido levado há catorze dias do Palácio do Pardo, onde durante trinta e nove anos, depois de uma guerra atroz, dirigiu como senhor absoluto os destinos de Espanha.

O príncipe Juan Carlos, escolhido por Franco, suceder-lhe-á dentro de quatro dias com o título de rei.

Já desde 30 de Outubro último, o príncipe exercia os poderes de chefe de Estado interino.

A marquesa Carmen Villaverde, filha única do general Franco era, julga-se, o único membro da família directa ao lado de seu marido, cirurgião no Hospital de La Paz, que se encontrava à cabeceira do general Franco, aquando da sua morte. Dona Carmen Polo de Franco, a esposa do chefe do Estado com quem ele se tinha casado há mais de 52 anos, encontrava-se no Palácio do Pardo. Tinha deixado o hospital cerca das 20 horas depois da publicação do último boletim médico oficial anunciando que o agravamento prosseguia.

Segundo algumas informações, a morte ter-se-ia verificado às 3 horas e não às 3 e 40, como indicou a agência Cifra.

Cerca de 40 minutos depois «Franco agoniza» e «Franco, chegou à clínica La Paz o presidente do Governo espanhol, Carlos Arias Navarro, verificando-se a seguir a presença em sucessão de outros membros do Gabinete.

O ministro espanhol da Justiça, José Maria Sanchez Vistura, chegou ao hospital pelas 4,30, para, como lhe compete por lei, confirmar oficialmente a morte.

Pouco depois, o genro de Franco, dr. Cristobal Martinez-Bordiu, deixou o hospital, possivelmente para informar os familiares.

IGNORAVAM A MORTE DE FRANCO

Muitos espanhóis apareceram hoje, de manhã, nos empregos não sabendo ainda que o generalíssimo Franco tinha falecido.

As últimas edições de jornais madrilenos, informando «Franco agoniza» e «Franco morreu», não apareceram nas ruas quando milhares de pessoas apanhavam autocarros ou comboios do metro para irem para o trabalho.

Contudo, numa manhã fria e cinzenta, as notícias da morte do ditador espanholaram-se pelos grupos que se dirigiam para os empregos. «Alguém me disse no autocarro que Franco morreu, mas apenas li jornais que afirmavam que o caudilho ainda estava vivo», observou o homem de negócios Antonio Martín.

Num dos maiores bancos de Madrid, um grupo de secretárias ouviu o guarda da noite afirmar-lhes que escutara a notícia na rádio. «ele morreu, ele morreu», repetia o homem enquanto cerca de uma dezena de mulheres se concentravam à entrada do banco.

GRAVATA PRETA

O luto nacional pela morte de Franco, decretado por trinta dias, obriga os funcionários públicos e os militares espanhóis a trazer durante esse período braseadeira negra ou gravata escura.

O luto propriamente dito começou desde a hora do óbito do caudilho, e terminará depois do enterro no próximo domingo.

NO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE JOSE ANTÓNIO

A morte do generalíssimo Franco registou-se no 39.º aniversário da execução de um dos maiores heróis do seu regime. José António Primo de Rivera, fundador da Falange Espanhola.

José António, como será sempre conhecido em Espanha.

A última mensagem

MADRID, 20 — (ANOP) — O primeiro-ministro Carlos Arias Navarro leu ao país uma breve mensagem de Franco, escrita por este quando se apercebeu de que a sua morte estava próxima.

Na mensagem, Franco pede aos espanhóis que apoiem o príncipe Juan Carlos tanto como o apoiaram a ele e perdoa e pede perdão aos seus inimigos.

nha, foi executado por um pelotão de fuzilamentos republicano em Alicante, no Oeste de Espanha, às 7 e 30 de 20 de Novembro de 1936. Fora preso em Madrid pouco depois de reabitar a Guerra Civil espanhola e foi executado por apoiar a revolta nacionalista do general Franco.

Os falangistas realizam todos os anos uma cerimónia junto do túmulo de José António no Vale dos Caídos, a 58 quilómetros de Madrid. Nos últimos anos, o caudilho e o príncipe Juan Carlos assistiram juntos a essa cerimónia.

O PARDO SERÁ UM MUSEU

O Palácio do Pardo, residência oficial do chefe de Estado espanhol, será convertido

em museu depois da morte de Franco — afirma «El Noticiero Universal», de Barcelona.

Segundo o jornal, Carmen Polo, esposa de Franco, continuará a viver em Madrid mas o Palácio — actualmente propriedade do Estado — dará abrigo a um museu, em que estarão representadas etapas em que o seu marido foi chefe de Estado efectivo.

«Dona Carmen já tem preparado um novo alojamento para quando o marido morrer», acrescenta o periódico.

Juan Carlos também já terá demonstrado não ter qualquer desejo de viver no Pardo, quando for proclamado rei. Segundo as últimas informações, continuará a viver no Palácio da Zarzuela.

APELO DA JUNTA DEMOCRÁTICA DE ESPANHA AO POVO PORTUGUÊS

LISBOA, 20 — (ANOP) — «Aproxima-se a hora da liberdade» — afirma-se num comunicado enviado à Anop por representantes em Lisboa da Junta Democrática de Espanha a propósito da Morte de Franco.

É o seguinte, na íntegra o texto do referido comunicado: «Esta madrugada morreu Franco, que durante quase 40 anos monopolizou o poder absoluto em Espanha.

«A sua morte, não penas por ser desejada e esperada pela grande maioria do povo espanhol, constitui um acontecimento de primeira grandeza.

«Coincide com o momento mais difícil para o regime, que o velho ditador personificava e que, incapaz de resolver qualquer dos problemas que afligem o país, respondia com a brutalidade, o crime e a repressão indiscriminada.

«Franco morreu e agora os seus herdeiros disputarão os despojos da sua herança, tentando perpetuar um regime arcaico e desacreditado perante a comunidade internacional.

Com alguns retoques, a continuidade representada por Juan Carlos de Bourbon pretende agora inventar um franquismo sem Franco, apoiado pelas forças mais reaccionárias da sociedade espanhola e pelo imperialismo internacional.

«A Junta Democrática de Espanha não pode deixar, neste momento-chave para a História do nosso país, de reclamar a liberdade para os presos políticos, a amnistia, o regresso de todos os exilados, as liberdades de expressão, de reunião

e de associação, um Governo Provisório, sindicatos livres e o reconhecimento da autonomia dos povos de Espanha.

«Aproxima-se a hora da liberdade. Porém, esta não será outorgada automaticamente pelo desaparecimento do ditador. É necessário lutar e fortalecer a unidade das forças democráticas, desencadeando desde já a acção democrática nacional que conduza à rotura definitiva e à queda dos continuadores.

«Apelamos para todas as forças antifascistas, patrióticas e democráticas dos povos ibéricos para que apoiem e intervenham activamente no desmantelamento e aniquilação da última ditadura da Europa.

«Pedimos ao povo irmão de Portugal, às suas organizações de massas, aos responsáveis governamentais e ao M.F.A. que apoiem a luta dos povos de Espanha até à sua libertação definitiva.»

O comunicado termina com as palavras de ordem «Franco morreu», «Liberdade para Espanha», «Viva a Junta Democrática de Espanha».

Futuro incerto

MADRID, 20 (R.) A morte de Franco mergulha a Espanha num futuro incerto.

Franco, que faleceu hoje, com 82 anos, governou a Espanha com mão de ferro, durante quase quatro décadas. Desde que sofreu um ataque cardíaco em 21 de Outubro, lutou pela sobrevivência com a tenacidade de que o levou à vitória na guerra civil espanhola.

JUAN CARLOS SERÁ PROCLAMADO REI DE ESPANHA NO SÁBADO

MADRID, 20 (F.P. e R) — Os planos para os dias imediatamente a seguir à morte do Generalíssimo Franco prevêem que o príncipe Juan Carlos de Bourbon seja proclamado, no sábado, rei de Espanha, segundo afirmaram hoje fontes bem informadas.

O príncipe, de 37 anos, nomeado sucessor do Caudilho, em 1969, prestaria juramento como monarca perante uma sessão conjunta das Cortes (Parlamento) e do Conselho do Reino.

Com a morte do general Franco, uma das disposições permitindo a sobrevivência do franquismo entra imediatamente em vigor: 39 dos 110 conselheiros nacionais do «Movimiento» (partido único) tornam-se definitivamente membros dessa assembleia até atingirem os 75 anos de idade.

Em caso de vacatura dos titulares, os seus sucessores serão escolhidos pelo plenário do Conselho Nacional.

CONSELHO DE REGÊNCIA

O Conselho de Regência assumiu o poder automaticamente em nome do príncipe Juan Carlos, desde a hora do falecimento do General Franco, hoje às 4 horas e 40 de Lisboa, como está previsto pelo artigo três da lei da sucessão de Espanha.

Neste momento, a missão principal do Conselho de Regência é convocar conjuntamente, num prazo de oito dias a contar da morte do «Caudilho», as Cortes e o Conselho do Reino em sessão plenária para que reescrebam o juramento sobre as leis fundamentais e os princípios do «Movimiento» (Partido Único), do herdeiro do general Franco, com título de Rei, o príncipe Juan Carlos de Bourbon. Depois do juramento o príncipe será proclamado pelas cortes

Rei de Espanha.

Será o primeiro monarca a reinar desde 1931, data da queda da monarquia de Afonso XIII, através de eleições.

Anteriormente, já por duas vezes, o príncipe Juan Carlos assumira o poder a título provisório durante a doença de Franco, a primeira vez em Julho de 1974, durante 45 dias, e esta vez de 30 de Outubro até ao momento da sua morte. O Conselho da Regência assume, com efeito, as suas funções «em seu nome» a partir da hora do óbito até à prestação do juramento.

NÃO HAVERÁ COROAÇÃO

Segundo a tradição monárquica espanhola, não haverá coroação para assinalar a subida ao trono do Rei Juan Carlos de Bourbon, primeiro rei da «monarquia do Movimento Nacional» será automaticamente rei ao prestar juramento às 11 e 30 TMG do dia 22, perante as Cortes e o Conselho do Reino.

O artigo nove da sucessão especifica simplesmente que o rei «julgará o respeito das leis fundamentais e lealdade aos princípios do Movimento Nacional». O Movimento Nacional é o partido único do regime franquista originário da Falange de primo Rivera.

Será como soberano que Juan Carlos presidirá as obsequias nacionais, de domingo 23, no «Valle de Los Caídos».

A missa solene de «Te Deum», que assinalará verdadeiramente o início do novo regime, será celebrada em 26 de Novembro na igreja de San Jerónimo El Real, que domina directamente o célebre Museu do Prado, em pleno centro de Madrid. A ela assistirão vários chefes de Estado estrangeiros.

CARRILLO PROPÕE UM GOVERNO PROVISÓRIO

PARIS, 20 (R) — Santiago Carrillo, o dirigente comunista espanhol exilado, pediu hoje a todos os partidos da oposição do seu país para aparecerem a fim de se constituir um Governo provisório, agora que o generalíssimo Franco está morto.

Carrillo disse numa comunicação, publicada poucas horas depois do falecimento do ditador: «Terminou a longa espera. Acabou um período da História da Espanha.

«Agora, as forças oposicionistas — a esquerda, o centro e a direita incluídos — devem aparecer à luz do dia para propor um governo provisório e um programa realista capazes de conduzir a maior unidade nacional».

COLISEU

EMP. RICARDO COVÕES (HERD.) - Tel. 36 19 97

Organização CONSTANTINO VARELA CID sob os auspícios da ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-U. R. S. S.

4 ÚNICOS DIAS * SÓ ATÉ DOMINGO

PELA 1.ª VEZ EM PORTUGAL

NOITES DE MOSCOVO

(CONJUNTO OFICIAL DA U. R. S. S.)

O PRIMEIRO ESPECTÁCULO LIGEIRO DE VARIEDADES DA UNIÃO SOVIÉTICA QUE SE APRESENTA EM PORTUGAL SOB A DIRECÇÃO DE BORIS BRUNOV

UM ESPECTÁCULO ALEGRE E DIVERTIDO

NOITES, ÀS 21,30 h. — SÁBADO e DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 H.

BILHETES À VENDA

HOJE

AS 21.30 H.

ESTREIA



Espectáculos

MAIS "TRAPOS E RENDAS" AMANHÃ

... Amanhã, às 21 e 30, acender-se-ão novamente as luzes do Teatro Vasco Santana — que só agora, à semelhança do que se verifica com as outras «companhias independentes», viu parcialmente satisfeitas as suas justas reivindicações, como foi largamente noticiado pela imprensa.

Enquanto prepara o seu primeiro espectáculo — que deverá subir à cena depois de 6 semanas de ensaios exaustivos — decidiu a Companhia Teatro Estúdio de Lisboa repor, durante 4 semanas apenas, o seu mais recente espectáculo: «Traços e Rendas», de Luzia Maria Martins. Nesta obra, cuja estrutura se insere no «teatro-documentário» de cariz político, narra-se a história de um «homem da rua» perante os acontecimentos políticos que dominaram o País, desde a implantação da República até ao fim da 2.ª Guerra Mundial (1945), e incluindo, naturalmente, a subida ao Poder de Salazar e o estabelecimento do Estado Novo e das medidas repressivas impostas pela ditadura fascista.

«Traços e Rendas» é interpretado por Augusto Leal, Vítor



Hugo, Dário e Barros, Mário Pereira, Fernando Montemor, Helena Félix, Crámlida Gil e

Suzana Prado (ordem de entrada em cena). O T. E. L. concede um des-

conto de 50 por cento na aquisição de bilhetes a todos os sindicalizados e a estudantes.



Amanhã, quando já tiverem actuado os homens conduzidos por Arild Andersen e quando a branca Karin Krog for, apenas, a recordação, já um pouco distante, de uma voz ao serviço (de vez em quando) da música negra, onze músicos tornarão viva a música de Louis Armstrong. São os homens do «New York Jazz Repertory Company».

E será o fim do primeiro dia dos três que marcam a visita que o grande Jazz faz a Portugal este ano.

Local: Pavilhão dos Desportos de Cascais.

CARTAZ DE (ALGUM) TEATRO

BONECREIROS

Próximas actuações: dia 20 (hoje) no R. A. C., Regimento de Artilharia de Costa (Oeiras), às 21 e 30; amanhã, no Ralis, às 21 horas; no sábado, no Centro Operário Cultural e de Recreio de Olivais Sul. A peça é «A História Exemplar de Um

Traficante de Armas e Campeão da Ordem Nova».

CÓMICOS

No sábado e no domingo, os «Cómicos» apresentam, no Teatro de Moscavide, Rua António Maria Pais, 6, «A Noite dos Assassinos».

REPRESSÃO AOS MÚSICOS

EM ESPANHA

SAN SEBASTIAN — Uma multa de 1,3 milhões de pesetas (cerca de 600 contos) foi infligida pelo Governo civil da província de Guipúscoa a uma orquestra e ao programador de uma discoteca de San Sebastian, por «palavras e gestos ofensivos ao chefe de Estado, príncipe de Espanha, diversas

personalidades, instituições e corpo da nação».

Os factos incriminados remontam à noite de 15 para 16 do corrente mês, e são imputados a quatro elementos do grupo musical «desde Santurce a Bilbao Band», que actuavam numa discoteca desta cidade.

COMUNA

No próximo domingo, às 16 horas, na Casa da Comédia, a Comuna apresenta o seu espectáculo «Bão», para crianças. A receita destina-se à compra de material para uma oficina para crianças.

TRABALHADORES DA CASA DA COMÉDIA

Ao mesmo tempo que prosseguem nos ensaios da peça «Os Encantos de Medeia», de António José da Silva (o Judeu), o Grupo de Trabalhadores da Casa da Comédia continua a apresentar as «Aventuras e Desventuras dos Heróis Castrados», o que faz, por exemplo, hoje, em Cabo Ruivo, para os trabalhadores da Sabor.

Crítica de Cinema

LAURO ANTÓNIO

Título original: *Everything you Always Wanted to Know about Sex but were afraid to Ask*
Realização: Woody Allen, 1972 (EUA);
Argumento: Woody Allen, segundo ensaio do dr. David Reuben;
Fotografia: (Technicolor): David M. Walsh;
Música: Mundell Lowe;
Montagem: James T. Heckert e Eric Albertson;
Interpretes: Woody Allen, John Carradine, Gene Wilder, Lou Jacobi, Anthony Quayle, Tony Randall, Lynn Redgrave, Burt Reynolds, etc...
Distribuição: Rank Filmes;
Estreia: Cinema S. Jorge

O *ABC do Amor* é o terceiro filme escrito, realizado e interpretado por Woody Allen. Posteriormente, a *O Inimigo Público* (1969) e *Bananas* (1971) e anterior a *O Herói do Ano 2000* (1973) e *Love and Death* (1975), sua última obra que se encontra presentemente em estreia nos ecrãs de quase todas as capitais europeias e que nós não sabemos ainda quando iremos ver (coisas que «acontecem» na distribuição/exibição portuguesa cremos que sem culpa própria, neste caso — e de que talvez falemos daqui a algum tempo).

O *ABC do Amor* era pois um elo perdido na carreira de Woody Allen, um dos muitos elos que a censura fascista nos

O ABC DO AMOR

ria dar um apontamento ao nível do melhor Woody Allen (relembre-se as cenas de TV em *O Inimigo Público*), mas tudo se perde ingloriamente. A sequência relâmpago do *travesti* não é igualmente muito feliz, começando o filme a adquirir certa força somente no episódio da mulher frígida que só consegue atingir o «climax», fazendo amor em locais públicos. O tom da narrativa relembra a comédia italiana (estilo Dino Risi) que Woody Allen assimila com facilidade, sendo até de notar as semelhanças que existem entre esta sua película e algumas de Dino Risi (*Os Monstros*, *Os Complexos*, sobretudo *Vejo tudo Nu... ou Sexo Louco*).

Os melhores episódios são, porém, os três restantes, todos eles transbordantes de invenção e humor. O primeiro é a história de um sábio louco (interpretado por John Carradine, no papel do Dr. Bernard...), um Frankenstein do século XX que, após uma explosão no seu laboratório, vê sair para a rua, em perfeita liberdade, um enorme mamilo humano que irá provocar uma delirante perseguição. Quando os desastres humanos são já inúmeros (alguns transeuntes morrem afogados em leite, à passagem da assustadora visão...), a polícia inventa novos processos de captura, entre os quais um mastodóntico *soutien*. Aprisionado o mamilo de-sestator, assiste-se a um diálogo



Woody Allen

fazia periodicamente perder, na carreira dos autores mais interessantes (como era óbvio, dado que eram sempre os mais interessantes a sofrerem com a visã tacanha do espírito da censura policial). Adaptação satírica de um ensaio sexológico da autoria do dr. David Reuben, *Tudo o que Você sempre Desejou Saber sobre o Sexo, mas sempre teve Vergonha de Perguntar* (tradução literal do título americano) organiza-se no estilo dos filmes em episódios, constituído por sete pequenos, histórias («capítulos»), na estrutura narrativa adoptada de Woody Allen, ilustrando conceitos enunciados numa legenda inicial, e todas elas relacionadas com a obsessão da sexualidade na vida moderna, ainda que nem todos os *sketches* se localizem na actualidade.

O filme documenta mais uma vez a imaginação tumultuosa do autor, mas aqui algo desilibrada de história para história. A primeira anedota localiza-se na Idade Média, com uma reconstrução que goza com «Decameron» ou «Os Contos de Cantuária» e, que nos fala de filtros de amor e bobos de corte. Mas a mediocridade domina, o que irá acontecer igualmente num mau aproveitado episódio sobre um concurso de televisão durante o qual vários inquiridos depõem sobre as suas perversidades sexuais preferidas. A ideia pode-

indescritível entre Woody Allen e um polícia que espera a todo o momento prender o segundo mamilo (já que ele está habituado a vê-los sempre andarem aos pares!) e estabelecer um infântario com o leite que deles sai.

Outra história brilhante é uma paródia à *Viagem Fantástica*, de Richard Fleischer, que descreve a viagem de um espermatóide tímido. Todo o mecanismo da excitação masculina é visto do interior do organismo, assistindo-se aos receios e temores de um espermatóide pouco afeito às grandes emoções, receoso do mundo «de lá de fora», onde pairam as ameaças.

Mas o melhor pedaço de *O ABC do Amor* é uma história, por acaso não interpretada por Woody Allen, mas sim por Gene Wilder. Trata-se de um psicanalista que cai apaixonado por uma ovelha, paixão que irá arruinar-lhe a existência, e levá-lo à mais negra decadência física e moral sucedendo-se as bebedeiras com leite.

Mesmo tendo em conta o desequilíbrio evidente desta obra, e a desilusão que constituem alguns dos seus episódios, a verdade é que *O ABC do Amor* documenta novamente o talento explosivo de Woody Allen, que mantém as características que o indicam como um dos grandes nomes da comédia actual de origem americana.

ATENÇÃO AO MONUMENTAL CIRCO MEXICANO

TAL COMO NA CIDADE DO PORTO

O POVO É QUEM MAIS ORDENA

POR ISSO AS LOTACÕES ESGOTADAS SÃO A PROVA DA CATEGORIA DO ESPECTÁCULO MÉXICO 75

LEÕES, TIGRES, CAVALOS, CHIMPANZÉS, CÃES AMESTRADOS, DUAS PARELHAS DE PALHAÇOS DUAS

ATENÇÃO

AMANHÃ NÃO HÁ ESPECTÁCULO. DESCANSO DA COMPANHIA.

E AINDA O MAIOR DA EUROPA

JOSÉ FREIXO

E SEU PATO DONALTIN

TODAS AS NOITES, AS 21.45 — QUINTAS E SABADOS, AS 16 HORAS — DOMINGOS, 3 ESPECTÁCULOS, AS 15, 18 E 21.45

INSTALADO

AV. DA REPÚBLICA

Junto à Feira Popular

HOJE, AS 21.45, HOJE

Televisão

Hoje



Série policial «Serviço Especial»

I PROGRAMA

- 19.00 Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis
- 19.25 Documentário
- 19.55 Com todas as letras
- 20.30 Telejornal — 2.ª edição. Noticiário do País e do estrangeiro
- 21.00 «Capitão Kloss». Série filmada de origem polaca
- 22.00 A gente que nós somos. Distrito de Faro (I Programa); Andar ao Mar
- 23.00 Telejornal — 3.ª edição
- 23.15 Fecho

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e Da Saúde e Da Vida
- 21.15 Vivendo o futuro. Locução de Gina Esteves
- 21.30 Telejornal — em diferido a edição transmitida no I Programa às 20 e 30
- 22.00 «Serviço Especial». Série policial com George Sewell, Roger Rowland e Patrick Winkler
- 22.45 Sabe o que é um Hobby? (3.ª edição). Apresentação e realização de Ruy Faria
- 23.15 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA

«Capitão Kloss»
21.00

II PROGRAMA

«Serviço Especial»
22.00

Amanhã

I PROGRAMA

12.45 Abertura e Saber não faz mal; 13.00: Sessão de programas da Prevenção Rodoviária Portuguesa por Joaquim Filipe Nogueira; 13.15 Telejornal — 1.ª edição; 13.30: Largo do Pelourinho. Um programa de história da nobrega; 14.00: Logo a noite. Cartaz dos cinemas e teatros de Lisboa; 14.10: Ciclo Preparatório TV; 14.10: Língua Portuguesa (2.ª ano); 14.35: Matemática (1.ª ano); 15.00: Francês (2.ª ano); 15.25: Ciências da Natureza (1.ª ano); 15.50: Educação Visual (2.ª ano); 17.35: Língua Portuguesa (1.ª ano); 18.00: Trabalhos Manuais (2.ª ano); 2.º Período; 19.00: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; 19.30: «David Copperfield». Série filmada baseada no romance de Charles Dickens. Realização de John Gielgud; 20.00: Colette O'Neil, For Keen e John Gil; 20.00 VII Concurso Internacional de Piano Viana da Mota; 20.30: Telejornal — 2.ª edição. Noticiário do País e do estrangeiro; 21.00: Almal como e?; 21.30: «A Queda das Águas». Série televisiva produzida por Stuart Borge para a BBC e filme de 1954; 22.00: A Revolução de 1905, com Michael Bryant, Gavie Hurvich, Charles Kay, Freddie Jones, John Stratten e David Swift. Realização de David Swift; 22.15: Em Fevereiro de 1905, o grão-duque Sergei da Rússia, o mais amado dos filhos do czar e cunhado do czar na, era assassinado em Moscovo; 22.30: Relatório; 23.00: Telejornal — 3.ª edição; 23.30: Fecho

II PROGRAMA

21.00: Abertura e a série «David Copperfield»; 21.30: Telejornal. Em diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa; 22.00: Acontece Cinema. «Que Sucedeu a Tia Alice?» («Whatever Happened to Aunt Alice?»). Um filme produzido em 1969 e realizado por Lee Katzin, com Geraldine Fitzgerald, John Gordon e Mildred Dunnock; 23.00: Fecho

TV

PARA REPARAÇÃO DO SEU

CLÍNICA DE TELEVISÃO

E ASTRONAUTA

COM RADIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e diagnóstico grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8



O ROSA, ARREDONDA A LINGUA

A reportagem veio-nos de Viseu. A televisão foi lá, certamente movida pela notícia posta a circular de que o presidente do Conselho iria lá. Não me admirava nada que fosse. Simplesmente não foi, não disse, não escreveu o que não impediu a televisão de estar presente, de reportar, de transmitir. Outros podem falar. A RTP, não. Ai, sua valente!

Pois a reportagem veio de Viseu. Era uma reportagem de unidade: estava lá o PS, o PPD, o CDS, o PPM. Bandeiras em grande número, na sua quase totalidade do PPD. Estava tudo muito escuro, era tudo muito negro, mas a televisão deu, continuou a dar, num esforço titânico contra as condições de ordem técnica que tinham servido de base à suspensão, na véspera, da manifestação do Terreiro do Paço. A RTP luta contra as condições técnicas. Quando quer, está claro. A sua vontade de bem servir o Povo foi ao ponto de pôr o discurso do ministro chamado «do Trabalho» com o ministro em paralisia. Enfim, uma boa vontade de sem limites.

(Boa vontade que, em todo o caso, deve dizer-se, não conseguiu ultrapassar a da Emissora Nacional, que deu a discursata em directo, à mesma hora em que se realizava a manifestação em Lisboa. Isto só mostra o poder da isenção. Desculpem, não foi nada. Fui eu que vi. Nisto da Emissora também houve umas partes interessantes que um dia, com mais pachorra, lhes contarei. Continuemos, por agora, a falar de Televisão).

Estávamos nas deficientes condições técnicas. Era noite. Se a imagem soluçava rembrandemente de luz e negro, o som, esse, era impecável. Ouviam-se os variados slogans. Entre os quais um em que Pinheiro rimava com Carneiro. Que vergonhoso, meu Deus, pa-

ra certas espécies florestais! Enfim, não é negócio meu.

De súbito, o ministro começou a falar.

Que o Governo não cede a chantagens nem a manobras sediciosas. Não estava, como vim a perceber, às manobras dos «nove» (ou dos noventa, sei lá...) e quando se atirou à anarquia não estava a referir-me às manifestações de direita. Tal como, quando se fala em liberdade nunca ninguém se refere à ocupação militar dos postos de rádio. Nem quando se fala de agitação frenética, nunca ninguém agora embarcado no bote apodrecido do Poder, se refere às bombas que liquidaram o emissor da Rádio Renascença.

A certa altura o ministro também se manifestou pelo socialismo. Mas: que devia ser um socialismo bem nosso e não um socialismo de importação, um socialismo estrangeiro. Estamos de acordo, toda a gente está de acordo. Aponte lá, ó Rosa, um único caso, um só, de socialismo copiado de modelos estrangeiros. Mas onde é que o ministro quer chegar, vê-se à léguas. O processo é tão grosseiro... Podia arranjar veneno mais sofisticado. Mas talvez porque o Ministério «do Trabalho» já lhe dá trabalho demasiado, o ministro do Trabalho não quer trabalhar muito a puxar pela pinha. Basta-lhe o «Manual do perfeito anticomunismo».

Passemos por alto outras tiradas do ministro. São tão batidas, tão banais, já com barbas... Fixemo-nos numa afirmação sua cuja gravidade brada aos céus.

UMA VERGONHA

Claro o ministro quer o socialismo. Qual, não definiu. Esperemos já agora, que não seja o nacional-socialismo.

De uma coisa estamos nós

certos, pois deriva das palavras textuais dele: deseja um regime não imposto a partir de Lisboa, pela violência.

Incrível, mas é verdade. Quer dizer: um ministro do VI Governo, que se afirmou como um governo de salvação nacional, lança-se abertamente no combate de desunião nacional. O ministro, usando aquela expressão, está implicitamente a colaborar na divisão da população portuguesa. Uma repugnante manobra que se tem vindo a acentuar nos últimos tempos.

Isto é uma vergonha. Isto é um crime que ultrapassa todas as questões políticas e ideológicas. Um homem com tão grandes responsabilidades vai ao Norte do País colaborar na mentalização anti-Sul, pregar a não aceitação de medidas «impostas» de Lisboa, pela «violência»...

Tomás Rosa dar-se-á conta dos riscos dessa atitude? Pe-

los vistos não dá, tal a raiva, a sanha que percorriam as suas palavras. A televisão dá-se conta da gravidade das palavras do Rosa? Não dá, pelos vistos, pois lhe fornece uma excepcional cobertura.

Torna-se claro que um homem destes não pode continuar a dirigir o Ministério dos Trabalhadores. Atirar trabalhadores contra trabalhadores — eis a atitude paradoxal de um ministro do Trabalho.

Tomás Rosa tem de ser posto diante das suas responsabilidades. Tem de responder por elas. O que fez, foi muito grave. Deixar passar em claro a actuação de Tomás Rosa na manifestação de Viseu, seria uma afronta e um desafio ao nosso povo.

O Ministério do Trabalho não lhe chega para brincar? Arranje qualquer outra coisa. Ainda há jardins-infantis com lugares vagos. Deixe Portugal em paz.

CASINO ESTORIL

SALA MÁQUINAS SALA DE JOGOS SALA DE JAZZ

JINGLES

VEJELAS DA RÁDIO E DA TV INGLESA

FREDIANI BROTHERS

MARIA JO com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

BENTYBER DANCERS

FERRIER TRINDADE e NUNO GUERREIRO

BANDA DIPLOMÁTICA "NOZ EMBEATS"

KIM AND CYRILLE STRIP-SHOW

NO WONDER BAR

SALA RESTAURANTE às 25, Sofor, aconselhável m. 13)

WONDER BAR a 100 (m. 18)

CONSUMO MINIMO (Tudo incluído)

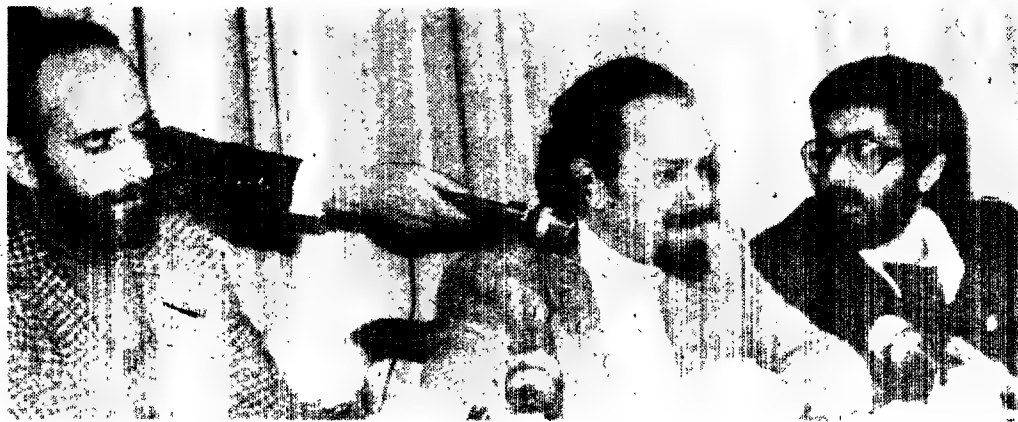
Sábados 10.00 Restaurantes 12.00



MAQUILHAGE DE «GUERLAIN» sofisticada, de tonalidades nítidas. Base «SOLEIL» (ou «SABLE»), «rouge» «FRIPON», «baton» «LUTIN» e sombra de palpebras «AMANDE». Sobrancelhas depiladas e sublinhadas com um traço cor de castanha.

SOLNADO
VEM AÍ!

Desporto



Melo de Carvalho, Silva Graça e Pedro Figueiredo

DESPORTO: UMA CARA NOVA

Na mesma noite que muitas vezes Salazar viram os filmes que eram proibidos à rapaziada, houve ontem conferência de imprensa. Aconteceu no Palácio Foz. Intérpretes: o Secretário de Estado dos Desportos (dr. Silva Graça), o director-Geral dos Desportos (prof. Melo de Carvalho) e o presidente do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (dr. Pedro Figueiredo).

Diga-se, desde já, que a palavra fluente do dr. Silva Graça foi agradável surpresa para quem não o conhecia. E que a explanação dada sobre a tarefa feita pela delegação portuguesa, recentemente, na Bulgária como na Roménia, foi atraente e prendeu o (reduzido) auditorio onde apenas uma vez se escutou o termo «vocelência» e no resto da hora e picos de conversa, se soube um mundo de novidades sobre a vida desportiva dos dois países socialistas, visitados por Silva Graça e Melo de Carvalho.

Evidentemente que o muito que foi dito merece um realce

que (dada a exiguidade do espaço e o volume de temas que desabaram sobre esta edição do «D.L.») só amanhã pode ter a merecida evidência. Fique-se, porém, já com esta amostra de temas:

Roménia, 76: programado um vasto intercâmbio desportivo com Portugal. Para lá: duas delegações de Atletismo, duas equipas de futebol profissional e judocas. Até cá: uma turna (jovem) de Atletismo, duas formações futebolísticas, ginastas e andebolistas. Mais, ainda: lutadores e raguebistas, para nos ensinarem algo do muito que sabem ainda para lá: estudiosos de desporto escolar e técnicos de Medicina Desportiva que vão aprender com mestres.

Bulgária: convénio igualmente firmado em bases que muito podem contribuir para subir um degrau no panorama desportivo nacional. Torneios em várias modalidades, uma «Semana de amizade desportiva», ciclistas bulgaros na «Volta a Portugal» (ficando assim a saber-se que haverá «tour

caseiro no próximo ano), filmes, simpósios, colóquios, treinadores e preparadores em coligação, halterofilistas, lutadores e voleibolistas em visita ao nosso país: bolseiros de Educação Física, futebolistas, licenciados em Medicina Desportiva a irem à Bulgária, numa mensagem da melhor boa-vontade.

Outras notícias reveladas aos Órgãos de Comunicação Social: as relações desportivas intensificadas com a U.R.S.S., Cuba e Polónia, aliadas a acordos em estudo com outros emblemas nacionais (Belgica, Alemanha Ocidental, Itália e França); a próxima realidade que vai chamar-se «Instituto Nacional de Desporto», e, ainda, uma advertência sobre o desejado comportamento do Comité Olímpico Português, as Federações e a Comunicação Social. Muita coisa que contaremos amanhã em pormenor: com um aplauso (muito sincero) para a lufada de ar fresco que (finalmente) entrou na cúpula do dirigismo desportivo português.

sido dispensado das funções de preparador físico dos futebolistas seniores do Sporting; ontem teria recebido a notícia de que havia sido igualmente dispensado das suas funções de treinador de atletismo. Pela primeira actividade recebia um vencimento de 8 mil escudos; pela segunda uma verba de 27 contos!

A «bronca» assume maiores proporções porque alguns atletas «leoninos» (alguns internacionais, e de craveira elevada resolveram abandonar igualmente o clube. Estão neste caso (e para já) Adília Silvério, Raposo Borges, Luis Azevedo, Antonio Manso, Eduardo Manso, Lamy Fontoura, Adriano Rodrigues, Carlos Alfredo, Luis Correia da Cunha, Lucas Serra, Helena Ferro e Elisabeth Simões.

Entretanto a direcção do grémio de Alvalade estabeleceu já o elenco que vai orientar o atletismo do clube: Raimundo Mendes, Manuel Oliveira, Manuel Faria e Fernando Marques.

ONTEM

Em dois cenários (pavilhões do Paço de Arcos e Amadora) disputaram-se ontem à noite os jogos referentes à 9.ª jornada do Torneio de Abertura em hóquei em patins. Resultados: na série «A», Cascais, 1-Sintra, 2; Paço de Arcos, 4-Paredo, 1 e Juventude Salesiana, 3-Oeiras, 1. Na série «B», C.U.F., 1-Sporting, 6; Sotto Mayor, 8-Campo de Ourique, 2 e Académico da Amadora, 8-Benfica, 3. Estão já apurados para a fase final os seguintes clubes: Oeiras, Paço de Arcos, Académico da Amadora e Sporting; o duo que falta sair da seguinte quarteto: Juventude Salesiana ou Paredo, Benfica ou Sotto Mayor.

AGENDA

No próximo dia 22, no pavilhão da Feira das Indústrias, comemora-se o 50.º aniversário da Federação das Lutas Amadoras, com um programa que engloba larga movimentação de praticantes: das 10 às 12 horas, torneio para escolares, em que participam núcleos dos distritos de Faro, Portalegre, Castelo Branco, Setúbal, Bragança, Aveiro e Lisboa; das 15 às 18, torneio entre federados, para os escalões de juniores, esperanças e seniores, com demonstrações de lutas folclóricas por elementos de Grijó de Parada (Bragança); das 21 às 22 e 30, finais das competições citadas.

A Comissão dos Profissionais Administrativos dos Organismos Desportivos Ligados ao Futebol, resolveu promover a realização de plenários a nível

nacional, para a criação de um Sindicato Único. Assim, convidando todos os trabalhadores dos distritos de Beja e Faro, que exerçam a sua actividade em organismos desportivos (Federações, Associações, Comissões de Árbitros, Centros de Medicina Desportiva e Clubes) nas diversas modalidades, a participarem no plenário a efectuar no próximo sábado, às 16 horas, na sede da Associação de Futebol de Faro (Rua Conselheiro Bivar, n.º 56-1.º, em Faro).

Agradece-se que todos os trabalhadores compareçam munidos de cartão do Sindicato, cartão do organismo onde trabalham ou outro documento identificador.

A RTP aderiu a uma transmissão directa desportiva, sob os auspícios da Eurovisão: a final do campeonato do mundo de ginástica rítmica feminina, que se realiza no próximo domingo, no Palácio dos Desportos de Madrid. Início do programa: 16 e 30. Comentador: Garcia Alvarez.

RARIDADES

A Federação de Lutas Amadoras colocou em prática um novo esquema de prémios a distribuir pelos atletas e clubes filiados: material (fatos, botas, bonecos de luta e balanças) passam a substituir medalhas e taças, que em nada contribuíam para o futuro da modalidade.

Conta «Mundo Desportivo», em relação ao jogo de «esperanças» de ingleses e portugueses: «o árbitro sueco Ericson, satisfeito consigo próprio, testemunhou o seu apreço pela actuação de Tibi com um beijo, logo que a partida terminou».

PORTUGAL

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol reuniu ontem e resolveu aplicar mais uns tantos castigos. Assim, os mais significativos foram os seguintes: Albino (Famalicão), 5 jogos de suspensão; João Grego (Torres Novas) 5 jogos de suspensão; Henrique da Silva (Feirense), Vitorino Graça (União de Lei-

ria) e José Martins (União Sport), 2 jogos cada. Na 3.ª divisão nacional dois jogadores sofreram 4 jogos de suspensão: Codeço (Casa Pia) e Manuel Rodrigues (Lusitano). Também Arsénio (Lusitano) sofreu um castigo de 3 jogos de suspensão. O Famalicão foi punido com uma multa de 3 mil escudos.

Zezinho o defesa central do Sporting que alinhou em Londres pelas «esperanças» sofreu ruptura de ligamentos o que o vai obrigar a um período de inactividade de (pelo menos) 3 semanas. Todavia só em Lisboa e depois de radiografado, se poderá determinar com exactidão qual a gravidade da lesão.

Stankovic segue amanhã para Bremen para «espionar» o Hamburgo: o regresso vai ser uma autêntica corrida contra-relógio: sai de Bremen no sábado à noite rumo a Hamburgo, onde apanhará um avião para Amsterdão; daqui voará no domingo de manhã para Lisboa, onde um automóvel o recolherá para o levar (em menos de 3 horas) até Aveiro.

Foram eleitos os novos dirigentes da Federação de Tiro e a tomada de posse tem lugar às 18 e 30 de amanhã. Nomes do Congresso: ten.-cor. Roberto Ferreira Durão, Manuel Del-fim Guerreiro, Artur Augusto Pinto Palavra Torres e Rui Romão da Cunha Ramalho. Direcção: Mário Fernandes Ribeiro de Oliveira, Carlos José de Sousa Bentes Pimenta, Francisco Vasconcelos Horta, Emilio Augusto Correia Felício e João Celestino da Conceição. Conselho Técnico: Pedro Silva Vila Real, Fernando Edgar Mendes do Carmo e Armando Carreira Nunes Henriques. Conselho fiscal: António Augusto Araújo Ramalho, José Mascarenhas Falcão e Henrique Morais Sarmento. Conselho jurisdicional: dr. Rogério de Oliveira Martins Pinto, dr. António Grangeiro Ferreira e César Silva Baptista.

Numerosos associados manifestaram, perante a direcção do Sporting, o desejo de se adiar a assembleia geral extraordinária marcada para amanhã, dada a circunstância

Continua na pag 17

im Boletim Boletim Boletim BC

Éxodo leonino

O prof. Rui de Oliveira foi dispensado pelo Sporting; a notícia foi ontem tornada pública e como facilmente se compreende provocou uma pequena «bomba» no mundo «leonino». Não apenas no do atletismo como também no do futebol.

Segundo notícias postas a correr o prof. Rui Oliveira havia

ASSIM VAI O TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 12, DE 23 DE NOVEMBRO DE 1975

Badaladas, 211 122 1xx x12x; Boa Nova, 2x1 121 12x 21x1; Notícias do Douro, 211 12x 11x 21xx; A Comarca de

Arganil, 211 121 112 211x; Calvalgada do Ritmo, 211 1xx 122 x111; O Distrito de Setúbal, 2xx 1x2 1x2 2x12; Estação

Rádio da Madeira, xx1 12x 11x 211x; Música e Desporto, 212 1x1 11x 21xx; O Concelho de Estarreja, 21x 12x 11x 2111;

Correio de Coimbra, 2x1 121 12x 2111; Ecos do Desporto, 2x1 12x 11x 2x1x; Correio do Vouga, 21x 121 121 1111; A Defesa, 2x1 121 1x2 21x1;

Diário de Coimbra, 21x 122 1x2 211x; Diário de Lisboa, 2x1 12x 1x2 2211; O Distrito de Portalegre, 21x 122 x11 x211; Ecos de Cacia, 211 12x 1xx 2121;

Estrela da Manhã, 211 12x 11x 2211; Eu Sei Tudo, 12x 12x 112 x1xx; Folha do Domingo, 2x1 122 1xx x111; Madrugada, 212 12x 112 21xx; Movimento, 2xx 112 1x1 222x; Jornal Desportivo, 21x 122 x1x 211x; Jornal da Beira, 211 122 1xx 211x;

O Jornal de Felgueiras, 21x 121 11x 2111; O Jornal da Lixa, 211 122 x1x 11x1; Jornal de Sintra, 2x1 12x 11x 2xxx;

Notícias de Viseu, 21x x2x 12x 21x2; Jornal de Lafões, 21x x2x 12x 21x2; O Mensageiro, 211 12x 1xx 21x1; Mundo Desporti-

vo, 211 12x 11x 2111; Linhas de Elvas, 111 xx1 x1x 2xx2; Maria da Fonte, 21x 12x 11x 2x1x; O Norte Desportivo, 2x2 12x 11x xx22; Notícias de Chaves, 211 122 121 xx1x; Notícias de Évora, 211 12x 11x 2111;

Notícias de Felgueiras, 2xx 22x 1xx 1xxx; Notícias de Gouveia, xx1 122 122 2xx2; Póvoa de Lanhoso, 211 122 1x1 2122;

Preença Coimbra, 21x 122 1x2 211x; Rádio Altitude, x11 12x 112 11x1; Reconquista, 211 12x 1x1 2111; Renovação, 2x1 12x 112 2112; Encontro Musical, 211 122 122 2111; A Voz das Beiras, x1x 12x 1x1 2112; A Voz do Domingo, 2x1 122 112 21x1; Voz de M. Lamego, 211 121 1x2 2212; Tudo Pode Acontecer — 1, 211 x2x 1xx 11xx;

Tudo Pode Acontecer — 2, 21x x2x 1x2 11xx; Tudo Pode Acontecer — 3, 2x2 121 11x x1xx; Tudo Pode Acontecer — 4, 212 x21 1xx 11xx; Tudo Pode Acon-

tecer — 5, 2xx x21 112 x1xx; A Rabeca, 21x 12x 1x2 22x2; Alvo Desportivo, 211 12x 1x1 xxxx; Auto Rádio, 211 12x 1xx 1111; Clube do Ar, 211 12x 11x xx12; O Comércio do Porto, 111 12x 11x x1x1; Diário do Porto, x11 121 111 xx1x; Estúdio 64, 21x 1x2 x2x 1111; Jornal de Notícias, 211 12x xx2 1xx1; Manchete Desportiva, 211 121 111 2121; Penalti, 211 121 112 x112; Placard Desportivo, x1x 122 1xx 11x1; O Primeiro de Janeiro, 211 12x 12x 2111; Programa Sem Nome, 211 121 111 22x1; Quadrante Desportivo, 21x 122 11x 2112;

Quadrante Norte, 211 122 1x2 2x12; Rádio Alvo, 211 121 11x 211x; Panorama, 2x1 121 11x 211x; Rádio Placard, 211 12x 1xx 1111; Rádio Sports, 211 121 111 1111; Resenha Desportiva, 21x 12x 11x 212x; Ritmo e Amizade, 21x 122 112 x112; Voz do Casa Pia, 211 12x 11x 2111.

	R E S U M O			B O L A S		
	1	2	3	1	2	3
1. BRAGA-BENFICA	1	0	05	1	1	1
2. CUR-PA-PA	1	12	1	0	1	1
3. PORTO-PA-PA	1	21	1	7	1	1
4. LEIRIA-PA-PA	1	1	1	10	1	1
5. BEIRA-PA-PA	1	1	08	1	1	1
6. ESTRELA-PA-PA	1	1	20	1	1	1
7. FARO-PA-PA	1	1	0	11	1	1
8. OLIVEIRA-PA-PA	1	1	11	1	1	1
9. CHAVE-PA-PA	1	10	22	2	1	1
10. LISBOA-PA-PA	1	1	11	1	2	1
11. LUTAS-PA-PA	1	1	1	1	1	1
12. ALMADA-PA-PA	1	1	10	1	1	1

PORTUGAL, 1-INGLATERRA, 1

A pirâmide caiu em pedaços

Ontem, se Nené tivesse comprado toda a lotaria, não haveria sorteio. Era a noite do seu azar: o pino de um fatalismo como raras vezes voltará a repetir-se em campos de futebol. Enfim: foi o varrer do pano sobre toda a campanha programada, quase a computador, em que se despendeu um orçamento inaudito para nada colher.

Em matéria de chuto na bola, vivemos no signo do 1-1: juniores, esperanças, seniores, ou não passam disso ou *co-mem* pela medida grande. Ontem, num Alvalade frio como gelo (no final, as almofadas a tombarem no relvado foram às centenas...) os pontapeadores mais bem pagos de Portugal não fugiram da cepa torta, em perfeito símbolo de nulidade ante um grupo de ingleses de segunda ou terceira apanha. A ilusão última, de entrarmos no furgão de bagagens do comboio europeu, esfumou-se. Foi por água abaixo: castigo para quem colocou chancela num dos piores jogos de sempre de qualquer selecção feita por cá, a alto nível profissionalizado. Isto, embora os esforços de quatro ou cinco rapazes (Damas, Alves, Tai, Batista, Rodrigues) procurassem remar contra a maré do infortúnio ou da inépcia. Pese a carapça a quem a enfiar.

FALENCIA

Perante aquele *timito* britânico que nada tinha de sentido colectivo, e, em matéria de traquejo técnico, ficava a léguas de qualquer par do Reino, o grupo de futebolistas das quinas não foi além de um golo de «livre» (impecavelmente marcado pelo infortunado vimaranense Rui Rodrigues) em troca de outro tento do mesmo feitio, obra e graça de um médio-defesa que recebeu a melhor colaboração de uma barreira aos tremeliques, de onde o pé de Freitas fez a tração-mor a Damas. Os *sires*, condescentes (ou prevenidos da não concretização dos dianteiros lusos) brincaram com o meio-campo português e ainda tiveram força e talento para ensarihar uma defensiva onde o apático Rebelo foi o cume da falência: aliás, mais que esperada, em face do rendimento dado nas Antas e daquilo que tem feito esta temporada ao longo do campeonato.

Todavia, com um atirador qualquer mais perfeito que Tamagnini Nené, o «team» escolhido por José Maria Pedroto conseguia a «goleada» da sua história: porque apenas o guarda-redes inglês (Clarence de nome próprio) revelou categoria idêntica à dos saudosos *craques* que, se a memória não nos atraiçoa, costumam ser exportados da pátria do futebol. Simplesmente, o comandante da tabela para a «Bola de pra-

ta», não atinou (uma só vez que fosse) com o rumo das balizas adversas: e a torrente de golos que faliu (três? quatro? cinco?) foi de tal monta que, se fôssemos a ele, corríamos hoje ao endireita da Esperança ou à Penha da Nazaré, de ar



Rui Rodrigues: nada a fazer

contrito e vela na mão. O desfecho da sua improficiência em Alvalade, junto à falta de acerto na cobrança do «penalty» das Antas, ficam como manchas na eliminação portuguesa do «europeu», para cuja finalização (em termos de excelência) se gastou dinheiro a rodos, se fizeram passeios a esmo, se remeteram *espídes* por tudo o que era lado. Só que, nos planos mais sabidões, ninguém se lembrara de ensinar ao goleador primeiro do torneio nacional, como deveria fazer golos ao serviço da selecção.

E evidente que, à saída do anfiteatro-casa dos «verdes», tudo eram setas contra o melhor rematador benfiquista do momento. E (benza-o Deus) ele foi um bocadinho culpado disso, dada a inépcia que patenteou na zona da verdade: mas (ponha-se na sua conta-corrente) quem, mais do que ele, desejaria redimir-se da falha no Porto e obrigar a multidão que continuamente o assobiava, a engolir o *apito* e a vergar-se à sua habilidade?

Assim, a culpa do quase zero da selecção, terá de se distribuir por outras paragens, sem nos determos com o gume da navalha apenas apontado para o homem mais facilmente atacado pela muralha humana de Alvalade. Outros nomes tão famosos e tão bem pagos como

em modo tático. Ao abandono forçado de Rui Rodrigues, que estava a ser impecável na cobertura da área mais difícil de governar, sucedeu a queda facial do nosso blocozango, apesar de se ter remediado uma das grandes brechas (saída de Rebelo e entrada de Taique se movimentaria rapidamente para a primeira fila) e do substituto do vimaranense (Carolino) não ter comprometido por aí além a obra no seu sector.

CONSIDERAÇÃO

A gente das bancadas interroga-se, dia a dia, sobre se os *entronizados* praticantes de futebol da nossa terra autorizam (ou não) que se comente, em termos correctos (entenda-se) as suas exhibições. Dizem eles (ainda ontem *alguém* o fez pela Rádio...) que as críticas são *destrutivas*. Porquê, Octávio? Será que essas críticas (benevolentes ou exactas?) não o conduziram a um poleiro que fica bem perto dos cem contos mensais?

Enfim: pequeninos superdeuses (de vida efêmera), viajam entre a Rocha Tarpeia e os ombros do pagode. São como actores de qualquer palco: sujeitos a pateadas ou eufóricos na hora do bis. Mas (que todos se acautelem) nenhum vive na eternidade dos andores. São, como nós, como toda a gente, feitos de carne e osso, com nervos e sangue à mistura, montados em esqueletos que se desfazem em pó umas semanas depois de regressarem à terra de onde brotaram. Desse modo, falíveis como toda a gente, terão de aceitar os itinerários entre o topo das escalas e o zero mais triste, desde que as apreciações a seu respeito sejam feitas em tom honesto e convicto, fruto daquilo que ficou nos olhos e na consciência de quem por elas assume responsabilidade. Porém, esse mau feito de alguns *amigos*, sempre que notam que não existe permanente vassalagem dos lacaios da escrita, é produto cozinhado e emalhamado em palmadinhas nas costas dadas por agentes de publicidade (pode confirmar-se o termo, se alguém o pedir...) ou pseudodirigentes, que à custa de dinheiro ou de sorte, andam pelo mundo

Comentário

por NEVES DE SOUSA

abraçados aos *ídolos* de pé quebrado.

Isto (acredite-se) não vai direito só aos rapazes do «onze» de Pedroto mas a todos os artistas de qualquer ramo (inclusive aos escrevinhadores de prosa...) que não acatam, de boa mente, a infelicidade ou a pouca sorte de uma má interpretação. E (francamente) o arazoado vem na linha prolongada das palavras de Octávio, na manhã de ontem, aos micros do R. C. P. Quem as ouviu ficou (como eu) lamentando a sua impulsividade, a sua falta de calculismo, a sobranceira com que esqueceu os elogios de anos a fio, dados (honestamente e tranquilamente) pelos mesmos que, em outras ocasiões, foram obrigados a associar o nome do belo jogador de Palmela a «shows» em que a sua magnífica classe futebolística não esteve mergulhada na mediocridade e brilhou intensamente.

Deixemos este ponto da caravana e lembremos que, afinal, o jogo de Alvalade poderia ter sido uma redenção portuguesa e acabou por se catalogar vulgar de Lineu. Com um simples triunfo em cinco embates para o europeu (perante o debilitado Chipre onde impera o amadorismo) será que alguém tem coragem para embandear em arco? O único motivo de satisfação (refreada) reside no capítulo do entrosamento da selecção, na possibilidade que existe, de um dia mais afastado, a maioria dos preferidos por José Maria Pedroto poder dar alegrias aos adeptos do golo. Sem esquecermos (porém) que o empate de Wembley, tão cantado em todos os tons, se deveu (sobre tudo) a uma fantástica defesa de Damas, o mesmo Damas (veja-se bem) que muita gente considerou co-réu nas Antas...

Ontem, perante uma arbitragem deplorável (do austriaco Linemayr) atingiu-se o intervalo já com o marcador firme. Uma *folha-seca* de Rui Rodrigues na cobrança (primorosa) de um *livre* abriu o activo. Uma barreira saltitante e mal formada ajudou Channon no 1-1. No meio disso, viu-se um meio campo português só com Alves, uma defesa só com Rodrigues e Freitas, um ataque a viver de lampejos (Moinhos) ou abnegação (Batista). No restante, nada e mais nada. Fora (é claro) os golos perdidos por Nené.

A troca de Rebelo por Tai, com a derivação de Artur para o seu verdadeiro posto poderia ter dado outro *ar* à defesa. Contudo, o azar de Rodrigues estragou tudo, já que ele estava a ser o melhor homem do seu conjunto e Carolino, sem a perfeição do moçambicano no executar dos lances, a mais não era obrigado. Daí que a segunda parte tivesse sido uma cópia fiel da metade inicial: golos perdidos, ai-Jesus entre os defesas. Damas a safar tudo o que era possível e (às vezes) até aquilo que parecia *milagre* do céu.

Fica tudo dito: saímos do europeu, sem qualquer êxito que seja um ver a Deus. E, como as coisas seriam diferentes se Nené (que tantas horas tem obrigado o comentador a aplaudir-lo com entusiasmo) não tivesse os santos apostados em carta de timbre negro....

Federação dos Sindicatos

dos Trabalhadores dos Lanifícios

e Vestuário de Portugal

COMUNICADO

CAMARADAS,

1. Como é sabido os senhores do Ministério do Trabalho queriam fazer sair uma portaria antioperária que suspendia o C. C. T. do Vestuário para os trabalhadores por medida das empresas com menos de 10 trabalhadores (sobre tudo costureiras e alfaiates).

Imediatamente marcámos a nossa posição através de dois comunicados e realizámos reuniões nalguns pontos do país tendo outras previstas para o próximo fim-de-semana, ao mesmo tempo que exigíamos ser ouvidos pelo Ministério.

A entrevista esteve marcada para ontem, 2.ª-feira, dia 17 às 19 horas. As 19 horas estávamos no Ministério dirigidos de Lisboa, Porto, Covilhã, Coimbra, Braga, etc.. Do sr. Marcelo Curto não se sabia apesar de ter sido ele a marcar a entrevista. Aquele senhor doutor ainda teve tempo para ir à TV aviar mais uma das quotidianas conversas em família com que o VI Governo nos tem brindado. Quanto a nós que esperássemos se quiséssemos.

Pois bem, decidiu-se não sair do Ministério enquanto não fôssemos recebidos. Toda a noite esperámos. As 10 e meia da manhã apareceu finalmente o sr. doutor Marcelo. Sabe o sr. dr. Marcelo, que já nos conhece há muito tempo que com os trabalhadores do sector têxtil não se brinca. E que só levantamos a voz quando temos força para o fazer.

CAMARADAS,

3. É com a certeza que nos é dada pela força e unidade de todos nós que vos podemos comunicar que a burguesia, representada na pessoa do sr. dr. Marcelo, foi mais uma vez vencida.

Assim, após breve troca de palavras passou-se à discussão dos casos concretos tendo ficado decidido:

- 1.º) A portaria antioperária não sairá — como sabem a portaria estava para publicação, o que foi suspensa imediatamente, pelo que os trabalhadores atingidos continuarão a receber pelo C. C. T., assinado pelo patronato;
- 2.º) As bases IV e V são revogadas — esta é mais uma vitória para os trabalhadores pois estas bases (acrescentadas nos contratos e não negociadas) estabeleciam uma discriminação entre empresas privadas e nacionalizadas e ao mesmo tempo permitiam a prática de acordos abaixo das tabelas em vigor. Esta revogação abrange os 3 C. C. T. do sector: Têxteis, Lanifícios e Vestuário.
- 3.º) Alargamento de âmbito — vai ser publicado o alargamento de âmbito do C. C. T. do Vestuário a todos os profissionais previstos nas categorias definidas no contrato. Foi também decidido alargar o âmbito do C. C. T. dos Lanifícios ao sector do Trapo.
- 4.º) Inspeções de trabalho — foi exigida a melhoria e rapidez das inspeções de trabalho tendo em vista o cumprimento integral dos C. C. T. Foi sobretudo exigida uma maior eficácia nos distritos do Porto e Braga (Têxteis e Vestuário) e da Guarda (Lanifícios) onde as inspeções têm sido feitas em pequeno número e por inspectores reacconários.

Foi também exigida a passagem de credenciais a dirigentes sindicais para efectuar inspeções.

- 5.º) C. C. T. das Tinturarias e Lavandarias — foram dadas garantias de avanço imediato da Comissão Técnica para estudo de uma portaria.
- 6.º) Despedimentos — irá sair um aditamento ao decreto sobre despedimentos garantindo a sua não aplicação desde que os C. C. T. sejam mais favoráveis — como nos C. C. T. do nosso sector.
- 7.º) Saneamentos à esquerda — exigida a imediata reintegração dos dois dirigentes dos Lanifícios do Norte da Fábrica Vaz Ferreira. Foram dadas garantias.
- 8.º) Agressões a delegados sindicais em Minde — foi exigido que o Ministério do Trabalho pressione o Quartel-General da Região Centro para dar andamento ao processo judicial contra os agressores de camaradas, dirigentes e delegados sindicais de Minde, em Julho, por altura da vaga reacconária naquela zona, já que oportunamente foi apresentada queixa com os nomes dos agressores e reacconários envolvidos no caso. Foram dadas garantias de que tal seria feito.
- 9.º) Documento de Ofir — foi informado o Ministério do Trabalho que as negociações com os Ministérios sobre a proposta dos Sindicatos para a reconversão do sector se prolonga já em demasia e que os trabalhadores se verão forçados a assumir formas de luta mais radicais caso o processo não avance no sentido da defesa dos seus interesses, pois só uma solução com base na nossa proposta pode efectivamente começar a dar resolução aos problemas e à crise do sector têxtil.

CAMARADAS,

4. Tudo isto foi conseguido porque mais uma vez os trabalhadores se decidiram a ultrapassar a burocracia e o legalismo burgueses.
5. Porém, camaradas, isto que poucas dezenas de dirigentes sindicais conseguiram na reunião com o dr. Marcelo tem apenas um significado — é o da incapacidade da burguesia governar (via VI Governo, C. R., AMI etc.) ante o irreprimível avanço do movimento popular, das massas trabalhadoras, no sentido da construção do poder popular e do Socialismo.

Esta vitória pontual significa que à força da razão que sempre está do lado dos trabalhadores se junta agora a força material e humana que obriga a burguesia, em pânico, a recuar. O exemplo da justa luta dos camaradas Metalúrgicos, da Construção Civil, dos trabalhadores rurais do Alentejo pelo Reforma Agrária e de dezenas de outras lutas dispersas, a impressionante manifestação de 16 de Novembro que fez o almirante inheiro de Azevedo e todos os reacconários terem de engolir as suas provocações acerca das «minorias», deve ser seguido e continuado.

- CONTRA O DESEMPREGO, CONTRA A CRISE DOS PATRÕES
- APLICAÇÃO DO PLANO DE OFIR!
- PELO PODER POPULAR, PELA REVOLUÇÃO SOCIALISTA!
- EM FRENTE NA OFENSIVA POPULAR ATÉ À VITÓRIA FINAL!

ass.) GABINETE DE INFORMAÇÃO
Leonel Galamba de Oliveira



Continuação da pág. 16

se efectuem nesse dia o jogo de basquetebol Sporting-Que-luz, (decisivo para a atribuição do título de campeão regional) e o encontro de hóquei em pa-

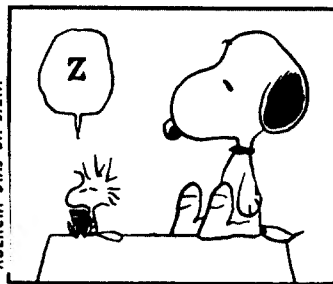
O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Ronda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.

Geral

CANÇÃO PORTUGUESA PREMIADA NA U.R.S.S.

SOCHI (União Soviética), 20 — (Tass, Anop) — Os cantores portugueses José Barata Moura e Luísa Basto foram premiados no Festival Internacional de Canções Políticas, hoje terminado na estância soviética de Sochi.



AGÊNCIA DIAS DA SILVA

2051

ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

Continuação da pág. 2

poderes totais para a Junta Governativa (dos Açores). Mais: pede um referendo. Isto na Constituinte!

Somos informados por Vasco da Gama Fernandes, deputados, público e imprensa, que vai haver mais reforços policiais para a segurança da Constituinte.

Mas seria ainda Cardia a estar na mira de Vital Moreira.

As palavras são claras: «Se um determinado discurso político define como inimigo da Revolução certas pessoas ou instituições, o significado desse discurso não está apenas em identificar esses inimigos; está também na exclusão, pelo silêncio, de outras pessoas ou instituições como inimi-

gos».

Neste sentido que dizer «realmente de uma intervenção ontem produzida nesta Assembleia em que se atacou ou acusou o Presidente da República, o C.E.M.E., o comandante do Copcon, e algumas unidades militares, tal como a P.M. — qualificada como «força fascista» — o Ralis, a E.P.A.M. e outras mas em que não se produziu uma palavra contra Spínola, contra Alpoim Calvão, contra o E.L.P. e o M.D.L.P., contra o A.M.I. ou contra os chefes militares reaccionários do Norte e dos Açores?» Se o povo afirma: diz-me com quem andas, dir-te-ei quem és, em política pode-se concluir: diz-me quem atacas, dir-te-ei quem defendes».

R. R.

CHANTAGEM — ACUSAM P.C.P. E M.D.P.

Continuação da pág. 1

P. — «A solução da crise passa, como o P. C. P. tem defendido, pela reunificação e reestruturação do M. F. A., pela unidade das forças revolucionárias, pelo reforço das posições da esquerda nos órgãos do Poder político e militar.»

Considerando que «urge desmascarar e dar combate às manobras e chantagens da direita» de que a auto-suspensão do VI será exemplo, e ainda que «urge reclamar, energica e maciçamente uma saída revolucionária para a crise político-militar», o P. C. P. convoca desde já para uma concentração em Belém, hoje, a partir das 15 horas.

Para a qual se espera que a convocação vai ter sequência na adesão em perspectiva não só da generalidade das forças

políticas de esquerda mas também, e principalmente, dos órgãos representativos da população trabalhadora, desde os seus locais de trabalho, principalmente em Lisboa e na cintura de Lisboa.

Palavras de ordem que o P. C. P. propõe desde já para o que pode tornar-se uma grande manifestação a partir de uma intensa mobilização popular: «Não à política de chantagem do VI Governo», «Reacçãoários fora do Governo, já», «Suspensão é demissão», «Governo ao serviço da Revolução», «Unidade Revolucionária do M. F. A.», «Unidade dos trabalhadores e de todas as forças revolucionárias.»

O comunicado provém do Comité Central do P. C. P.

M D P / C D E

A Comissão Central do M. D. P. / C. D. E. distribuiu um comunicado através do qual considera que a decisão do VI Governo de suspender as suas funções «constitui um evidente acto de chantagem sobre os órgãos do poder militar, nomeadamente o Conselho da Revolução, que reúne hoje, para acentuar o peso das forças de direita neste órgão de decisão».

O comunicado termina com um último apelo para uma concentração, hoje, a partir das 15 horas, em frente ao Palácio de Belém «para expressar a firme decisão das massas populares que, contra golpes e manobras defendem a Revolução».

FALÊNCIA»

«O que o VI Governo faz é ameaçar o Chefe do Estado — diz o M.U.T.I., através de uma nota emitida pelo seu Secretariado, esta manhã, acerca da situação produzida pela auto-suspensão do VI, de madrugada. — «O que ele pretende é obrigar o Presidente da República a enveredar por um caminho de repressão contra o povo trabalhador, condição que põe para voltar a governar.»

Falando de «chantagem», de «denegação» e «declaração de falência», o M.U.T.I. sugere ao VI «que não selimite a interromper a sua desgraçada política. Que tenha a hombridade de se demitir! Ele quer continuar, mas, se continuasse, não passaria de ser «o cadáver adiado que procria», no dizer do poeta».

S. U. V.:

«Os reaccionários do VI Governo pretendem, tal como nos tempos de Salazar e Caetano, usar as F. A. como forças repressivas ao serviço da burguesia contra as massas trabalhadoras e o povo», lê-se num texto esta manhã emitido e posto a circular pelos núcleos S. U. V. de várias unidades da R. M. L.

Para os S. U. V., a decisão do VI «corresponde a uma grosseira chantagem política que tem em vista pressionar o Presidente da República e o Conselho da Revolução a tomar medidas contra-revolucionárias e fazê-las apoiar pelas Forças Armadas».

Em SILVES o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ D. SANCHO I

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava limpo e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	8°
COIMBRA	8°
LISBOA	8°
FARO	8°
FUNCHAL	18°

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL

Máxima

PENHAS DA SAUDE

Mínima

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	14,8°
Atmosfera	9,0°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

4.45	3,9 m	10.22	0,8 m
17.04	3,8 m	22.34	0,9 m

Dia 21

5.17	3,9 m	10.58	0,8 m
17.38	3,7 m	23.09	0,9 m

Dia 22

5.50	3,9 m	11.36	0,9 m
18.14	3,7 m	23.48	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente limpo; vento fraco; condições favoráveis à ocorrência de nevoeiro nas terras abrigadas do interior.

AMANHÃ

NAScer AS 8.25
OCASO AS 18.20

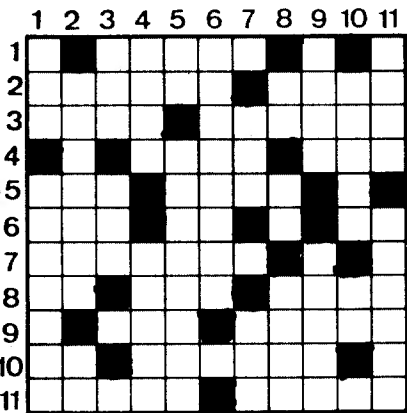


palavras cruzadas

COM PROVERBIO
PROBLEMA N.º 11241

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Duração. Tempo do verbo ser. Artigo definido.
- Continuai. Doutoras.
- Tosta. Apelido.
- Tragédia de Shakespear. Agora.
- Rato. Senhoras.
- Pronome pessoal. Pronome pessoal. Abreviatura que se usa em música.
- Ataram.
- Sufixo que designa estado. Jogo de cartas originário de Espanha. Vais pelo ar com grande velocidade.
- Diapásio. Afagos.
- Satélite de Jupiter. Nó corrediço que se desata facilmente.
- Arejar (Bras). Cures.



VERTICAIS:

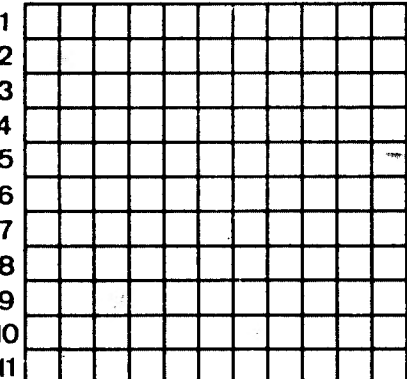
- Reza. Cronómetro.
- Estudante. Sufixo que designa estado.
- Bigorna de aço sem hastes. Animal doméstico (inv.).
- Substância gordurosa de composição análoga à do éter e do álcool. Aguçã.
- Ruim. Adubar (terras).
- Trilharias.
- Agora. Conjuncção.
- Contracção da preposição de com artigo definido. Catedral. Existência.
- Engano. Engomar.
- Que é do ar. Preposição e artigo definido.
- Serra de Portugal. Filtras.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 7401

HORIZONTAIS:

- Em Goa, herdeiro. Talho.
- Tocar de leve. Transfere para outro dia.
- Arsenal.
- Miriar. Irmão de Moisés. Cômico (s.q.).
- Gosta muito de. Sadias. Arara.
- Pronome pessoal. Cruel.
- Plantio de amêijoas. Tesouros.
- Bata com o marrão.
- Olé. Rema para trás. Nome que se dá ao comboio expresso de Paris.
- Resíduo. Freguesia do concelho de Setúbal.
- Cantigas. Jogo dianteiro das carretas de artilharia.



VERTICAIS:

- Peça de teatro. Nome de fruto.
- Preposição e artigo definido. Estimem. Ver.
- Levanta. Género de Maomé. Agarrei.
- Palmeira silvestre. Medida de líquidos da Alemanha. Basta.
- Manas. Lactadas.
- Jarro (planta). Zomba.
- Rostos. Em má hora (ant).
- Aversão. Greda branca. Distar.
- Esteiro. Heroína francesa que foi queimada viva. Ruído.
- Basta. Cruel. Artigo indefinido.
- Gênero de moluscos acéfalos comestíveis. Nome de certa espécie de matéria corante.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11239

HORIZONTAIS

- O. TRABALHO.
- Ameacará. If.
- Sombrio. Crê.
- Piar. Prol.
- Crê. Sra. Asi.
- Crê. Ms.
- Valadim. Pi.
- Divã. Ar. Ma.
- Arã. Atura.
- Asilo. Ad.
- Ar. Ro. Marre.

VERTICAIS

- Oásis. DÁ. A.
- Mo. Virar.
- Temperavas.
- Rabi. Ala. Ir.
- Acrás. Aló.
- Bairrada.
- Aro. Ira.
- La. MM. Tua.
- Crás. Mu.
- Oiros. Parar.
- FELICIDADE.

PROVERBIO: O TRABALHO DÁ A FELICIDADE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 73101

HORIZONTAIS

- Pinga. Agora.
- Amais. Matos.
- Li. Gã. Ag. Sc.
- Atua. Orço.
- Am. Sia. Ia.
- Age. Sim.
- It. Ar. Ta. Ar.
- Galga. Agata.
- Iria. Oram.
- Dia. Sem. Aca.
- Amigo. Auras.

VERTICAIS

- Pala. Rígida.
- Imita. Tarim.
- Na. Uma. Liai.
- Giga. Gaga.
- Asa. Será. So.
- Vi. Fé.
- Amã. Asta! Ma.
- Gago. Iago.
- To. Rim. Arar.
- Rosca. Ataca.
- Asco. Aramas.

BARS BOITES

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13 T. 364859/368197. Joanne Duplex Stripteaseuse rodesiana CASINO ESTORIL — Jogo autorizado.

HIPOPOTAMO

Programa em onda média 2 — 397m 755 khz
20.30 Música de câmara de Beethoven. Sonata n.º 32 em dó menor, op. 11. Duo p.ª viola e violoncelo em mi bemol maior.
21.11 Música de bailado. «O Beijo da Fada» bailado em 4 cenas de Stravinsky.
22.00 Concerto de câmara. Oferenda musical (Bach).
23.00 Missa de Requiem (Liszt).
23.52 Solos de cravo. Passacaglia em ré menor (Fischer) por Rafael Puyana.
24.00 Música sinfónica. Sinfonia n.º 31 em ré maior «Paris» (Mozart). «Pelleas e Melisande» poema sinf. de Schoenberg.
01.00 Fecho.
Programa estereofónico (MF 2 — 94,3 MHz)
21.00 Música ligeira variada.
22.00 Intercâmbio musical. Festival de Bregenz de 1975, em gravações cedidas pela Radiofusão Austríaca.
23.00 vações cedidas pela Radiofusão Austríaca.
23.00 A grande música negra por José Duarte.
24.00 Fecho.
RÁDIO CLUBE
Emissor de Lisboa Onda média

299,18 m — 10 034 KHz — Emissão contínua. Emissor de Miramar (Porto) Onda média 283,6 — 782 KHz. Emissão contínua.
Modulação de frequência
16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.05 O nosso programa
19.05 Em órbita 1
20.30 Boa noite em FM
22.02 Auditório musical
00.05 Em órbita 2
01.05 Banda sonora Sonipol
02.05 Perspectiva
03.05 Madrugada
06.00 Diário rural
07.03 Hora sete
EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA
Clube Radiofónico de Portugal
Das 10.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00
Rádio Voz de Lisboa
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00
Rádio Peninsular
Das 12.00 às 14.30
Rádio Graça
Das 14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNOS 1
TODA A NOITE
ALCANTARA
 Lupi Nogueira, R. da Creche, 4-10 (tel. 631635).
ALFAMA
 Anunciada, Rua do Vigário, 74 (tel. 866360).
AREIRO
 Galeno, Avenida Oscar Monteiro Torres, 38-A (tel. 774920).
BAIRRO ALTO
 Veritas, Rua da Misericórdia, 135 (tels. 324554-327563).
BAIRRO DA ENCARNACÃO
 Zira, Praça das Casas Novas lote 66 (tel. 310172).
BENFICA
 Marques, Estrada de Benfca, 648 (tel. 700096).
CÁMPO DE OURIQUE
 Urbano de Freitas, Rua Silva Carvalho, 1-9 (tel. 662838).
CONDE REDONDO
 Branco, Avenida Duque de Loulé, 61-65 (tel. 45048).
ESTEFÂNIA
 Delio, Rua Açores, 32 (tel. 52388).
LUMIAR
 Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (tel. 790942).
PENHA DE FRANÇA
 Europa, Avenida General Rôças, 27-A (tel. 843880); Zema, Rua General Justiniano Padrel, 21 (a Calçada dos Barbadinhos) (tel. 832580).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
 Sagres, Avenida Luís Bivar, 69 (tel. 47213).

TURNOS 2
ATÉ ÀS 22 HORAS
ALTO PINA
 Eusil, Rua Barão de Sabrosa, 104 (tel. 841912).
ALVALADE
 Libia, Avenida da Igreja, 4-B (tel. 711681); Chinde, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel. 710331); Aguiar, Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A (tels. 768343-764629).
AVENIDAS NOVAS
 Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (tel. 40592); Dalva, Avenida Duque d'Ávila, 125 (tel. 45225).
BAIRRO DA LIBERDADE
 Salutar, Rua B, 75-A (tel. 683694).
CAMPOLIDE
 Findor, Rua D. Maria Pia, 514 (tel. 687949).
LAPA
 Rodrigues e Aires, Rua da Lapa, 52 (tel. 662246).
MARQUES POMBAL
 Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641).
MOURARIA
 Ferrão, Rua da Mouraria, 12 (tel. 860484).

RATO
 Janeiro, Avenida Álvares Cabral, 100 (ao Liceu Pedro Nunes) (tel. 661453).
RESTELO
 Higilux, Rua de Pedrouços, 50 (tel. 610280).
XABREGAS
 Madre de Deus, Rua da Margem, 15-B (tel. 382470).
LINHA DE SINTRA
AMADORA
 Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); Flama, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149).
DAMAIA
 Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523).
QUELUZ
 André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841).
CACÉM
 Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181).
MEM MARTINS
 Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103).
S. PEDRO DE SINTRA
 Valentim (Tel. 980456).
SINTRA
 Marrazes, Estefânia (Tel. 2930058).
COLARES
 Abreja (Tel. 299088).

LINHA DE CASCAIS
ALGÉS
 Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Tel. 2113953).
CAXIAS
 Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839) Toda a noite.
CARCAVELOS
 Central, Até às 24 horas.
OEIRAS
 Alcântara Guerreiro, P. Residencial dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Tel. 2430691) Até às 22 horas.
PEREIRA
 Brandão, R. da República, 77-C (Tel. 2471054) Toda a noite.
S. JOÃO DO ESTORIL
 S. João, Quinta da Carreira, 29-A (Tel. 261186) Até às 22 horas.
MONTE ESTORIL
 Lopes, R. Hangar, 3 (Tel. 260008) Toda a noite.
CASCAIS
 Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141); Cascais, R. Conde de Monte Real, B.º Caixas (Tel. 282407) Toda a noite.

OUTRA BANDA
ALCOCHETE
 Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137).
ALHOS VEDROS
 Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020).
ALMADA
 Silva Júnior, Av. Eng.º Frederico Ulrich, 9-2.º Piso E (Tel. 2768030).
BAIXA DA BANHEIRA
 Aliança, Est. Nacional, 178-B (Tel. 2040302).
BARREIRO
 Soares, Av. da República, 1 (Tel. 2073023).
COVA DA PIEDADE
 Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 2750254).
MOITA
 União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (Tel. 239025).
MONTEJO
 Higien, R. José Joaquim Marques, 142 (Tel. 2310370).
SESIMBRA
 Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471).
SETÚBAL
 Bocageana, R. do Romeu (Tel. 23425); Bairos, B.º Santos Nicolau (Tel. 23330).
SEIXAL
 Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560).
PORTO
TURNOS 28
ATE ÀS 22 HORAS
 Navarro, Rua da Restauração, 53; Constituição, Rua da Constituição, 93; Ferreira de Carvalho, Rua do Bonjardim, 354; Padrao, Rua de Santo Ildefonso, 342; Ramos, Praça do Exército Libertador, 91; Figueira, Ld.ª, Rua de Cedofeita, 125; Parente, Rua das Flores, 114; Sousa Soares, Rua de Santa Catarina, 141; Vitoria, Rua de S. Roque da Lameira, 756; Sanil, Rua do Paraíso, 214.
A PARTIR DAS 22 HORAS
 Figueiredo, Ld.ª, Rua de Cedofeita, 125; Sousa Soares, Rua de Santa Catarina, 141 e Vitoria, Rua de S. Roque da Lameira, 756.
COIMBRA
 Adriana, P. da República, 22 (T. 23609); Oliveira, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (T. 22804); Universal, P. 8 de Maio, 35 (T. 23744).

cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
CASTIL
O BATER DE DOIS CORAÇÕES

BERNA
 T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
UM DIA DE SOL
 Um filme de Joseph Sargent
 Uma história de Amor... hoje para si que é jovem

APOLLO 70
 T. 763319 14, 16.30, 19, 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
BALBÚRDIA NO OESTE
 14.ª Semana
 Hoje às 24 h. Grupo D./18 anos
O FALHADO AMOROSO

ROXY
 T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15
 Int. a menores de 18 anos
 5 mulheres violadas!
 A sua vingança
ACTO DE VINGANÇA
 um filme de Robert Hellichian

PATHE
 T. 821933 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
A LINGUAGEM DO AMOR
 Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
 O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

ALVALADE
 T. 897480 15.30, 18.30 e 21.15
 Int. a menores de 18 anos
 O sexo, o sonho, a droga e depois...
O DIA DA VIOLÊNCIA
 um filme de Roger Carman

NIMAS
 T. 574362 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
 Int. a menores de 18 anos
PÂNICO
EM NEEDLE PARK
 O problema da droga num filme de Jerry Schatzberg
 C/ Al Pacino e Kittie Winn
 Prod. Dominick Dunne

MONUMENTAL
 T. 555131 15.15, 18.15, 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
SEMENTE DE TAMARINDO
 4.ª Semana
 Nas sessões das 15.15 e 21.15 Reportagem da visita do Senhor Presidente da República à União Soviética
CAMINHOS DA REVOLUÇÃO
 Prod. do Instituto Português de Cinema
 Real. de Jorge Cabral

D. JOÃO V
 T. 971794 21.00
 Não acons. a menores de 13 anos
A CULPA FOI DO NERO

UNIVERSAL
 T. 774402
 Não acons. a menores de 13 anos
 As 17.00 e 23.00 h.
SAM BIZANGA
 15.00 e 21.00
OS INCONFIDENTES
 As 19.00 h.
A LUTA DO POVO DE ANGOLA

IMPÉRIO
 T. 555134 15.15, 18.30 e 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
 Stephane Audran (Prémio Interpretção)
AS RIVALS
 (Les Biches)

EDEN
 T. 320765 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
 Int. a menores de 18 anos
O CAMPEÃO
 Shch Szu e Chin Han

TIVOLI
 T. 570595 15.15, 18.30, 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
«PAUL E MICHELLE»
 4.ª Semana
 Amigos... e Amantes
 Um filme de Lewis Gilbert

CASTIL
 T. 530194 Estreia às 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
O BATER DE DOIS CORAÇÕES
 c/Judah, Barkan - Nona Sillertein
 As 15.30 e 18.30
MADLY A OUTRA MULHER

CASINO ESTORIL
 T. 264621 17.00 e 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
TERNURAS DA VIDA CONJUGAL

ROYAL
 T. 665037 15.30, 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
TARAS BULBA

POLITEAMA
 T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30
 Int. a menores de 18 anos
AS CONFIDÊNCIAS DE UM LEITO MUITO ACOLHEDOR
 Contém cenas event. chocantes
 5.ª Semana de enchenes

ROMA
 T. 727778 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
 Int. a menores de 18 anos
JÚLIA E OS HOMENS
 este filme contém cenas eventualmente chocantes. 7.ª Semana

VOX
 T. 720808 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
 Não acons. a menores de 13 anos
TÃO SÉRIO COMO O PRAZER
 um filme de Robert Benayoun

CINEBOLSO
 T. 573407 12.30, 14.30, 16.45, 19, 21.30
 Interdito a menores de 18 anos
NUPCIAS DE PORCELANA
 contém cenas eventualmente chocantes 2.ª Semana

CARLOS MANUEL
 T. 771794 21.15
 Int. a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS

CALEIDOSCÓPIO
 T. 795093 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
O VIGILANTE
 Um filme de Francis Ford Coppola
 2.ª Semana
 «Watergate». Telefones em escuta...
A Violação da vida privada

CONDES
 T. 322523 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
 Para todos
 Em frente... RIR
SIM, SIM, MEU CORONEL
 C/ Jacques Dufilho e Aldo Maccionne

ODEON
 T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
 Int. a menores de 18 anos
 3.ª Semana do filme de alto nível espectacular
ISABELA DUQUESA DO DIABO
 c/Brianne Skay - a odisséia de uma jovem requestada e violentada

LONDRES
 T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
 A obra-prima do humor herótico
TARZOON

S. JORGE
 T. 54153/4 15.15, 18.15 e 21.15
 Não acons. a menores de 18 anos
 A sensacional comédia de Woody Allen 3.ª Semana
O A B C DO AMOR

AVIS
 T. 47163 15.30, 18.30, 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
A IRMÃ DA CASTA SUSANA
 Terry Torday, Glenn Saxon

SATÉLITE
 T. 562632 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
 Não acons. a menores de 13 anos
FELLINI 8 1/2

CINEARTE
 T. 660446 21.15
 Grupo D./ 18 anos
O NOSSO AMOR DE ONTEM

ESTÚDIO
 T. 555135 15.30, 18.30 e 21.15
 Não acons. a menores de 13 anos
UMA MULHER É UMA MULHER

ESTÚDIO 444
 T. 779095 14.30, 16.45, 19.00, 21.15
 Interdito a menores de 18 anos
ADOLESCENTE PERVERSA
 Com Jane Asher 4.ª Semana

EUROPA
 T. 661016 15.15 e 21.15
 Int. a menores de 18 anos
A LOJA DO SEXO
 Nathalie Delon e Claude Berrv

RESTELO
 T. 610375 As 21.00
 Int. a menores de 18 anos
OH CALCUTÁ

MUNDIAL
 T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
 Não acons. a menores de 13 anos
ESTADO DE EMERGÊNCIA

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADOQUE
 20.30 e 22.30 (18 anos)
 «A CIA dos Cardeais»
VILLARET
 21.30 (13 anos)
 «Pascoal»
CAPITÓLIO
 21.15 (18 anos)
 «Mostra-Me a Tua Piscina»
MARIA VITÓRIA
 30.30 e 22.45 (18 anos)
 «Força Força Camarada 25»
VARIEDADES
 21.15 (13 anos)
 «Adeus Valentina»
MONUMENTAL
 20.30 e 22.45 (18 anos)
 «Lisboa Acordou»
CAPITÓLIO
 20.30 e 22.5 (18 anos)
 «Mostra-Me a Tua Piscina»
CIRCO MARIANO
 21.45
 No Largo Martin Moniz
TRINDADE
 21.15 (10 anos)
 «La Boème»
COLISEU
 21.30 (13 anos)
 Noites de Moscovo
LAURA ALVES
 20.30 e 22.45
 «A Mão no Ar e o Pé Atrás!»
VILLARET
 20.30 e 22.45 (13 anos)
 «Pascoal»
TEATRO DO BAIRRO ALTO
 21.15 (13 anos)
 «Pequenos Burgueses»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
 21.15 (18 anos)
 «Emmanuelle»
PARIS
 21.00 (18 anos)
 «Duelo de Punhos»
JARDIM
 21.00 (18 anos)
 «Agulhas de Ouro»
MOSCAVIDE
 21.15 (18 anos)
 «A Bela Casta Susana»

IDEAL

21.15 (18 anos)
 «O Magnate»

LINHA DE CASCAIS

ESTORIL
 Casino
 17 e 21.15 (18 anos)
 «Ternuras da vida conjugal»
 Palácio
 21.30 (18 anos)
 «O Conformista»
CASCAIS
 S. Jose
 21.15 (13 anos)
 «O Bom Mafioso»
CASCAIS
 Oxford
 21.15 (18 anos)
 «As Confidências de um Leito Muito Acolhedor»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
 D. João V
 21.00 (13 anos)
 «A Culpa Foi do Nero»
SINTRA
 Carlos Manuel
 21.15 (18 anos)
 «Contos Imoriais»

OUTRA BANDA

COVA DA PIEDADE
 Clube
 21.30 (18 anos)
 «O Pirata»
ALMADA
 Academia
 21.15 (18 anos)
 «Ana, aquele particular prazer»
LARANJEIRO
 Instrução e Recreio
 21.30 (18 anos)
 «A mais brava vingança»
PORTO/Cinemas
RIVOLI
 21.15 (13 anos)
 «A Casa dos Diamantes»
CARLOS ALBERTO
 21.15 (18 anos)
 «As Mil e Uma Noites»

OLÍMPIA

21.15 (18 anos)
 «Karate em Hong-Kong»

PASSOS MANUEL

21.30 (13 anos)
 «Joe Hill»

VALE FORMOSO

21.15 (18 anos)
 «Como Cacas um Marido»

AGUIA DE OURO

21.30 (18 anos)
 «Pecados em Família»

S. JOÃO

21.15 (18 anos)
 «Pecados em Família»

COLISEU

21.15 (6 anos)
 «Musica no Coração»

TRINDADE

21.15 (18 anos)
 «Júlia e os Homens»

JÚLIO DINIS

21.15 (18 anos)
 «A Professora»

ESTUDIO

21.15 (18 anos)
 «Uma Jovem como Eu»

BATALHA

21.15 (18 anos)
 «Madly, a Outra Mulher»

ESTUDIO FOGO

21.15 (13 anos)
 «Stavisky-O Grande Jogador»

COIMBRA

AVENIDA

21.15 (18 anos)
 «O Último Verão»

GIL VICENTE

21.15 (13 anos)
 «Val Paraíso... Valparaíso»

S. TEOTÔNIO

21.15 (13 anos)
 «Roma de Fellini»

TIVOLI

21.15 (18 anos)
 «Pecados em Família»



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 65431/2/3/4
REDAÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUIZ SOBRINHO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBGA TELEX 12383
LISBOA-PORTUGAL

FALTA DE HUMILDADE

O VI Governo Provisório, possuído de um triunfalismo insensato, julga-se definitivamente. O VI Governo Provisório, embora reconhecendo não ter condições para governar, pára, desafia, grita, barafusta, mas não quer desistir. O VI Governo Provisório, que «veio para ficar», não quer admitir o seu fracasso e não recua perante o perigo de criar no País uma situação ainda mais grave do que a que vivemos.

O VI Governo Provisório, em vez de reconhecer humildemente a impossibilidade de se manter e que só lhe restava a possibilidade de se demitir, auxiliando assim a solução política, social e económica do País, teima em ficar na clandestini-

nidade, criando novos perigos e ameaças.

Quem fala em jogo democrático? Quem fala em encontrar uma plataforma? Quem fala em ultrapassar a crise? Quem fala em realidades e não em mitos? O VI não.

O VI julga-se o País real. O VI julga-se a única solução. O VI julga-se predestinado. Nós ou o dilúvio.

Mas um país e uma revolução têm dentro de si forças insuspeitadas capazes de vencer todas as crises, todas as ameaças e todas as provocações, a mais importante das quais se chama povo.

Humildemente invencível.

MANUEL DE AZEVEDO

Sá Carneiro

"FORÇA MILITAR DE ESQUERDA É UM MITO"

Numa conferência de Imprensa realizada esta manhã na sede nacional do P.P.D., o dr. Sá Carneiro afirmou pensar que os acontecimentos de Viseu em nada devem afectar as relações entre o P.P.D. e o P.S. Por outro lado o secretário-geral do P.P.D. criticou uma vez mais o P.C.P. o qual, segundo Sá Carneiro, tem qualificado em termos cada vez mais violentos o VI Governo de reacção mantendo-se, no entanto, no dito Governo. Considera o secretário-geral do Partido Popular Democrático que esta atitude é prova de «uma total incoerência política».

No que diz respeito à situação militar, Sá Carneiro afirmou a dado passo: «Receia-se muito a força das chamadas unidades militares de esquerda da região de Lisboa. Isso é um mito habilmente fomentado por certos jornais de Lisboa que

através de uma campanha de intoxicação, agitação e propaganda visam, com a ajuda de oficiais ligados à extinta V Divisão, à paralisação do VI Governo Provisório».

Sá Carneiro aproveitou esta conferência de Imprensa para anunciar aos jornalistas a visita que vai efectuar na próxima semana à Alemanha Federal onde se encontrará com Helmut Schmidt, com Willy Brandt e com outras personalidades políticas nas quais se inclui o ministro dos Negócios Estrangeiros alemão Hans Dietrich Genscher.

Um dos problemas focados nesta reunião com os órgãos de Informação foi o que diz respeito ao VI Governo. Segundo Sá Carneiro o Governo está decidido a não se demitir e se necessário for a mudar-se para o Norte para poder levar a cabo a sua tarefa.

TIMOR

Conversações este mês em Darwin

As conversações entre as facções rivais que lutam na colónia de Timor e o Governo Português, iniciaram-se, provavelmente, no próximo dia 24, na cidade australiana de Darwin. A estas conversações poderá estar presente uma delegação do Governo indonésio, embora não haja confirmação quanto a este ponto. Desconhece-se também se a auto-suspensão do VI Governo não influenciará na discussão do problema timorense, obrigando ao seu adiamento.

Da parte da Fretilin reina um certo optimismo quanto ao próximo desfecho da crise no Timor-Leste, cujo território aquele movimento anuncia controlar novamente, depois de recentes derrotas militares impostas aos movimentos rivais — o M. A. C. e a Apodeti. Sabe-se que a Fretilin propôs,

nos últimos dias, avistar-se directamente com o ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Adam Malik, mas que a proposta foi recusada, dado que Jacarta só reconhece Portugal como interlocutor de qualquer dos três movimentos.

As relações entre a Fretilin e o Governo Português parecem, no entanto, não serem as mais favoráveis, como ressalta de um telegrama que teria sido enviado a Lisboa por aquele movimento e no qual se ameaça reconsiderar as ligações entre as duas partes. Esta atitude da Fretilin resultaria do facto daquele movimento considerar que Portugal não tem mostrado grande interesse na realização das anunciadas conversações, embora as condições para as mesmas estejam completamente criadas.

NUM AMPLO MOVIMENTO DE MASSAS

Militares e civis ao lado do general Otelo

A tentativa de afastamento do general Otelo Saraiva de Carvalho do comando do Copcon, primeiro passo para a sua marginalização, desencadeou um enorme movimento de solidariedade revolucionária e apoio ao comandante do 25 de Abril, tanto nos sectores militares como civis.

Através de moções, cartas, telegramas e das formas mais diversas, o Povo trabalhador faz sentir ao general Otelo que está ao seu lado para a defesa da Revolução.

A Federação dos Sindicatos Metalúrgicos enviou ao comandante do Copcon o seguinte telegrama: «Representação 200 mil operários metalúrgicos estamos contigo contra manobras direitas.

«Queremos companheiro Otelo — contacto militares/Povo. Queremos companheiro Otelo Copcon/Região Militar Lisboa. Promoção é traição. Otelo Amigo trabalhadores estão contigo. Não cedas. Unidos vitória é certa. Federação Sindicatos Metalúrgicos.»

A mesma Federação enviou também ao Presidente da República um telegrama do seguinte teor: «Federação Nacional Sindicatos Metalúrgicos representação 200 mil operários protesta contra tentativa afastamento general Otelo comandante Região Militar Copcon pretexto promoção. Seria alta traição trabalhadores portugueses. Estamos seguros V. Ex.ª não cederá pressões direitas. Trabalhadores portugueses estão com Otelo comandante Região Militar Lisboa e Copcon».

Trabalhadores da Covina aprovaram uma moção em que saudam «calorosamente» o general Otelo e afirmam que ele «poderá contar com o apoio popular de massas e que, conforme o demonstrou no último domingo, a teoria já gasta das minorias ganha ressonância ridícula. A classe operária, como vanguarda da revolução, estará pronta, em plena aliança com todas as forças progressistas a avançar para outras formas de luta se a nossa Querida Pátria o exigir».

A direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Lisboa enviou também um telegrama ao Presidente da República em que «interpretando a vontade revolucionária da classe» apoia o general Otelo e denuncia manobras contra-revolucionárias militares exigindo demissão brigadeiro Pires Veloso e outros». Repudia energeticamente manobras separatistas e tentativas de golpe de Estado, exigindo afastamento do Governo dos elementos reacçãoários.

O secretariado dos C. D. R. da Banca emitiu um comunicado em que protesta com veemência contra todas as tentativas de saneamento à esquerda e afirma o seu total apoio à posição intransigente assumida pelo general Otelo Saraiva de Carvalho em manter-se no comando do Copcon.

A Comissão de Trabalhadores do Arsenal do Alfeite no seguimento dos últimos acontecimentos relacionados com o general Otelo Saraiva de Carvalho aprovou por unanimidade uma moção de apoio ao comandante do Copcon, repudiando as pressões a que tem sido submetido e solidarizando-se na «luta travada contra as forças de direita».

A Comissão de Trabalhadores dos estaleiros H. Parry e Son repudiou todas as manobras

contra os oficiais progressistas e apoiou «as posições agora defendidas pelo general Otelo e todas as que futuramente venha a defender, de apoio ao movimento popular de massas rumo ao socialismo».

APOIOS MILITARES EM MASSA

Do sector militar, Otelo recebe também apoios em massa. No Regimento da Polícia Militar foi aprovada a seguinte moção:

«1 — Considerando que se reforçam as ameaças e concluiões entre as forças da reacção e da direita, sinal de que a burguesia está em pânico e pretende a todo o preço, incluindo a repressão mais brutal, travar o movimento popular de massas na sua firme determinação de caminhar para a nova sociedade socialista;

«2 — Considerando que no âmbito militar se reflecte a actual situação contra-revolucionária destas forças através de pressões, manobras e ingerências dos partidos políticos representantes da burguesia, visando a divisão, o enfraquecimento e até a extinção de unidades progressistas e revolucionárias, e ainda o afastamento de militares que têm feito esforços para acompanhar a luta dos trabalhadores;

«3 — O regimento de Polícia Militar reunido em plenário no dia 19 de Novembro de 1975 declara:

« — A sua determinação em dar uma resposta firme a todas as provocações e manobras tendentes a liquidar ou enfraquecer a organização dos soldados.

« — Exigir a imediata extinção do A. M. I. e das companhias de mercenários.

« — Apoiar a reestruturação do Copcon no sentido de um reforço da sua acção para acompanhar e responder eficazmente às exigências da organização popular.

« — Não pactuar com qualquer alteração do comando do Copcon ou do comando da Região Militar de Lisboa.»

A Escola Prática de Transmissões, na sequência da tomada de posição de outras unidades aprovou também uma moção em que considera a tentativa de afastamento do general Otelo como um verdadeiro saneamento à esquerda. Declaram os militares desta unidade a firme intenção de se oporem a tal manobra.

Noutra moção repudiam «todas e quaisquer interferências da Assembleia Constituinte em assuntos militares e exigem a sua dissolução imediata». Num terceira moção repudiam qualquer tentativa de deslocamento da E. P. S. M. e E. P. A. M. da Região Militar de Lisboa.

Na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, realizou-se o 1.º plenário de praças, do qual nasceu uma Comissão Provisória de Soldados, que se encontrou com o general Otelo, a quem convidou para as cerimónias de juramento de bandeira dos recrutas daquela unidade.

ÓTELO DEITOU-SE AS NOVE DA MANHÃ

Ao contrário do que tinha sido anteriormente anunciado, o general Otelo Saraiva de Carvalho não se deslocou esta manhã à EPAM, em Lisboa.

Segundo um porta-voz do

Copcon, citado num telegrama, da agência Anop, a visita de Otelo à EPAM foi adiada uma vez que o comandante do Copcon e da RML só se deitou hoje de manhã cerca das nove horas, depois de uma noite de intensa actividade relacionada com a evolução da situação político-militar.

SARGENTOS ORGANIZAM-SE

Foi criada a ORS, Organização Revolucionária de Sargentos. «A organização nasce da consciência, por parte da classe de sargentos, de que perigos grandes e muito diversos ameaçam a revolução portuguesa iniciada em 25 de Abril e a construção do socialismo no nosso país» — diz um comunicado da organização, o primeiro comunicado que a organização emite. Falando de ameaças, os sargentos concretizam algumas das mais recentemente reveladas: «a substituição de militares verdadeiramente interessados no prosseguimento da revolução, a paralisação das estruturas democráticas do M. F. A., a criação do AMI e o recrutamento como mercenários de militares na situação de disponibilidade».

No que respeita a objectivos que a organização visa atingir, o comunicado diz que «a ORS é também uma organização que lutará pelo civismo, pela ordem e disciplina revolucionária e pela hierarquia da competência».

Prometendo que «oportuna» serão difundidas as normas de aderência à ORS das camaradas que, por uma ou outra razão, foram alheios à criação desta organização revolucionária, a ORS sauda todos os militares progressistas e, juntamente com a reafirmação da palavra de ordem «sempre, sempre ao lado do povo», assegura: «Daremos o nosso melhor para congregarmos todos os sargentos e furiéis realmente interessados na luta pela construção do socialismo pelo fim da exploração do homem pelo homem».

RALIS NÃO DEIXA DINIS DE ALMEIDA SAIR

«Considerando a gravidade da actual situação político-militar», os militares do RALIS decidiram não permitir que Dinis de Almeida saia da unidade, não consentir na sua substituição como comandante do grupo operacional — seja por quem for — reafirmar de forma inequívoca o seu total apoio àquele militar revolucionário.

A resolução consta duma moção aprovada em plenário realizado ontem.

Outra moção igualmente aprovada, protesta vivamente contra a decisão que levou ao bombardeamento das instalações da Rádio Renascença e exprime «a mais completa solidariedade» dos militares do RALIS para com os trabalhadores da estação emissora ora silenciada.



CARLUCCI

A delegação de portugueses em Angola, que dias antes da independência esteve em Lisboa onde se avistou com elementos do VI Governo e entregou a Costa Gomes uma moção de apoio ao M. P. L. A., fez significativas revelações à sua chegada a Luanda. Contou, nomeadamente, que numa altura em que se encontrava junto do ministro Vítor Crespo, perto do seu gabinete, apareceu o embaixador Carlucci. Surpresos, ouviram do próprio ministro a informação de que o diplomata norte-americano o visitava com frequência.

E. N.

A direita militar já encontrou maneira de substituir na Emissora Nacional os extintos programas da 5.ª Divisão. O carácter reacçãoário da nova informação é que parece espantar observadores menos prevenidos. Entretanto o locutor-entrevistador da Emissora Nacional, nomeado para tais programas — o tenente-coronel Ferreira da Cunha, é um dos responsáveis pela informação na Emissora Nacional. António Jorge Branco, terá sido escolhido pela amizade pessoal que o liga a Melo Antunes.

MATEMÁTICA ESPANHOLA

Há dias, um cálculo sobre a data da morte do «generalíssimo», espalhou-se rapidamente por toda a Espanha. Era este: Início da Guerra Civil: 18-7-36; Fim da Guerra Civil: 1-4-39. Somando-se, separadamente, os dias, os meses e os anos, o resultado indicava o 19-11-75. A conta teve um erro de apenas quatro horas.

O VI MORREU

Continuação da pág. 1
reitistas contra os progressistas; as tentativas sucessivas de «golpes constitucionais»; a certeza clara de que este VI Governo só precisava de um abanão decisivo para cair — e que esse abanão final nunca foi dado pelos trabalhadores porque estes têm a noção das suas responsabilidades e sabiam ser necessário construir uma alternativa revolucionária, a única admissível.

Sejam claros: o VI Governo «suspendeu-se», nas suas palavras, para evitar desesperadamente essa alternativa. Porque procura em último recurso uma alternativa não revolucionária. O Governo demitiu-se — dizemos nós — porque pretende concretizar o seu golpe constitucional. Terá a resposta que merece, na certeza de que a história não anda para trás. Aqui ao lado, morreu ao mesmo tempo o último ditador fascista da Europa.

